

VERA LUCIA DA SILVA ANTUNES

**LEITURA ARGUMENTATIVA E POLIFÔNICA DE LETRAS DO *RAPPER* MANO
BROWN**

Passo Fundo
2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

VERA LUCIA DA SILVA ANTUNES

**LEITURA ARGUMENTATIVA E POLIFÔNICA DE LETRAS DO *RAPPER* MANO
BROWN**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras, sob a orientação da Profa.Dr. Telisa Furlanetto Graeff.

Passo Fundo
2009

Ao meu esposo, João Alberto Antunes que sempre me apoiou, incentivou e me entendeu em todos os momentos da elaboração deste trabalho. Obrigada!

AGRADECIMENTO

A Deus, Fonte de Luz, e Sabedoria e Discernimento.

Aos professores, pelo espaço dialético de conhecimento e pelo respeito à pluralidade de pensamentos, pela contribuição que deram ao meu crescimento pessoal, acadêmico e profissional durante o período do curso;

A professora orientadora, *Telisa Furlanetto Graeff* que me impulsionou e se dedicou oferecendo subsídios, a qual transcendeu as exigências do seu papel e de sua responsabilidade.

Aos meus pais, pelos bons exemplos deixados, pela compreensão da minha ausência durante esse período.

Ao meu irmão, pela palavra certa na, na hora certa.

A minha irmã que compreendeu meu retiro nesse período, transmitindo pensamento positivo nas minhas horas de angústia.

Aos meus sobrinhos que mesmo sem entender o motivo de minha ausência e distração com eles, demonstraram seu amor e o espaço singular que ocupo em seus coraçoeszinhos.

“Não devemos dizer que terminamos, mas apenas dizer que completamos mais uma etapa” (Autor desconhecido).

RESUMO

Esta pesquisa visa à leitura de textos à luz da Teoria Argumentativa da Língua - ADL, proposta por Oswald Ducrot e Jean Anscombre em 1983. Assim, pretende contribuir para a qualificação do processo de ler, pelo viés da teoria argumentativa e polifônica, ou seja, explicitando como o sentido argumentativo pode ser construído na leitura das composições do *rapper* Mano Brown. Nesse sentido, apresentamos a cultura *hip hop* e sua importância; especialmente o *rap* que vem conquistando espaço com seu discurso peculiar, já incorporado à cultura brasileira; que, também, está sendo incluído no processo ensino-aprendizagem, respaldado legalmente pelo Ministério da Educação, visto que é reconhecida a importância da familiaridade dos jovens com formas de expressões típicas culturais. Identificamos, ainda, por meio da análise polifônica, a argumentação com que o locutor concorda, de que discorda, que assume e a quem se assimila. A ADL possibilita a leitura de textos, pelo viés linguístico, sendo já comprovado em trabalhos como: Delanoy(2008), Graeff(2005), Slaviero(2008), Barbisan(2009) entre outros. Nessa ótica, o tratamento da leitura é focalizado na linguagem em si, e não no extralinguístico. Nessa perspectiva, verificamos que imagens de si, da sociedade, do mundo, o locutor cria nas letras de *rap* pela argumentação que o discurso permite construir. As letras musicais analisadas possibilitam construir um percurso dos conceitos: detento; policial; crença; mano; estuprador; família; tempo; sociedade e de sistema que permite a compreensão da mudança de visão assumida pelo locutor. A posição do locutor oscila, essencialmente, quando se trata do eu-lambda, que a teoria ADL apresenta, relativamente às questões familiares e de sua comunidade. Nessas situações, o discurso perde qualidade de persuasão. Assim sendo, os resultados confirmam que, em se tratando de argumentação linguística – ADL, não é possível trabalhar com conceitos estabelecidos, ideia de veracidade discursiva, mas com possibilidades de encadeamentos ligados pelos conectores DC e PT. Enfim, tal trabalho nos leva a concluir que a aplicação da Teoria da Argumentação na Língua, essencialmente do conceito de polifonia, proposto por Ducrot, e de blocos semânticos, apresentado por Marion Carel, permitem, de forma eficaz, compreender os sentidos expressos nas letras ora analisadas e, conseqüentemente é possível empreender sua aplicação a outros gêneros textuais.

Palavras-chave: *rap*, leitura, encadeamento argumentativo, polifonia, blocos semânticos

RÉSUMÉ

La investigation recherche, initialement, pour présenter la culture *hip-hop* et sa importance, que faire ressortir, principalement, l'élément *rap*, qui conquiert espace avec son discours particulier, fusionner déjà à la culture brésilienne et le même a aussi le support légal de Ministère de l'Éducation nationale, parce que l'importance du caractère familier des jeunes est reconnue avec les formes d'expressions typiquement culturelles.

Tout de même cherche à contribuer avec le processus de lecture et l'interprétation de textes, particulièrement de ceux qui composent le repertoire de rapper Mano Brow, à la lumière de la Théorie de l'Argumentation dans la Langue – ADL, proposé par Oswald Ducrot et Jean Ascombre en 1983. La notion de *polyphonie* et d'argumentation, disponibles par ADL, la lecture et l'analyse des textes choisis, cela arrivera commençant du linguistique, autrement dit, de la langage en soi et pas dans l'extralinguistic, à exemple que c'est déjà arrivé dans d'autres oeuvres, comme Delanoy (2008), Graeff (2005), Slaviero (2008), Barbisian (2009), parmi d'autres.

Dans cette perspective, elle a cherché pour voir avec lequel le locuteur est d'accord, il n'est pas d'accord, il assume et à qu'il s'assimile, étant vérifié qui images de lui et de la société, c'est-à-dire, cette vision du monde, le locuteur a créé dans le *rap*. Les lettres de musique analysées ont rendu possible de construire un chemin des concepts de : policier, foi, frère, violeur, famille, temps, société et système et, particulièrement du détenue, permettant la compréhension du changement de vision assumé par l'énonciateur.

La position de le locuteur oscille, essentiellement, quand c'est le positionnement de lambda quant aux questions familière et de sa communauté; situation dans cela le discours perd sa qualité de persuasion. Comme cela, il peut être affirmé que les résultats obtenus confirment que, dans un examinant d'argumentation linguistique, il n'est pas possible de travailler avec des concepts établis, mais avec les possibilités des enchaînement, liés par le connecteur DC (donc) et PT (pourtant).

Finalement, il va indiquer que l'application de la Théorie de l'Argumentation dans la Langue, essentiellement du concept *polyphonie*, proposé par Ducrot et des blocs sémantiques, présentés par Marion Carel, il permet, d'une façon effective, comprendre les sens exprimés dans les lettres maintenant analysées et, par conséquent, étendre sa application les autres genres textuelles.

Clés de mots : RAP, lecture argumentative et polyphonie.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 CULTURA HIP HOP E SUA DIVERSIDADE	12
1.1 O RAP NA DIVERSIDADE DA CULTURA HIP HOP.....	13
1.2 O RAP NA CULTURA HIP HOP NO BRASIL.....	211
2 ANCORAGEM TEÓRICA	28
2.1 TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA & FUNDAMENTOS	28
2.2 TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA – DO MODELO “STANDARD” AO MODELO ATUAL.....	31
2.2.1 Fase <i>Standard</i> da ADL.....	31
2.2.2 Teoria <i>Standard</i> Ampliada: Teoria da Polifonia e dos <i>Topoi</i>	34
2.2.3 Teoria dos Blocos Semânticos	38
3 METODOLOGIA.....	48
3.1 SELEÇÃO DO “CORPUS”	48
3.2 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE.....	50
4 ANÁLISE ARGUMENTATIVA E POLIFÔNICA DAS LETRAS MUSICAIS.....	54
4.1 ANÁLISE DA LETRA 1: DIÁRIO DE UM DETENTO	54
4.1.1 Apresentação dos Resultados da Letra Musical: Diário de um Detento	65
4.2 ANÁLISE LETRA MUSICAL 2: HOMEM NA ESTRADA.....	66
4.2.1 Apresentação dos Resultados da Letra da Música: Homem na Estrada.....	788
4.3 ANÁLISE DA LETRA MUSICAL 3: NEGRO DRAMA.....	79
4.3.1 Apresentação dos Resultados da Letra Musical: Negro Drama.....	91
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	93
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	98
ANEXOS	102

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa visa a contribuir para a eficácia da leitura de textos. Neste trabalho, especificamente, o *rap*, que vem contagiando a população com seu discurso peculiar, já incorporado à cultura brasileira. Esse gênero é contemplado no processo ensino-aprendizagem, respaldado legalmente pelo Ministério da Educação - MEC, visto que é reconhecida a importância da familiaridade dos jovens com formas de expressões típicas culturais. Nessa perspectiva, é necessário fazer menção à importância do Mano Brown¹ no movimento *hip hop*.

Assim sendo, as análises têm como escopo conhecer e construir a visão de mundo do *rapper* Brown, a partir de seus registros musicais, logo, constituir a cosmovisão de sua comunidade *hip hop*. Também, buscam difundir a aplicação de conceitos e princípios da Teoria Argumentativa da língua - ADL² de Oswald Ducrot e Jean-Claud Anscombre (1983) e desenvolvida, atualmente por Ducrot e Marion Carel, as práticas de leitura.

A escolha do *corpus* deve-se a uma experiência vivida pela autora desta pesquisa quando atuava como professora na modalidade Educação de Jovens e Adulto - EJA. A escola em que trabalhava localiza-se em uma região periférica de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul. Seus moradores eram de classe sócio-cultural-econômica baixa. Os alunos não se interessavam pelas aulas, transgrediam as normas da escola e demonstravam desinteresse pelo ensino-aprendizagem. A realidade desses era dramática: desempregados, viciados, ex-

¹ O *rapper* Mano Brown, pseudônimo de Pedro Paulo Soares Pereira (nasceu em São Paulo, Brasil); é vocalista do grupo Racionais MC's, grupo de *rap* formado na cidade de São Paulo em 1988 e integrado por Mano Brown (Pedro Paulo Soares Pereira), Ice Blue (Paulo Eduardo Salvador), Edy Rock (Edivaldo Pereira Alves) e KL Jay (Kleber Geraldo Lelis Simões). Tornou-se uma grande lenda do cenário musical do Brasil devido a suas letras que falam da vida, na periferia, do pobre e negro no Brasil. Talvez seja o maior nome do *rap* nacional, junto com MV Bill, GOG, Thaide&Dj Hum. Brown é o principal letrista do conjunto, responsável pela composição de todos os grandes sucessos. Disponível: <http://ube-67.pop.com.br/verPagina.php?pid=58771>, 05 de julho de 2009.

² Usaremos a sigla ADL, correspondente ao nome da teoria em francês *Argumentation dans la langue*, para nos referirmos a essa teoria.

presidiários, entre outros. Nesse contexto, várias alternativas foram postas em práticas para seduzi-los a participar das aulas, mas o resultado não era satisfatório. Porém, um trabalho de pesquisa sobre a cultura *hip hop* foi uma luz para iniciar um processo de mudança desse contexto. Acreditamos que tal reação aconteceu graças ao estilo musical, pois o *rap* era o que eles costumavam ouvir; logo, as práticas de Língua Portuguesa foram sendo desenvolvidas, a partir desse gênero textual. O resultado foi significativo. Os alunos ficaram perplexos, porque não imaginavam que a escola pudesse dar crédito a esse gênero musical, a ponto de torná-lo tema das aulas. Após passar um tempo, os alunos confessaram ter repensado suas ações ilícitas, já cometidas, devido às reflexões e interpretações feitas nas aulas de Língua Portuguesa. Eles compreenderam a essência da cultura e a mensagem transmitida nas expressões. Em razão dessa experiência em sala de aula, a pesquisadora concluiu o curso de graduação em Letras com uma monografia sobre o contexto geral da cultura *hip hop*, em que se insere o *rap*.

Como as letras de *rap* apresentam características singulares, pretendemos verificar, se nesse trabalho é possível entender os sentidos produzidos nas letras musicais, sem considerar o contexto extralinguístico, pois as análises desenvolvidas no trabalho monográfico, citado acima, consideramos as ideologias do movimento. Queremos nesta proposta verificar que imagens de si, da sociedade o locutor cria nas letras de *rap* pela argumentação que o discurso constrói.

Durante o estudo da ADL, deparamos com a possibilidade de utilizá-la para compreender os sentidos dessas letras musicais, conferindo que argumentações são construídas, apontando as que se mantêm e as que oscilam, nas diferentes letras; ainda, os conceitos constituídos no discurso por quais desses sentidos se responsabilizam os locutores dessas letras.

A teoria da ADL foi ampliada por Marion Carel em 1992, na sua tese sobre os Blocos semânticos³. Conforme ela, os sentidos são construídos discursivamente pela união de dois predicados, através dos conectores *donc* (portanto), aspecto normativo *e/ou pourtant* (mesmo assim), aspecto transgressivo. Conforme Carel e Ducrot (2005, p.24), qualquer segmento do discurso pode unir-se a outro, desde que se use o conector adequado. Esses conectores foram escolhidos, porque produzem uma interdependência semântica entre os segmentos que unem o que constitui um encadeamento argumentativo, que seria unidade semântica básica.

³ A TBS distingue conector de articulador como se verá adiante, reservando o termo conector para o nexo que liga segmentos de um encadeamento, podendo ser normativo ou transgressivo.

Ducrot e Carel baseiam-se na concepção saussuriana de signo, entendendo que o sentido de um signo é parte integrante dele, sendo visto como seu próprio valor, valor esse aprendido nas relações que se estabelecem entre os signos. Seguindo uma linha enunciativa, esses autores propõem uma descrição semântica da linguagem que objetiva teorizar sobre a argumentação na língua. Dito de outro modo, de origem linguística. A ADL parte do pressuposto de que a função primeira da linguagem não é informar, mas argumentar subjetiva e intersubjetivamente, ou seja, na função primeira argumentar. Pensamos que essa semântica possibilita a realização de uma leitura competente, sendo já comprovado em trabalhos como: Delanoy (2008), Graeff (2005), Slaviero (2008), Barbisam(2009)entre outros.

Acreditamos que a leitura transforma e capacita o homem para a cidadania e que cabe à escola orientar esse trabalho. Porém, tal prática exige uma base teórica que ofereça segurança na mediação do processo de ler. Muitas vezes, os educadores não têm segurança para mediá-la com eficácia. Esse contexto nos levou a pesquisar uma teoria que apresentasse bases teóricas sólidas à ação de construção de sentido baseado no linguístico, ou seja, a linguagem como suporte dessa ação, independente de indicativos extralinguísticos.

O trabalho está organizado em quatro capítulos.O primeiro capítulo apresenta um quadro geral da estrutura cultural e características do movimento *hip hop*. São apresentadas ações e visões acerca dessa cultura. Mostramos que, assim como a poesia e as artes plásticas, a música *rap*, igualmente, vem rompendo barreiras e sendo aceita por regimentos oficiais da sociedade. Vivemos em um país fragmentado, onde os menos favorecidos ficam à “margem”, na periferia. As principais vítimas dessa exclusão são os jovens. Refletimos sobre o dever da escola de mediar a consciência crítica, através de momentos de discussões sobre as diferentes formas de manifestações e a origem da situação vigente, buscando, nos debates, possíveis soluções no ponto de vista de cada jovem. Questões como essas pautam a escolha do “corpus” deste trabalho, o *rap*. Este primeiro capítulo pretende ampliar a justificativa de se estudar o movimento *hip hop* e, dentro dele, as letras de *rap*.

No segundo capítulo discorreremos sobre os fundamentos da Teoria da Argumentação na Língua e seu desenvolvimento até os dias atuais. O semanticista Ducrot desenvolve seus estudos com base nas concepções estruturalistas, mas, no decorrer do tempo, a ADL passa por algumas reformulações, as quais caracterizam suas diferentes fases: a primeira, definida como “forma *standard*”, desenvolvida em 1983, a qual se baseava na ideia de que a argumentação parte de um argumento que leva a uma conclusão, esse processo é ligado ao conector do tipo *DONC*, em francês (*PORTANTO*, em português). A Teoria dos *Topoi* faz parte da segunda fase que abarca a forma “*standard de polifonia*”. a terceira e atual fase compreende a Teoria

dos Blocos Semânticos – TBS, proposta por Marion Carel, que apresenta significativa contribuição à ADL, ratificando a decisão da construção do sentido pela análise das relações linguísticas que se estabelecem nos discursos.

Na sequência, tratamos da metodologia utilizada para desenvolver esta pesquisa em que esclarecemos que o tratamento da leitura será focalizado nas relações discursivas, tendo em vista contribuir para a qualificação dessa prática, pelo viés da análise argumentativa e polifônica. Explicitamos que o sentido argumentativo é construído nos encadeamentos que se sucedem ao longo das três letras musicais⁴ do *rapper* Mano Brown, selecionadas para o “corpus” deste trabalho.

O quarto capítulo destina-se às considerações dos resultados obtidos em cada uma das letras selecionadas. Identificando, através da polifonia, a argumentação com que o locutor concorda, opõe-se ou assume, e a quem se assimila. Sob a ótica de que o sentido está no linguístico e de que somente o discurso⁵ é doador de sentido, é rejeitada a ideia de leitura centrada nos processos mentais envolvidos na prática, na influência de mundo e em questões sócio-históricas, como se mencionou antes.

A teoria em evidência apresenta resultados relevantes para uma leitura significativa. Essa considera os encadeamentos que expressam e compõem o quadrado argumentativo de um bloco semântico, oferecendo subsídios para compreensão de textos, revelando sentidos implícitos, não só pelas marcas linguísticas, como também pelas questões ligadas aos diferentes enunciadores presentes no enunciado. Destacamos que se o locutor, ao tomar atitude frente aos enunciadores, também argumenta. Nessa seção, são também feitas considerações sobre a aplicação dessa teoria à leitura de textos.

Nas considerações finais, são apresentadas algumas conclusões referentes aos resultados obtidos no “corpus” analisado, bem como, em relação aos objetivos almejados.

⁴ - *Diário de um Detento; Homem na Estrada e Negro Drama.*

⁵ - Discurso é doador de sentido, composto pelos enunciados.

1 CULTURA HIP HOP E SUA DIVERSIDADE

A cultura fomenta no ser humano a cidadania, a criticidade e a busca pelos seus ideais, proporcionando identidade, resgatando valores. A maioria da população brasileira não tem acesso à cultura letrada. A pesquisa divulgada pelo IBGE⁶ (1999) aponta que muitos municípios apresentam ausência de teatro, de cinema, de museu, de biblioteca pública, entre outros elementos que compõem esse processo.

Acreditamos que para haver um processo de democratização é necessário que os governantes iniciem pela educação, pois é o caminho mais seguro para sanar as diferenças, sociais e econômicas, do país.

Nessa ótica, os governantes devem proporcionar teatro, cinema, música, etc. E os cidadãos usufruí-los. As escolas são consideradas uma das maiores máquinas educacionais do mundo, porém é preciso uma reformulação na grade curricular de ensino que contemple as necessidades dos jovens, independente da classe social.

Conforme Soriano (2001), os avanços tecnológicos, o progresso da classe média alta, aumentaram singularmente as diferenças sociais entre as classes. A cultura de rua ganhou ressignificação, enquanto os jovens pertencentes à classe alta, descartavam os produtos tecnológicos, já considerados ultrapassados, os do nível social baixo, usavam da criatividade para aproveitá-los.

A Cultura *hip hop* faz parte da vida de muitos jovens. A seguir, serão apresentadas algumas características do movimento, ações e visões acerca dessa cultura; além disso, pretendemos mostrar o seu efeito na vida da comunidade periférica, como também, apontar elementos que a compõem como recurso de ensino, na área da educação. Os educadores têm o dever de apresentar aos jovens um patamar amplo do universo social em que estão inseridos. A letra da música da cultura *hip hop*, o *rap*, é um texto complexo e denso. A análise linguística das poesias será realizada, neste trabalho, com base na ADL e buscaremos apontar concepções acerca dos conceitos dessa comunidade.

⁶ Entre os municípios com população de até 20 mil habitantes, o percentual de excluídos chega a 98% (cinema), 94% (teatro) e 90% (museu). Um quarto deles não conta com bibliotecas. Em compensação, há videolocadoras por quase toda a parte. Cerca de 655 das cidades disseram ter, pelo menos, uma dessas lojas (Jornal ZERO HORA, 23/03/2002, p. 37).

1.1 O RAP NA DIVERSIDADE DA CULTURA HIP HOP

O “corpus” da pesquisa, como já descrito, foi constituído pelas letras de *rap*, um dos elementos da cultura *hip hop*. O *rap* aglutina a musicalidade e o conteúdo linguístico. Logo, são inseparáveis, pois a batida acompanha a canção do *happers* completando o sentido que buscam expressar. Nesta seção, registramos características e conceitos que o *rap* vem disseminando, apresentando, depoimentos de pessoas a ele vinculadas de algum modo.

O *hip hop*⁷ surgiu na década de 60, na Jamaica⁸. Nessa época, a população carente começou utilizar a música como meio de manifestação e contestação aos problemas sociais, políticos e econômicos existentes. Desse modo, os temas abordados eram relacionados a essas questões.

A religião e a música eram e são ainda os elementos culturais mais simbólicos da Jamaica. Nesse sentido, com a migração de jovens jamaicanos para os Estados Unidos em busca de melhores opções de vida, o *hip hop* teve seu espaço nos guetos nova-iorquinos. Logo, aceito pelos jovens da periferia como mecanismo de expressão, ou seja, por meio dela tentavam transmitir sua realidade para toda sociedade.

A cultura *hip hop* é formada pelos seguintes elementos: o *rap*⁹, o *Graffiti*¹⁰, o *Break*¹¹, o *DJ*¹² ou *MC's*, e os *Freestyle*¹³. Afrika Bambaataa¹⁴, um dos principais nomes no surgimento e, essencialmente, na conceituação do *hip hop*, cria um novo elemento unificando os demais: o conhecimento, sendo que todas as manifestações são transmitidas através da arte. Cabe frisar que a cultura é característica de cada nação, sempre visando a retratar a realidade local.

O *hip hop*, no Brasil, tem mais de 30 anos¹⁵, logo que chegou aqui, predominava o *break*¹⁶, porém, a partir dos anos 1990, o *rap* ocupa esse espaço, servindo de canal entre a favela e os demais espaços da sociedade. A visão geral é que os membros buscam refletir a

⁷ Há muitas versões em relação aos termos *hip hop*, mas a que é mais aceita é a criada pelos americanos, e significa saltar movimentando os quadris (*hip hop*).

⁸ A Jamaica é um país das Caraíbas ou Caribe localizado a sul de Cuba. Constituído pela ilha da Jamaica e por dois pequenos grupos de ilhéus, a sul e a sueste, o país tem como vizinhos mais próximos Cuba, ao norte, as ilhas Caymans, a noroeste, e Nayassa a leste. Capital: Kingston. (Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre).

⁹ Denota música e poesia.

¹⁰ Representa as artes plásticas.

¹¹ Simboliza a dança.

¹² Comanda os Scratches, os MS's que mandam a mensagem.

¹³ Representa a rima feita de improviso.

¹⁴ É o pseudônimo de Kevin Donovan (Bronx, Nova York, 10 de abril de 1960) é um DJ estado-unidense e líder da Zulu Nation, reconhecido como fundador oficial do *Hip Hop*.

¹⁵ *Superinteressante*, Editora Abril, p. 66-73, jan. 2005.

¹⁶ Antes de denominar-se dança de rua, o *break* significa “quebra” “ruptura”.

realidade, denunciando as exclusões sociais, jogando de volta para sociedade o quadro que lhes é imposto.

No início, a cultura não era aceita¹⁷ e provocava revolta de muitos, pois a linguagem utilizada nas letras musicais é grotesca, violenta, compreendida como apologia ao crime; as roupas desproporcionais ao tamanho, largas, grandes de cores fortes, enfim os adeptos têm um estilo próprio. Hoje, ainda há resistência a essa cultura, mas com menor intensidade. A grande massa de adeptos expande o mercado, despertando o interesse da mídia/sistema. Podemos dizer que o *rap*, atualmente, é o cartão de visita à cultura *hip hop*, no Brasil.

Os integrantes do movimento cultural *hip hop* buscam, através de diferentes formas de expressões artísticas, mudarem o quadro vigente, tanto em relação à economia, como também em relação à tecnologia. Houve tempo, que os *happers*¹⁸ ocuparam os metrô e as ruas das grandes metrópoles. Salientamos que tanto na música, como na cultura há uma grande influência da diáspora africana¹⁹.

Conforme o pesquisador Tricia Rose²⁰, a cultura *hip hop* teve grande êxito no *rap*, que representa tanto a cultura “afro-diasporica”, balanceando seus temas entre as indiferenças sociais e histórias culturais afro-americanas e caribenhas, quanto o compromisso com a luta à defesa negra. É nessa visão que se firma a base do movimento *hip hop*.

A cultura *hip hop* promoveu e resgatou as raízes do povo negro, também levou a sociedade a refletir à identidade racial do Brasil. Essa conquistou espaço abordando questões sociais, acoplando seriedade e diversão.

O MV Bill, morador da cidade de Deus, subúrbio pobre carioca, é um exemplo disso, compositor de 4cd's, teve participações em programas de grande audiência na tv brasileira e lançou, recentemente, na Festa Internacional Literária de Parati - FLIP com demais autores, o livro “Cabeça de Porco”. Ele participa de projetos sociais e, em 2001, fundou um partido político, o Partido Popular para as Maiorias – PPPomar. Esse é um dos pioneiros, apesar de ter sido proibida a divulgação do videoclipe²¹, por reproduzir em seu

¹⁷ Acerca do conceito de negatização aplicado ao contexto da cultura hip hop, recomendo a pesquisa de Maria Fernanda Macedo (Mestranda em comunicação Social UFRJ). O trabalho *O Inferno são os outros*, 2003.

¹⁸ Pessoa inserida no movimento *Hip Hop* e praticante de um ou mais elementos dessa cultura.

¹⁹ É a diáspora criada por movimentos e culturas de africanos e seus descendentes em todo o mundo, a locais como as Américas. Grande parte da diáspora Africana são descendentes de pessoas que foram escravizadas e enviadas para as Américas durante o tráfico negreiro do Atlântico, com uma grande população vivendo no Brasil.

²⁰ Educador e pesquisador da cultura *Hi p Hop*.

²¹ Eu gostaria de entender o motivo de tanta violência, explícita ou não, numa boa quantidade de videoclipes de bandas e artistas nacionais. O exemplo mais clássico é um do MV Bill "Soldado do Morro", onde verdadeiros "soldados" do tráfico são coadjuvantes. No caso desse filme, mesmo não acreditando na necessidade desse tipo de exposição, até que a temática da música explica de certo modo, o formato final desse trabalho, mas talvez fosse o caso de perguntar: por que não foram utilizados atores, uma vez que, o uso de "originais" pode levar a

trabalho, a “realidade da periferia”, do qual ele foi acusado de apologia ao crime, exibindo crianças com armas nas mãos entre outras cenas recriminadas pela “sociedade”. Porém, esclareceu que não era sua intenção provocar essa interpretação, mas acredita que a sociedade, em geral, tem o dever de conhecer a realidade do mundo em que vive. Além disso, aconteceu outra situação constrangedora com o artista registrada no trecho abaixo:

Ao iniciar sua apresentação, Bill agradece ao público que se amontoava desde cedo à sua espera, de forma a prestigiar o filho pródigo que, por sua vez, presenteava a comunidade com um show repleto de estrelas em plena noite de Natal, a data mais representativa do calendário de nossa cultura. Aproveitando a pausa após os aplausos, MV Bill, o Mensageiro da Verdade proferiu: “Sinto-me absolutamente em casa”, afirmou. Em seguida, com uma batida que nos remeteria às batidas ijexá, o percussionista inicia o show. Bill, então, começa a “traficar as informações” de sua experiência de menino negro, nascido e criado naquela comunidade pobre <www.espacoacademico.com.br/036/36etavares.htm>. Acesso em 17 abr.2005.

O artista, na ocasião acima citada, foi retirado do palco acusado de incentivar a violência. Ele justificou, dizendo que o descrito nas letras é a realidade da vida dele quando menino. Além de Bill, outros artistas e grupos ligados ao *rap*, promovem a inclusão social. O grupo Rappa é mais um exemplo, atua junto à Federação de Órgãos para a Assistência Social e Educacional - Fase (BRAGA, 2001).

Outro elemento da cultura é o *DJ* que comanda a música, cria a batida e dá ritmo à letra; também, conhecido pelos adeptos ao som *rap* como: o toca - disco de vinil e o mixer²². Isso porque, quando não tinham instrumento para tocar o som, eles criavam o som a partir do disco de vinil. Analisando esse som, percebemos que ele também diz algo, ou seja, não acompanha o *rap* somente para o arranjo. Esse som é melancólico, às vezes, obscuro, harmonioso, poético e taciturno.

Com o passar do tempo, a linguagem visual do *hip hop*, o *graffiti* também conquista seu espaço, o que no passado era visto como caso de polícia²³, hoje é visto como arte. Muitos grafiteiros possuem apoio tanto do poder público como da sociedade privada. Cada um tem seu próprio estilo de pintura, mas as mensagens possuem características comuns do

crer que existe uma certa apologia nessa utilização? <<http://www.portaldorock.com.br/comportamento-videoclipes.htm>>/outubro de 2002.

²² O mixer é o equipamento utilizado para mesclar várias fontes de áudio simultaneamente. Com diversas funções, efeitos e recursos diferentes. Regulagem do Toca-Disco.

²³ No Rio de Janeiro, onde dois paulistas picharam o Cristo Redentor, foram pegos, e presos, ficaram famosos, recebiam inúmeros convites para dar entrevistas e aparecer em programas de rádio e tv, até no exterior seus nomes apareciam. Como pena os jovens foram obrigados a limpar as pichações da cidade por seis meses junto com a equipe de limpeza da prefeitura. Cada vez mais os jovens desafiavam as autoridades e se arriscavam pelo sucesso. HISTÓRIA DA PICHANÇA. http://intra.vila.com.br/sites_2002a/urbana/grapixo/histpixo.htm.

movimento como: atitude, reivindicação, respeito, igualdade social e manifestações, entre outros.

Em Belo Horizonte, há pesquisas e estudos em relação à linguagem usada pelos grafiteiros, mantidas pela prefeitura desde 1999. Segundo o Prefeito Célio de Castro (Super Interessante, 2005), a pichação é uma escrita aparentemente sem memória e conteúdo, mas temos de aprender a ler essa escrita, porque os jovens estão querendo dizer alguma coisa.

Conforme Daniel Piza (2008), o *Graffiti* está despertando interesse dos jovens. Os artistas dessa arte de rua estão preocupados com a comunicação, e cada vez mais o público, sobretudo o jovem, se encanta por seus trabalhos e se familiariza com os grandes nomes citados por esse colunista, no *Jornal Folha de São Paulo*, como: Os gêmeos, Nunca, Nina, Highraff, Onesto, Speto, Titi Freak, Bugre, Zezão, Boleta, Fefê, Akemi, Não, Kboco, Tinho, Milo Tchais, Paulo Ito, Vitché, Ciro e Derf – esses já foram parar em museus como o *Tate Modern* (Londres), na Inglaterra, e galerias como a Jonathan LeVine, em Nova York.

A arte de rua deixa de ser devedora de estilos anteriores e passa a credora de novos caminhos, dentro ou fora de quatro paredes. Mesmo que o conceito de vanguarda das bienais seja outro, eles são o novo agora. É uma opção inteligente para jovens desenvolverem sua criatividade e terem uma fonte de renda. Tal arte embeleza os muros, *outdoors* com manifestações, opiniões de cidadãos que trabalham em prol de uma sociedade mais democrática.

Segundo Mano Brown (Revista Super Interessante 2005), a cultura tem uma função muito forte frente à sociedade e, essencialmente, frente ao seu povo; por isso, em qualquer um de seus elementos há mensagens de manifestações e protestos da realidade vivida na periferia. Essas pautadas nos dois pilares do movimento: a atitude e a conscientização.

O *hip hop* também é diversão, é harmonia e entretenimento. As baladas nas casas noturnas vão da periferia aos bairros nobres de grandes cidades, sempre muito animadas com músicas *break* rolando soltas. Os adeptos do movimento, como já mencionado, adotam estilo próprio, usam roupas e calçados com a numeração bem maior que o tamanho normal; bem como, os cortes e penteados dos cabelos bastante diferenciados. Porém, não só o estilo identifica os *happers - hip hop*, pois a identidade²⁴ “está no sangue”, afirmam os integrantes.

²⁴ - A sociedade fragmentada cria a crise da identidade. Logo, essa busca de papéis no *hip hop* ocupa o lugar identitário para um grupo de indivíduos. O movimento *hip hop* encontra na sua atitude alternativa para a falta de trabalho e a dificuldade de ascensão escolar que a sociedade tanto cobra. A cultura serve de base identitária e emocional para os integrantes do movimento.

O movimento visa a conquistar um futuro melhor, ter uma vida de qualidade não negando suas origens, pelo contrário, orgulhando-se de ser negro, classe carente, morar na periferia, mesmo assim, agindo, unindo forças, não esperando somente pelos governos, mas sanando os problemas que são possíveis resolver a partir de recursos da própria comunidade. Brown confirma tais ideologias na sua fala que segue: “Eu não me preocupo com classe média. Eu me preocupo é com o favelado, com o pobre, periferia. O *rap* não apavora ninguém. A classe média já é apavorada por natureza...” (Mano Brown, **CARTACAPITAL**, 2004, p. 17).

Brown ressalta que o *rap* não assusta ninguém e em contrapartida ao comportamento da maioria das pessoas de classes mais elevadas que criticam as letras, taxando-as de péssima qualidade, mostra que esse gênero musical é um caminho para uma vida mais digna: “A responsabilidade dos Racionais é levar esperança, falar que existe um caminho. O *Rap* fez isso por mim, me deu uma vida nova e vai dar vida nova para quem tem fé, acredita e luta” (Mano Brown, **Rap**, 2005, p. 25).

A citação acima evidencia que há uma preocupação, um comprometimento por parte de Brown com a favela, ou seja, sua comunidade. Bem como, refutando a classe média e defendendo o *rap* que, conforme, ele é um mecanismo de salvação dos jovens da periferia. Nesse sentido, os adeptos à cultura criam projetos, fazem palestras e realizam debates, frequentemente, na comunidade. Assim, o movimento vai sendo divulgado e conquistando ideais.

A cultura é um acervo de criatividade e realidade, que reúne, entre outros, arte, poesia, música, dança, protesto, conscientização. De acordo com o lema dos *happers*, não adianta detectar os problemas é necessário agir. Essas afirmações consolidam-se nos exemplos citados no corpo deste trabalho.

Conforme a revista Super Interessante 2005, a ascensão do *hip hop*, inesperada para muitos *rappers*, o estrelato, o assédio, fizeram com que muitos sucumbissem no mundo do álcool e das drogas. No Brasil, houve muitos grupos que nasceram e desapareceram, após terem sido absorvidos pela indústria do entretenimento, e, no deslumbre, terem sido derrotado pelas drogas.

A organização dos *rappers* e o grande número do público juvenil deram ao *hip hop* caráter de cultura de massa, mesmo sem apoio da mídia ou de patrocinadores. Nos primeiros passos do *hip hop*, existiu grande repúdio por parte da maioria da sociedade, mas, com o passar do tempo, o movimento foi apreciado, gradativamente por grande parte dos jovens.

Entretanto, à medida que a organização cresce, começa a receber influências que buscam descaracterizar sua essência cultural. Em alguns países, já foi totalmente cooptado, seja pelas grandes produtoras que viram no *hip hop* um grande mercado lucrativo, seja pelo narcotráfico de alguns grupos que se deixam rotular pelas multinacionais, pela apologia ao crime ou às drogas. O *happer* Marcelo D2²⁵ 2003 é um exemplo, pois mistificou o *rap* e priorizou seus interesses. Confere-se tal atitude nas palavras do mesmo:

Vivemos em um país onde você tem inúmeras influências e referências sonoras pra colocar no *hip hop*. A ideia de misturar *rap* e samba é, antes de tudo, um meio de buscar a minha identidade própria. Estou sempre procurando ser original.

... Eu ouço muita coisa dos puristas tanto do samba quanto do rap; a galera do samba acha não deve se misturar coisa nova no partido alto, enquanto a turma do rap fala que o negócio tem que ser só aquilo, batida, DJ, também sem mistura... Mas aí eu olho pro exemplo do Bambaataa, que misturou *rap* com vários outros sons, e se ele não tivesse tido aquela sacada, o *hip hop* não teria evoluído para onde está hoje (Marcelo D2. 2003).

No Brasil, não é diferente. A cultura vem ganhando espaço devido à sua ascensão da periferia para o mundo. Em vista disso, é natural que os grandes meios de comunicação, a mídia, as grandes indústrias aproveitem o momento do auge do *hip hop* visando ao mercado, ou seja, ao lucro. A seguir uma transcrição de Preto Zé²⁶ em relação à visão do sistema capitalista:

O capital no dá ponto sem nó. Já em consequência da intervenção do mercado começamos a sentir os primeiros sintomas. Começa a prevalecer à música pela música. O *rap* sexista, que vende milhões a custa da mercantilização da mulher. Cada vez mais cresce o *rap* que faz a apologia das drogas, enfim, o rap sem compromisso social. O desenvolvimento desse mercado do *Hip Hop* propicia em nível local toda uma filosofia de acumulação de capital (consultoria, produtores, gravadoras particulares, grifes etc.), acabam reproduzindo a lógica do sistema em menor escala: são os empresários do *Hip Hop*. E não se trata aqui, na realidade, somente de um discurso político, pois queremos a liberdade de criação e produção artística. Queremos a autonomia verdadeira dos que produzem a arte e a cultura. Mas não existe liberdade quando essa produção é dirigida pela Globo, MTV, SBT, Sony e outras. Ou seja, não existe liberdade de produção cultural quando È o mercado que dita as regras do que deve e como deve ser produzido e consumido. Nesse caso, ser independente não é romper com esse modelo para que alguns se mantenham dentro do mesmo, mas é garantir uma outra forma em que o lucro não esteja acima da cultura e da vida.

Em matéria encontrada na revista Super Interessante (2005), encontramos a seguinte manchete: “Ta tudo dominado. O *hip hop*, que acaba de completar 30 anos, extrapola o estigma de cultura do gueto e toma de assalto à moda, a mídia e a indústria fonográfica”.

²⁵- http://www.allbrazilianmusic.com/br/acontecendo/acontecendo.asp?Nu_Materia=3990.

²⁶ Preto Zé, cantor de *rap* do grupo Comunidade da Rima e Coordenador Geral do Movimento *Hip. Hop* Cultura de Rua do Ceará.

O trecho destacado pela revista possibilita interpretação ambígua, pois podemos dizer que a mídia, as grandes indústrias fonográficas e outras já conseguiram dominar a cultura *hip hop*, rotulando e descaracterizando a essência da cultura, moldando o “produto” de acordo com as exigências dos expectadores. Considerando, o sistema capitalista e o consumismo compulsivo em que vivemos é natural tal reação. Por outro lado, para quem não tem conhecimento do que é o movimento *hip hop* ou não aceita essa comunidade e não tem um olhar crítico em relação ao que a mídia apresenta, poderá acreditar que a cultura *hip hop* está dominada pelo mercado, passível de ser manipulada por esse.

As palavras registradas por Marco Aurélio Paz Tella, ratificam a afirmação acima: “... a fase em que o *rap* era consumido apenas pela periferia para qual serve de voz é parte do passado” (Revista Superinteressante, Janeiro, 2005, p. 72).

O discurso de Tella afirma que o *rap* hoje é consumido por todas as classes sociais, inclusive, havendo muitos adeptos do estilo dos *rappers*, e que o manifesto, o grito, o anestésico que ameniza a rotina tensa da favela, transmitida através do *rap* entre outros elementos, já é parte do passado. A última ideia é inadmissível para os integrantes da cultura.

Contudo, a ascensão do *hip hop* no momento, sua divulgação e a exploração da mídia, balança muitos *rappers*, pois o mercado oferece fama e dinheiro, porém, é ele que estabelece as regras. Essa infiltração desestrutura, gradativamente as bases desse movimento artístico politizado do Brasil, cultura *hip hop*.

É sabido que o *rap* está nas trilhas das novelas²⁷, tocando nos *top teen* das rádios, nas campanhas de grandes indústrias como de celulares, de marcas de cervejas ou da indústria calçadista, mas é possível apontar um a um desses *rappers* que conseguiram essa ascensão²⁸, são principalmente esses que estão deixando a estrutura do *hip hop* perder a essência.

A cultura *hip hop* visa, através de suas manifestações artísticas, à igualdade social, reivindicando seus direitos de cidadãos e despertando a conscientização em massa. O *hip hop* dominante que estamos vivenciando que visa à luxúria, à fama ao poder aquisitivo, com uma face extremamente comercial, sendo o oposto do sentido de origem do movimento *hip hop*.

Entretanto, ao contrário do verso “*As idéias não correspondem aos fatos*”, (Cazuza), as ideias da cultura *hip hop* correspondem aos fatos, apresentam-se com substância e resistência. Apesar de estar entre dois caminhos opostos, o idealismo de um mundo melhor e a

²⁷ <https://www.culturamarcas.com.br/cds.asp?...Disponível> em 01 de agosto de 2009.

²⁸ O antropólogo Hermano Vianna salienta o espaço que foi dado ao MV Bill, um dos grandes nomes do rap nacional, na emissora Globo, programa do Faustão, porém a potência não está preocupado em divulgar a cultura, mas sim, com o índice de audiência que o *rapper* vai proporcionar. Salienta-se que a mídia sempre sede espaço para quem está em “alta”, assim foi com o sertanejo, o *rock*, o *funk*, entre outros e a “febre” passou. Logo, com o *hip hop* acredita-se não ser diferente. (revista Superinteressante, janeiro 2005, p.15).

fama e dinheiro, existem artistas que conseguem manter a coerência e lutar para a essência do *hip hop* não desfalecer.

Segundo Brown (2005), o *hip hop* não é produto comercial, por isso os verdadeiros adeptos devem zelar pelos fundamentos do movimento. Nessa medida, o senso coletivo de suas bases precisa prevalecer. O desejo de todos os *rappers* é promover a cultura. Logo, a popularização será inevitável, mas a cooptação não.

Há quem diga que a essência contestadora do *hip hop* está dentro de cada um que se indigne com o quadro crônico de desigualdade, contradição e violência do mundo, porque quem faz o *rap*, não se preocupa com o resultado que o protesto vai causar, mas busca mostrar que está “ligado” em tudo o que está acontecendo na sociedade. Nesse sentido, o *hip hop* é um grito de liberdade, meio pelo qual, o jovem fragilizado da favela sente-se cidadão.

A cultura *hip hop* pode e já está sendo um suporte para os educadores desenvolverem suas práticas educacionais, pois os elementos que a compõe são arte. A letra do *rap* é mais literatura do que música “... agressivo ou bem humorado capaz de chocar, ensinar, denunciar, ou explicar, qualquer necessidade” (Gabriel, O Pensador²⁹).

O *rap* expõe de maneira inteligente as questões sociais que afetam nossa sociedade como um todo, está despertando interesse não só dos oprimidos, mas de todos os que são conscientes das mazelas sociais que o mundo enfrenta.

O movimento cultural propicia conhecimento e criatividade. Sabemos que, na educação, ambos os termos são essenciais. As instituições educacionais acolhem jovens de todos os níveis sociais. Desse modo, o aluno de classe baixa, no momento em que conhece a cultura na escola, vai identificar-se, sentir-se mais valorizado, conseqüentemente, produzir mais. Por outro lado, os alunos de classe média e alta terão conhecimento dos problemas sociais que existem na sociedade, através da arte, o que poderá sensibilizá-los a se engajar na busca de um mundo melhor para todos. Nessa ótica, o *rap* (*rhythm and poetry*) é um dos elementos da cultura *hip hop* que apresenta no seu discurso possibilidades de compreensão dessa cultura.

Na sequência, características e efeitos do *rap* no Brasil.

²⁹ Revista Superinteressante, janeiro 2005, p.23).

1.2 O RAP NA CULTURA HIP HOP NO BRASIL

O *rap* no Brasil segue as tendências de outros países que apreciam a modalidade musical, porém tem suas peculiaridades. A junção da luta dos negros e dos “favelados”, para ultrapassar a discriminação da sociedade, se fortalece. A seção, a seguir, registrará posicionamentos, projetos dos *rappers* do Brasil e sua ascensão.

O *rap* mudou destinos de muitos jovens. “Não é demagogia não, irmão, é a pura verdade, pois eu sou mais um, salvo pela cultura” (*FIELL, Rapper. RAP edição 25 anos*, 2004). Independente de ser preto, branco e/ou pobre espalhados na periferia, encontram no *rap* forças para não desistir de lutar pelo sonho de um amanhã mais digno.

Segundo depoimentos³⁰ de jovens que viveram no mundo do crime, do assassinato e do tráfico, o *hip hop* é o grande modo de resgate dessas vidas. Esses jovens já vítimas do sistema, ou seja, não conseguindo ter o básico para sua sobrevivência, muito menos acompanhar o consumismo da juventude atual, já no “fundo do poço”, encontram uma esperança no *rap*, que constitui um mecanismo de defesa dos menos favorecidos, aumenta a autoestima, apresentando uma possível alternativa de uma vida digna. Em vista disto, o *rap* transmite a realidade da periferia sem perífrases.

Conforme Crioulo Doido³¹ (2004), o *rap* é a concretização de uma força interna. Ele não concorda com a teoria de que o *rap* salva, mas acredita que o *rap* mostra o caminho e manda caminhar. A partir daí, o “mano” deve seguir com seus próprios pés. Cada ser humano tem um poder interno e precisa encontrá-lo. Doido encontrou o seu no *rap*. Também, acredita no potencial humano que supera a falta de recursos com criatividade. Além, dele atuar na música, monitora oficina de teatro, nas Aldeias Infantis SOS Brasil³², sem fins lucrativos, que estão no país, há 36 anos, dando assistência a crianças e jovens que precisam de apoio, visando a oferecer uma base na formação pessoal e no futuro de cada um.

Conforme Gagui DV³³, a maioria dos adeptos e seguidores do movimento *hip hop* atuam em organizações filantrópicas, em projetos que visam à conscientização, à recuperação, à prevenção e a mostrar novos caminhos a jovens com pouca ou nenhuma perspectiva de dias melhores.

³⁰ “Sem sombra de dúvidas, o *rap* é medicina da mente para quem ouve e o entende” (Fran, Tribunal Mcs).

³¹ Crioulo Doido Cantador de *rap* desde 1989, tem influências de MPB, samba e jovem guarda na composição de seu primeiro álbum lançado em novembro de 2006 com tiragem esgotada em três semanas. Disponível em: www.myspace.com/criolomc. Acesso em 10 outubro de 2009.

³² Aldeias Infantis SOS Brasil. *RAP*, edição 25 anos 2004. Além dessa, é possível conhecer melhor o trabalho realizado no site: http://veja.abril.com.br/especiais/filantropia/p_020.html.

³³ É *RAPPER*, apresentador do programa comunidade *hip hop* na rádio com 104.5 FM, desde 2001. **PELOTAS-RS. e-mail:** gagui_idv@hotmail.com

É sabido que hoje muitos grupos, e até mesmo os que preferem cantar *rap* sozinho, já possuem uma base, têm seus próprios equipamentos. Porém, todos que são fruto da periferia iniciaram seus trabalhos com muitas dificuldades. A organização do movimento auxilia e facilita o trabalho dos *rappers*. O *rapper* Jhonny³⁴ faz referência a esses tempos nas palavras abaixo:

O momento mais difícil foi num tempo onde era difícil nos locomover, saíamos com os discos embaixo do braço, passávamos debaixo da catraca do ônibus, tendo que escutar cobrador falando um monte. Não é porque agora melhorou um pouco, que esquecemos, pelo contrário, lembramos sempre para não precisar voltar para essa fase ruim (Jhonny MC. *RAP*, edição 25 anos 2004).

Conforme a cantora Zélia Duncan³⁵, o *rap* é música de qualidade, sobreviveu à grande discriminação da mídia, vem conquistando espaço nos meios de comunicação social e recebendo reconhecimento de vários artistas de outros meios. Confirmam-se as palavras da referida cantora:

Dou muito valor e reconheço neles, em termos musicais, um valor de verdadeiros arqueólogos da música. Acho o máximo o conhecimento deles sobre música brasileira, as épocas, as batidas, os cantores, isso não pode nunca ser subestimado. Sem falar no discurso, que traz à tona uma realidade que é de todos nós e que às vezes a sociedade finge que não lhe diz respeito. Ouço sempre, no meio de tantos sons que adoro o *rap* e o *hip hop* me acompanham (DUNCAN, Zélia. *RAP*, edição 25 anos 2004).

O depoimento da cantora leva a refletir sobre o valor que ela confere aos *rappers*. Nesse, percebemos o reconhecimento ao talento desses artistas. A forma como eles conseguem trazer à tona a realidade em seus discursos, mostra à sociedade que existem muitos problemas graves a serem resolvidos.

Leci Brandão³⁶, cidadã, negra, cantora e compositora, também expressa sua grande admiração pelos artistas do *rap* e do *hip hop*: “O sistema e a mídia não gostam de artistas articulados politicamente. Sei, porque sou uma pessoa constantemente excluída”.

A artista acredita que a grande barreira que os *rappers* encontram em divulgar seus trabalhos é devida ao seu discurso político, denunciando as falhas do sistema, como o grande número de pessoas sem infraestrutura, sem esgoto, sem água potável; a falta de cultura e educação de qualidade.

³⁴ Nascido em São Paulo, bairro do Jardim da Saúde, mais precisamente Vila Brasilina, **Johnnye Domingos** veio de família humilde e simples da zona sul para o mundo.

³⁵ DUNCAN, Zélia. *RAP*, edição 25 anos 2004.

³⁶ BRANDÃO, Leci. *RAP*, edição 25 anos 2004. Revista *Rap* edição 25 anos, 2004.

Brandão relaciona a música *rap* com a época da ditadura militar em que também se denunciava o sistema. Havia vários artistas compondo músicas que refletiam a realidade do momento no Brasil, como os *rappers* fazem hoje, quando são os únicos que enfrentam o sistema, lutam por sua comunidade, transmitem a realidade da periferia “sem máscara”. Hoje, a maioria dos artistas, não estão voltados para os problemas sociais, pois compõem um CD com 14/15 músicas falando de amor e, às vezes, uma ou nenhuma que ofereça conteúdo de sensibilização social aos jovens.

Considerando que as letras musicais são mecanismos de expressão, de reivindicação ao poder público de igualdade, de direitos e de deveres visando a qualidade de vida e um futuro promissor, é importante que os artistas explorem o poder que têm nas mãos, pois dispõem de espaço na mídia e carisma do público. A arte deve ser utilizada para que haja democratização social.

Conforme a artista (2005) a maioria dos cantores brasileiros é de origem simples, sendo moradores de favelas ou de grandes aglomerados, afastados dos renomados núcleos comerciais. Mesmo assim, em seus posicionamentos, é nítida a diferença de conduta deles, no instante, de trazerem ao público seus trabalhos artísticos. Tal situação é favorável aos líderes políticos, pois para eles não é interessante o povo pensar, visto que é mais fácil “trabalhar com alienados”. “Algumas supostas razões em relação às atitudes dos artistas poderiam ser cogitadas, mas nenhuma é convincente”, afirma Brandão.

Leci Brandão salienta, ainda, que grande parte das letras musicais são românticas, tão importantes e agradáveis quanto os outros estilos. Entretanto, a desigualdade social vigente exige uma diversificação, ou seja, a utilização da arte como forma de expressão cidadã. O trabalho desenvolvido pelos *rappers*, segundo ela, é digno de louvor, “é um exemplo de cidadania”. Por estar pautado nos pilares da conscientização e atitude, conquistando espaço na sociedade. Esse comentário baseia-se numa entrevista à revista *Rap*, da qual segue um trecho:

Com 29 anos de estrada profissional, tenho o maior respeito pelos meninos do *rap* e os aplaudo de pé porque eles têm contribuído para conscientização política dos jovens brasileiros. Em qualquer lugar do país que você vá, tem gente que gosta de *rap*. Espero que eles continuem ajudando a construir um Brasil melhor, a transformar esse país numa nação que tenha igualdade entre as pessoas, porque ainda existe muita disparidade entre a sociedade brasileira. Eu acho que deve ser dado espaço para que as pessoas possam mostrar o seu potencial (BRANDÃO, Leci. *RAP* edição 25 anos 2004).

O *rap* conquista o reconhecimento de grandes nomes da música popular brasileira. Seu discurso já contagiou muitos artistas de diferentes áreas, mas, principalmente, aqueles jovens que reconstruíram suas vidas a partir do movimento *hip hop*.

Conforme matéria publicada na *Revista Rap* (2004), a qual entrevistou os *Djs* Robson (28), Kleber (34) e Willian (16); jovens integrantes do movimento *hip hop*, percebemos o valor que atribuem à família, considerando a base de um cidadão bem sucedido. Na sequência, parte da fala de um dos entrevistados, Kleber:

... estrutura, base, união, amor. A família traz condições para você enfrentar o mundo, te dá estrutura para se virar lá fora, na rua. Às vezes a família te dá condições e às vezes não dá. A minha família tem me ajudado muito. Comecei a ter noção do que é uma família há pouco tempo (*RAP* edição 25 anos 2004).

Segundo Will 2004, os valores que regem uma estrutura familiar são passados de geração em geração. Porém, a família não deve oferecer tudo de “mão beijada”, pois cada um precisa buscar seus ideais, conquistar seus sonhos, “partir de seus próprios métodos”. Assim sendo, o prazer de conquistar uma meta impulsiona a lutar por outras. A família deve prezar os momentos de diálogo, de troca de experiências e de soma de saberes. Nesse sentido, haverá crescimento e êxito no núcleo familiar e, conseqüentemente, na sociedade.

Kl Jay 2004, conta, na referida entrevista, que nunca forçou seu filho Will a ser *rapper*, mas, como o filho desde pequeno conviveu em um ambiente totalmente musical, logo foi se identificando com a música. Jay sente-se orgulhoso de seu irmão, sobrinho e filho darem continuidade à cultura, garantindo sua propagação. Ele salienta que nada foi fácil na sua carreira, tudo custou força de vontade e persistência, mas conseguiu, para que hoje pudesse dar o apoio necessário aos seus sucessores.

Jay acredita que o profissional deve ser ético, ter suas particularidades, cada um deve ter o seu dinheiro, seu material, assumir a responsabilidade diante de suas atitudes. Porém, a cumplicidade e a harmonia devem ser mútuas.

Segundo Jay, a estrutura familiar deve ser reconstituída, os valores devem ser revistos, pois há pais que pensam não ser necessário o carinho, a atenção e segurança e o apoio em qualquer situação. Ele faz um apelo dizendo: “... precisamos abrir mão do egoísmo. Fique mais próximo, ligue. Não precisa estar junto da mãe, mas é preciso se preocupar com seu filho, porque é sua continuação, seu sangue”.

Os integrantes do movimento *hip hop* acreditam que a educação é ponto fundamental para a qualidade de vida, percebemos isso através da fala do *rapper* Ajamu:

Eu acho importante fazer faculdade porque tocar é o que vou fazer pelo resto da minha vida, vindo um dinheiro ou não, até quando Deus permitir. Mas preciso ter uma garantia, algo há mais para me manter. Seria bom se todo mundo tivesse condições de estudar, mas infelizmente, não é assim... (*RAP*, edição 25, ano 2004).

Ainda também, eles buscam contribuir para que aconteça uma reforma na educação. Eles acreditam que as crianças e a juventude de modo geral deveriam passar turno integral na escola. Assim, não só os pais trabalhariam mais tranquilos, como também, haveria maior tempo para que os profissionais da educação pudessem desenvolver seus trabalhos. A sensibilização e compreensão de filhos e pais em relação à importância do conhecimento na vida das pessoas é base para todo processo educacional. O saber oferece subsídios para os menos favorecidos lutarem de igual para igual com o sistema. O caos do Brasil, referido antes, é a falta de cultura e espiritualidade na vida dos jovens, acreditam os seguidores do *hip hop*.

É importante registrar que os adeptos da cultura estão atuantes em projetos e trabalhos sociais. Existem muitas ações em andamento como: *Projeto Sabotagem* que atende crianças carentes da favela Sabotagem; grupos que estão ligados à sua comunidade, realização de debates envolvendo temas relacionados à necessidade dos jovens, palestras contra as drogas e monitoramento de oficinas como: música, percussão, *graffite*, *break*, entre outras.

A fragmentação da sociedade pós-moderna tem provocado crise de identidade nos indivíduos. Atualmente, a emoção e o afeto são priorizados nos grupos gregários que convivem com valores e sentidos culturais próprios as grandes cidades. Essa realidade leva os sujeitos firmarem-se como mais um no movimento gerador de conceitos, contestações e de resistência à ordem institucionalizada. Assim, oferece espaço identitário e sociabilidade para seus integrantes, essencialmente os mestiços com grau de escolaridade baixa, pobres e excluídos. A partir dessa realidade, surgem os projetos e atuações comunitárias dos *happers*.

Conforme entrevista realizada pela jornalista Cinthia, num encontro com o Portal Bocada Forte, da Zulu Nation Brasil, no hotel onde se encontrava hospedado Bambaataa³⁷, o qual falou sobre como vê o mundo hoje e suas preocupações com a espiritualidade. Logo, podemos acreditar que essa é reconhecida e trabalhada na vida dos *rappers*. Muitos já se converteram às religiões evangélicas e acreditam em Deus. Confirmam-se nas palavras do fundador da **Universal Zulu Nation**:

É evidente que nunca teremos uma sociedade perfeita, justa e equilibrada socialmente, pois infelizmente a natureza do homem é corrompida pelo pecado.

³⁷ **Afrika Bambaataa**, fundador da **Universal Zulu Nation**, 2007 enquanto esteve no Brasil.

Mas podemos fazer da nossa vida e das vidas das pessoas que nos cercam vidas bem melhores, não somente em termos materiais, mas principalmente em termos espirituais e eternos.

É através do conhecimento do Evangelho de Cristo que podemos enfim alcançar a verdadeira realização, que não se limita apenas a esta vida, mas que começa aqui e transcende até à eternidade.

Somente na Cruz de Cristo (no seu sacrifício por nós) encontramos as respostas, a dignidade, a igualdade, a paz e a vida que tanto desejamos. Que os meus parceiros do Hip Hop possam entender que haverá um dia que não mais serão necessários protestos, pois não haverá mais injustiças, desigualdade, nem violência, pois **JESUS CRISTO** o **Mestre dos MCs** vai comandar uma festa eterna para todos aqueles que o aceitaram como Senhor e Salvador!

Se liga! A paz não é um sonho.

Rappin Hood³⁸ (2004) conta que na sua infância, era evangélico, porém, depois de afastado da religião, tentou resistir à conversão, mas, em situações difíceis em sua vida retornou. Ele afirma ter encontrado a paz, a tranquilidade e a segurança que outrora não tinha. Entretanto, respeita todas as religiões e acredita que cada um deve trabalhar a espiritualidade, independente de credo religioso. Nessa ótica, Jhonny confirma a importância de propagar aos demais jovens a experiência vivida na igreja:

Eu acho legal convidar uma pessoa que gostamos para ir à igreja, porque tanta gente vai a sua casa para te convidar para usar drogas, roubar, matar e é muito difícil alguém convidá-lo para conhecer Jesus. (Jhonny MC. **RAP** edição 25 anos 2004).

É saliente o reconhecimento e a adesão da espiritualidade na vida do ser humano como essência para os demais planos, proporcionou uma força interior muito grande para os adeptos do movimento *hip hop*. Hood faz um chamamento dizendo:

Acredite em Deus, nas palavras de um homem chamado Jesus Cristo, um pretinho que andou pelas ruas pregando que o bem vencerá o mal e essa é a real. Acredito e vou lutar por isso, faço parte desse exército, o exército do bem. (**RAP** edição 25 - anos 2004).

Essa posição de alguns *rappers* causou certo estranhamento, por parte da sociedade, e até mesmo revolta. Inclusive houve tentativa de não permitir a realização dos shows, mas os *rappers* não se deixaram abater. Reconhecem que há uma discriminação muito grande, pois as pessoas com uma visão tradicional em relação à religião, não aceitam o seu estilo e muito menos aceitam ouvi-los falar da palavra de Deus.

³⁸ Nascido na periferia de São Paulo, Antônio Luiz - que usa o nome Rappin' Hood, inspirado no lendário Robin Hood - é um dos principais nomes do *hip hop* paulistano.

Conforme Anderson (2007), pastor de igreja evangélica, o movimento está engajado em conquistar espaço, pois acredita que, depois de Deus, o *rap* é a salvação para muitos jovens. O *rap gospel*³⁹ está calcado na ação do bem, protestando contra as injustiças, as tiranias a que o sistema submete as pessoas “humildes”⁴⁰.

Portanto, o movimento *hip hop* mobiliza, provoca a ação de todas as classes sociais. Alguns são contra, outros não têm opinião formada a respeito e os demais se consideram a favor do trabalho. Mas, “os manos” não param de tomar atitude diante das mazelas sociais, sempre visando ao bem da classe economicamente baixa, ou seja, aos menos favorecidos.

A cultura *hip hop* possui um discurso que se materializa em gêneros textuais específicos, neste trabalho será explorado o *rap*. Um discurso não é indiferente ao texto no qual se concretiza. Se há um discurso *hip hop*, há também, uma semântica argumentativa que orienta através dos encadeamentos discursivos as relações possíveis, e os sentidos construídos nos mesmos. Pautados pela Teoria Argumentativa da Língua –ADL proposta por Oswald Ducrot e Jean-Claud Anscombre, através da argumentação e a polifonia, constituiremos os conceitos referentes ao pensamento do locutor sobre a sociedade, a imagem que o enunciado projeta de si e dos outros e as atitudes do locutor frente aos enunciadore, com quais concorda, discorda, ou assume que enunciadore se assimila. Assim, observar como o discurso permite a construção de conceitos e posicionamentos do locutor.

Buscamos, neste capítulo, apresentar uma visão ampla da **Cultura Hip Hop** em que se insere o “corpus” desta pesquisa. Na seção que segue, será discorrido sobre a Teoria Argumentativa da Língua –ADL proposta por Oswald Ducrot e Jean-Claud Anscombre que ancora este trabalho.

³⁹ Um grito pela paz. A revista *Rap Brasil*, por exemplo, é a única revista de *rap* com circulação nacional na banca. *Rap Brasil Especial Graffiti Edição Nº: 36* Ed. Escala.

⁴⁰ As pessoas que pertencem a classe economicamente carente.

2 ANCORAGEM TEÓRICA

Neste capítulo serão apresentados os fundamentos epistemológicos da Teoria da Argumentação da Língua - ADL e o seu desenvolvimento, até o momento atual. Ainda também, destacar os princípios e conceitos que serão explorados na análise das letras de *rap*.

2.1 TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA & FUNDAMENTOS

A Teoria da Argumentação da Língua - ADL, proposta por Oswald Ducrot e Jean-Claude Anscombe (1983), tem como princípio básico que a linguagem é argumentativa e que a argumentação está inscrita na língua; assim, o sentido se constrói no discurso, ou seja, a partir do aspecto linguístico. Logo, essa construção do sentido é orientada pelo valor argumentativo das palavras, isto é, não depende das relações extralinguísticas estabelecidas. Tal teoria se diferencia de outros estudos semânticos, por considerar que o sentido é constituído pelas relações intralinguísticas.

Nesse sentido, as palavras possuem uma força de orientação argumentativa adquirida em contextos linguísticos recorrentes, orientação esta que será refutada ou reforçada, conforme a colocação de outras palavras do discurso. Para a ADL, o sentido dos enunciados não possui relação com o extralinguístico, por isso descarta o pressuposto referencialista, de que as descrições são baseadas nas condições de verdade. O sentido no enunciado é determinado pela união de dois predicados A e B, ligados pelos conectores DONC (normativo) e PT (transgressivo) no bloco semântico. Ducrot define sentido na citação abaixo:

O sentido de uma entidade lingüística é ou de evocar um conjunto de discurso ou, se ela tem função puramente combinatória, de modificar os conjuntos de discursos associados à outra entidade. Assim, só o discurso é doador de sentido. (DUCROT, 2002, p.7).

A proposta argumentativa de Ducrot e Anscombe tem seu princípio na concepção estruturalista saussuriana. Saussure afirma que a linguística é constituída por todas as manifestações da linguagem humana, mas faz uma diferenciação importante dentro da própria linguagem. Segundo ele, “O fenômeno lingüístico apresenta perpetuamente duas faces que se correspondem e, das quais, uma não vale senão pela outra” (SAUSSURE, 1998, p.15). Para o autor, essas faces referem-se a *langue* e *parole*. O primeiro termo, em traços gerais, corresponde à língua como sistema de signos interiorizado culturalmente pelos sujeitos

falantes, já *parole* (fala) é vista como o ato individual de escolha das palavras para a enunciação do que se deseja. Assim como afirma, também destaca: “a linguagem tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro” (op. cit, p.16).

Contudo, cabe registrarmos que o autor não ignorou a fala, apenas separou, admitindo a interdependência, a relação concomitante entre fala/língua; entretanto, centrou seus estudos na língua, considerando esta um sistema convencional e estruturado. A definição da língua como objeto da Linguística é uma das principais contribuições do linguista; conhecida a partir da publicação do *Curso de Lingüística Geral, Ferdinand de Saussure, no início do século XX*.

Segundo Saussure (1998), o signo linguístico é uma unidade de descrição. Cada signo é composto de duas “faces” inseparáveis uma da outra: o *significante* – impressão psíquica do som ou imagem acústica; e o *significado* – que o linguista define como sendo um conceito. Significante e significado são ambos as entidades psíquicas, abstratas, pertencentes ao sistema da língua. “O signo não une uma coisa, uma palavra, mas um conceito e imagem acústica”(op.cit,p.80). Ele é definido pela oposição que faz em relação a outro, isto é, o valor de um signo se dá nessas relações.

Carel e Ducrot (2005), no artigo *La Semântica Argumentativa*, buscam levar até as últimas consequências às ideias de Saussure, a saber que o sentido de uma entidade linguística não é um conceito, não é uma ideia, nem um fato material, nem um objeto, mas um conjunto de relações entre essa entidade e as outras da língua. Apesar dos referidos linguistas da ADL terem modificado as concepções estruturalistas apresentadas acima, essas foram de grande valia para o desenvolvimento dos estudos dessa teoria.

Segundo Ducrot, o sentido das coisas se dá nas relações sintagmática entre os segmentos, ou seja, palavras ou frases. O signo é a frase complexa – o significado de uma frase só pode ser definido por suas possibilidades de combinação com outras frases, conforme a ADL. Esse semanticista mostra que a língua, no sentido estruturalista, não pode ser construída sem que se faça alusão à fala, isto é, a língua – objeto teórico deve fazer referência à fala –uso da língua. Em termo de pragmática (teoria do contexto) e semântica (como teoria linguística) certos aspectos da pragmática devem ser integrado à semântica. A escolha das palavras cria uma imagem da fala e essa imagem é pertinente para compreensão do discurso. É o discurso, produzido pelo locutor, que estabelece o contexto.

Nessa concepção, a integração entre semântica e pragmática visa à construção do sentido, através da relação entre as palavras. Essas possuem, na sua significação, orientações que definem o sentido evocado em um determinado discurso. Entretanto, é necessário

delimitar o sentido do vocábulo pragmático aqui explicitado, pois esse possui múltiplos sentidos.

Conforme Ducrot (2005), um dos sentidos da palavra pragmático diz respeito a todo aspecto semântico de um discurso que não seja interpretável, no contexto linguístico. Apresenta exemplos para evidenciar essa afirmação: Ex. suponha-se que se quer saber de que automóvel se trata, quando alguém diz: o carro está na rua, nesse caso, é necessário conhecer o tema da conversação, somente ele permite determinar qual é o universo do discurso em que o locutor fez alusão, no qual se pode especificar um e unicamente um objeto particular, ao dizer-se “o carro” para compreender de que carro se trata.

Outro exemplo, refere-se ao emprego da conjunção **MAS** *Maria veio, mas a mãe também*. A conjunção permite dizer que a presença de Maria e da mãe devem orientar para conclusões opostas. Entretanto, para compreender o enunciado, é necessário ter precisão na conclusão. Assim, é preciso abandonar uma das presenças em função da outra. Trata-se da satisfação do locutor, ou de sua preocupação; ainda, da possibilidade que lhe teria dado a vinda de Maria, mas que foi desperdiçada pela vinda da mãe. A partir desse enunciado, haveria muitas alternativas de compreensão. Considera Ducrot (1977, p.10) que “Se não se é capaz de especificar nenhuma delas, não se compreendeu o *mas* que permanecerá tão hermético quanto um sinal dado num código do qual não se tem a chave”. Logo, conclui que “a chave deve ser procurada no contexto, no que se sabe sobre Maria e sua mãe e sobre as relações que o locutor ou outras pessoas podem ter com elas”.

A mesma constatação é possível verificar nos atos realizados pela palavra, segundo ele, Ducrot propõe que se imagine um enunciado como: Você irá a Paris amanhã. Para compreendê-lo, entre outras coisas, é preciso saber qual é o sentido, se é uma autorização, uma interrogação, etc. Nesta ótica, somente a situação permite especificar o ato que o locutor pretendeu realizar. Dependendo da interpretação, será a continuação do discurso. Todavia, o sentido *pragmático* até aqui exemplificado (contextual ou extralinguístico) escapa à análise e à descrição das estruturas linguísticas, pois se percebe que o contexto linguístico permite a construção de sentido de forma parcial.

Então Ducrot (2005) conclui que as palavras empregadas indicam o que se deve procurar e como se deve procurar no ambiente “real” para constituir o quadro dentro do qual o discurso deve ser interpretado, ou seja, a fala traz com ela os limites e os pontos de vista que tornam essa situação utilizável para interpretação. Assim sendo, o estudo pragmático é integrado ao sentido do enunciado, a ponto de representar sua enunciação.

Conforme Ducrot, ao integrar a semântica à pragmática, é necessário desvincular essa última do sentido “habitual”, da visão ingênua dos fatos da língua, sob a qual a linguagem é vista como forma de comunicar informações e determinar condições de verdade ou falsidade.

A concepção de sentido apresentada deu início à teoria ADL e foi mantida nas versões seguintes como se poderá conferir na próxima seção em que trataremos das fases da ADL.

2.2 TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA – DO MODELO “STANDARD” AO MODELO ATUAL

A ADL, no decorrer dos estudos, passa por algumas reformulações, as quais caracterizam as diferentes fases da teoria: a primeira, definida como “forma *standard*”, apresentada por Ducrot e Anscombe, em 1983, a qual teve como base a ideia de que a argumentação parte de um argumento que leva a uma conclusão. Esse processo é realizado com o conector do tipo *donc*, em francês, *portanto*, em português. Para os autores, o potencial argumentativo é um conjunto de enunciado que pode servir de conclusão. Já, na segunda fase, é apresentada a Teoria dos *Topoi*, do grego *topos* “lugar comum”. Conforme essa teoria, o *topos* é um princípio geral que possibilita a passagem do argumento à conclusão. Nessa fase, foi apresentada a forma “*standard* da Teoria da Polifonia” que propunha “O sentido do enunciado não é mais que o resultado das diferentes vozes que ali aparecem”⁴¹(DUCROT, 1988,p.16). A terceira e atual fase da teoria é a Teoria dos Blocos Semânticos proposta por Marion Carel, que trouxe significativa contribuição à ADL. Essa terceira fase é hoje desenvolvida, conjuntamente por Ducrot e Carel.

Trataremos a seguir de cada uma dessas fases.

2.2.1 Fase *Standard* da ADL

A forma *Standard* da ADL (1983), desenvolvida por Anscombe e Ducrot, parte do pressuposto de que argumentar é basicamente dar razões em favor de uma conclusão; o encadeamento argumentativo se dá através da relação entre dois signos linguísticos, primeiro um argumento, após, uma conclusão ligada pelo conectivo *portanto*, ou seja, nessa fase, o

⁴¹ “El sentido del enunciado no es más que el resultado de las diferentes voces que allí aparecen” (DUCROT, 1988, p.16).

potencial argumentativo era entendido como o conjunto de enunciados que podem servir de conclusão.

A ADL tem como principal objetivo opor-se à concepção tradicional do sentido, por não reconhecer a diferença entre o sentido conotativo e o denotativo. Essa divisão é contestada, com o exemplo como: (1) Pedro é inteligente; nesse enunciado é possível contemplar o aspecto objetivo, pois descreve Pedro; já o aspecto subjetivo refere-se a uma espécie de admiração por Pedro apresentada pelo locutor; o enunciado também contém um aspecto intersubjetivo, pois leva o locutor solicitar ao alocutário, por exemplo, que acredite ou tenha confiança em Pedro. Nessa ótica, o linguista resume essa ideia no trecho⁴² abaixo:

O aspecto subjetivo se faz, através da expressão de uma atitude e também de um chamado que o locutor faz ao interlocutor [...] Gostaria de unificar os aspectos que tenho chamado de subjetivo e intersubjetivo [...] Reduzi-los ao que chamo o valor argumentativo dos enunciados. (tradução nossa).

De acordo com Ducrot (1990, p.51), o emprego de um vocábulo se faz possível ou não, dependendo da continuação do discurso, sendo que o valor argumentativo desse é o conjunto de possibilidades ou impossibilidades na sequência discursiva que seu emprego determina. Assim, o valor argumentativo de uma palavra é a função que pode desempenhar no discurso, ou seja, as palavras não têm sentido, quando separadas. Considerando o exemplo já citado acima (1), não poderia seguir o discurso dizendo “logo não resolverá este problema”; ao contrário, poderia dizer Pedro é inteligente, logo resolverá esse problema.

Assim sendo, o linguista (1990, p.53) apresenta uma reafirmação e ressignificação da relação língua e fala. Tal processo acontece, quando ele conceitua e diferencia o enunciado e a frase. Assegura que o enunciado é empírico, definindo-o como um segmento do discurso. Já a frase é uma entidade abstrata que tem significação, mas é desprovida de sentido; distingue, assim, sentido e significação. Chama sentido o valor semântico do enunciado e significação o valor semântico da frase. Propõe, ainda, uma concepção aberta, instrumental, da significação. Sob essa ótica, podemos dizer que o valor semântico da frase está constituído por diretrizes, instruções para atribuir sentido ao enunciado. O autor concebe o texto como estrutura abstrata e o discurso como realização concreta do mesmo, à qual remete a sequência dos enunciados. Essa concepção de sentido está explicitada na citação que segue:

⁴² el aspecto objetivo se hace através de la expresión de una actitud y también de un llamado que el locutor hace al interlocutor[]gostaria de unificar los aspectos que he llamado subjetivo e intersubjetivo[]reducirlos a lo que llamo el valor argumentativo de los enunciados. (Ducrot 1990 p.51).

Em termos gerais, pode afirmar-se que a ADL é uma aplicação do estruturalismo saussuriano à semântica lingüística, na medida em que, para Saussure, o significado de uma expressão reside nas relações dessa expressão com outras expressões da língua. (CAREL; DUCROT, 2005, p.11).

Nessa ótica, apreendemos um olhar diferenciado em relação à concepção saussuriana de língua e fala, pois, para a ADL, é necessário o uso da língua, para que o sentido seja completado. É uma teoria enunciativa e semântica, onde o enunciado é produto da enunciação. Conforme DUCROT (1987, p. 172), o enunciado descreve a enunciação, chegando a afirmar que o sentido do enunciado é a descrição da sua enunciação. Além disso, contempla no discurso, um eu (origem) dirigido por um tu (destino).

DUCROT (1990) afirma que a ideia fundamental da teoria é que a própria frase apresenta indicações referentes às relações entre os interlocutores e que a teoria visa a confirmar tal ideia.

O linguista sintetiza essa fase, afirmando que, quando há uma sequência, em que o primeiro segmento é argumento para o segundo, diz que há um só enunciado e, portanto, uma só frase. Se um segmento S_1 tem sentido somente a partir do segmento S_2 , então a sequência S_1+S_2 constitui um só enunciado (DUCROT, 1990, p.53). Logo, o potencial argumentativo dos enunciados se dá em termos de conclusão, ou seja, é o conjunto de enunciados que pode servir de conclusão. É possível conferir essa concepção no exemplo abaixo:

(1a) Pedro estudou *pouco*.

(1b) Pedro estudou *um pouco*.

A partir de (1a), podemos concluir que Pedro não vai ter êxito, e de (1b) que Pedro terá êxito. As expressões *pouco* e *um pouco* são denominadas operadores argumentativos, considerando que ambos levam as conclusões diferentes. Entretanto, essa versão passa a ser questionada; tendo em vista que as possibilidades de argumentação não dependem, exclusivamente dos enunciados vistos como *argumento* e *conclusão*, mas também pelos princípios utilizados para colocá-los em relação.

O próprio autor reconhece a incompletude da descrição. Considerando essa problemática, Ducrot introduz a segunda fase da ADL, *Teoria da Polifonia* Ducrot mostra que o autor de um enunciado não se expressa diretamente, ou seja, ao falar/escrever põe em cena certo número de personagens. Assim, o sentido de um enunciado é o resultado das diferentes vozes que nele estão presentes. É importante, neste momento do trabalho, que se tenha clareza de que os enunciadores não são pessoas, mas “pontos de perspectivas abstratos” e de que o locutor pode ser identificado com alguns desses enunciadores, mas comumente,

guarda distância deles. Isso será mais aprofundado e compreendido, posteriormente sobre a qual na sequência discorreremos.

2.2.2 Teoria *Standard* Ampliada: Teoria da Polifonia e dos *Topoi*

No decorrer dos estudos, Ducrot (1990) busca um conceito mais amplo de argumentação. Logo, define que o produtor do enunciado é o **sujeito empírico**, o qual não lhe interessa, uma vez que se detém nos estudos referentes ao **enunciado**; por outro lado, chama **locutor** (L), o responsável pelo enunciado. Esse último é o responsável pelos pontos de vista do enunciado. O primeiro elemento de sentido é a manifestação dos diferentes pontos de vista dos enunciadores; já um segundo, é a indicação da posição do locutor em relação aos enunciadores. Em relação aos pontos de vista, o locutor pode concordar ou rejeitar. Logo, entendemos por polifonia a manifestação de um conjunto de vozes presentes no enunciado. No exemplo **Maria não ligou**, é possível observar a posição do locutor frente aos enunciadores:

E₁: Maria ligou.

E₂: Maria não ligou.

O locutor rejeita (1) e se identifica com (2). Cabe registrarmos que é a partir da polifonia que o autor em pauta refuta a noção de um único sujeito no discurso.

Nessa ótica, a argumentação não se refere somente aos enunciadores, mas aos elementos semânticos que constroem os sentidos, ou seja, as relações estabelecidas entre os predicados. Tais relações impõem uma análise semântica que considera uma série de representações independentes. Essas são pontos de vista colocados em cena pelo enunciado, a respeito, dos quais, o locutor se posiciona, toma atitude frente aos mesmos. Assim, introduz a Teoria da Polifonia (1990).⁴³

O linguista acredita que os discursos são sempre repetição de algo que se ouve ou que se leu. Logo, questiona: quem é o sujeito empírico? Exemplifica, citando uma obra de teatro, como saber quem é o produtor da fala do ator? O próprio ator, o autor, a direção ou o personagem que o ator representa? Todavia, conclui o autor, tal determinação não é um problema linguístico. O linguista semanticista preocupa-se em desvendar o sentido do

⁴³ É uma metáfora do conceito de música, ou seja, a uma composição musical em que se superpõem diferentes partituras. Para Bakhtin, polifonia é um universo de muitas vozes, mas um universo em que todas as vozes são quípolentes (Faraco, 2006, p.74)

“El sentido del enunciado no es más que el resultado de las diferentes voces que allí aparecen” (Ducrot, 1990,p.16).

enunciado, e não as condições externas à sua produção. Esse processo compreende três etapas essenciais como: apresentação dos pontos de vistas dos diferentes enunciadores, indicação da posição do locutor em relação aos mesmos e identificação do(s) enunciador (es) com seres determinados ou indeterminados.

A função do locutor (L) na teoria da polifônica *Standard* (1990, p.17), como já foi citado acima, é de ser um possível responsável pelo enunciado, deixando suas marcas como eu, mim, me, etc. e, em certa medida, aqui e agora. Esse é o ser a quem se atribui à responsabilidade do enunciado. A diferença entre locutor e o sujeito empírico pode ser comprovada, caso se imagine uma embalagem de chocolate, cuja escrita diz: “consume-me” – isso comprova que não é o sujeito empírico-SE (produtor do enunciado) que será consumido, mas sim que há um responsável pela legenda – o locutor. Tal diferença L/SE concede a palavra a seres inanimados. Ducrot salienta essa singularidade como podemos observar no exemplo, supondo que, em uma porta, esteja escrito “Proibido entrar” quem é o SE? Talvez, o dono do estabelecimento ou um empregado do mesmo. O que não é possível é à porta ser produtora do enunciado.

O semanticista ressalta que é possível construir um enunciado sem locutor, mas seria muito difícil um enunciado sem o SE. Cita como exemplo os provérbios “Quem semeia vento colhe tempestade”, comentando que, ao utilizar tal enunciado impessoal, o SE busca ocultar-se no mesmo. Assim, é favorecido na interpretação, pois o responsável pelo que falam, é completamente alheio à situação de discurso em que se encontram.

Nesse sentido, o enunciado não é produzido por um “eu”, mas é algo que é consagrado pela sociedade. Tal estratégia é comum, no meio político, talvez para se protegerem ou manterem de certa forma um distanciamento de sua identidade pessoal e profissional. Eles pronunciam-se na terceira pessoa como **o prefeito atenderá ao pedido do povo**, quando deveriam dizer, **Atenderei ao pedido do povo**.

Ducrot (1990) apresenta mais uma função do sujeito falante, o enunciador. Frisa que uma das grandes ideias da linguística contemporânea é que todo o enunciado apresenta certo número de pontos de vista relativo às condições das quais se fala, ou seja, um enunciado apresenta vários enunciadores. “O autor de um enunciado não se expressa nunca diretamente, mas coloca em cena, no mesmo enunciado, certo número de personagens” (DUCROT, 1990, p.16).

O locutor pode ser identificado com alguns desses enunciadores. Todavia, na maioria dos casos, se apresenta, guardando certa distância frente a eles. O autor exemplifica

essas funções mediante dois exemplos: o humor e a negação. Ducrot define como humorístico um enunciado que cumpre três condições:

a) entre os pontos de vista representado no enunciado, pelo menos um deve ser absurdo, insustentável em si mesmo e no contexto;

b) o ponto de vista absurdo não é atribuído ao locutor;

c) no enunciado não se expressa nenhum ponto de vista oposto ao ponto de vista absurdo, ou seja, ele não é retificado por nenhum enunciador.

Os enunciados chamados irônicos são aqueles em que o ponto de vista absurdo é atribuído a um personagem determinado, que se busca ridicularizar. Ducrot apresenta o seguinte exemplo:

Acontece em um restaurante de luxo em Paris. Numa mesa, encontra-se um cliente em companhia de um cachorro teckel. O dono do restaurante acha-se na obrigação de iniciar uma conversa com o solitário cliente. Dirige-lhe a palavra: - suponho que você gosta da comida que até o momento temos servido. Sabe? Nosso cozinheiro é um antigo chefe do rei da Suíça. O Cliente não responde e o dono continua. – vejo que o senhor escolheu um bom vinho, excelente qualidade, como todos que seleciona nosso degustador. É que tive a sorte de contratar um antigo degustador da Inglaterra. Tampouco, responde. Sem desanimar o dono continua: - Olhe, se nossos camareiros são tão precisos, discretos, limpos, rápidos, é porque nosso chefe do restaurante esteve a serviço do rei da Espanha. O cliente permanece mudo. O dono compreende que é prudente mudar de conversa e olhando o cachorro exclama: - Oh, senhor! Que precioso teckel! Imediatamente o cliente responde: - Meu teckel, senhor, é um antigo San Bernardo (Ducrot, 1990, p.21).

Percebemos o enunciado absurdo “Meu teckel, senhor, é um antigo San Bernardo”, que o locutor rejeita sem apresentar nenhum outro ponto de vista suscetível de corrigir o primeiro, e que é assimilado ao dono do restaurante. Logo, não há possibilidade de desencadear um sentido no discurso.

Em relação à negação, o semanticista faz alusão a Freud (Ducrot, 1990 p.23), pois, para este, a negação é um compromisso operado pelo ego (minha responsabilidade) entre as pulsões da libido e do superego. Quando alguém enuncia uma frase negativa não-p, em seu enunciado expressam-se duas vozes: a da libido e a do superego. A negação permite dizer coisas e, ao mesmo tempo, censurá-las. Um enunciado negativo é, pois, uma espécie de diálogo entre dois enunciadores que se opõem um a outro.

Contudo, o linguista apresenta a diferença entre humor e negação. Em ambos o enunciador diz algo que, do ponto de vista do locutor, não é admissível; já na negação, há um

enunciador para rejeitar esse ponto vista inaceitável. Porém, no humor, o enunciado é apenas apresentado pelo locutor, o qual não compartilha tal ponto de vista, nem o corrige. Em suma, o enunciado negativo é uma espécie de pequena obra de teatro com dois personagens, os quais são designados enunciadores. O enunciador E_2 geralmente se assimila ao locutor, o que não acontece com o enunciador E_1 que pode ser assimilado por qualquer um, menos pelo locutor.

Essa noção de polifonia contrapõe-se à ideia de unicidade do sujeito e propõe uma análise vertical do sentido. Tendo em vista a ideia central que a língua identifica o que se faz quando se fala, ou seja, a frase oferece indicações referentes às relações entre os interlocutores. Destacamos, aqui, a evolução da Forma *Standard* Ampliada da ADL, que não se detém no ato de argumentação do locutor, mas nos pontos de vista evocados no interior do enunciado por diferentes enunciadores.

O processo de evolução da ADL, neste momento, incorpora à Teoria dos *Topoi*. A concepção da argumentação da língua contradiz o conceito advindo de Saussure, pois inclui o princípio argumentativo (*topos*) como garantindo a passagem de $A = C$. Assim sendo, o discurso só é argumentativo se contiver os dois segmentos.

A Teoria dos *Topoi* baseia-se na ideia central que um ponto de vista só é argumentativo se tende a uma conclusão; segundo que, para chegar a essa conclusão, convoca um *topos*⁴⁴. Conforme Ducrot (1990, p.116), um *topos* possui três propriedades universalidade, generalidade e gradualidade. Considerando que a universalidade refere-se ao que uma comunidade linguística admite partilhar; pelo menos acredita o locutor; já generalidade significa que o princípio é entendido como válido em um grande número de situações semelhantes aquela, a qual, é aplicado e gradualidade, natureza gradual desse princípio visto relacionada, na passagem de um argumento a uma conclusão, duas escalas, entre as quais se estabelece uma correspondência que varia uniformemente. Nesse sentido, considerando o *topos* **Comer doces é bom para saúde, há duas formas tópicas recíprocas: quanto mais come doces, mais saúde tem e quanto menos se come doce, menos saúde se tem**. Tais formas tópicas são equivalentes, no sentido de que não se pode admitir uma sem também a outra.

A seguir, transcrevemos exemplos apresentados por Ducrot, mostrando o funcionamento do *topos*:

- (01) *O tempo está bom, vamos à praia.*
- (02) João trabalhou pouco.

⁴⁴ A Teoria dos *Topoi* (1988) se baseia no *topos*, que autoriza a passagem de um argumento a uma conclusão.

(03) João trabalhou um pouco

No exemplo (01), o autor destaca que o *topos* é aquele que põe a escala de *tempo bom* e a escala do *prazer*. Já no (02), considerando a forma tópica quanto menos se trabalha menos êxito se tem; é possível concluir que ele não tem mérito, logo, não terá êxito. Já no exemplo (03), a forma tópica é quanto mais se trabalha mais êxito tem. Consequentemente, João terá certo êxito. Tais “*topoi*” são aceitos na sociedade ou em todo caso, admitidos, na coletividade, onde o discurso ocorre, permitindo extrair argumento para justificar uma ou outra conclusão.

Notemos nos exemplos acima que o *topoi* é determinado pela coletividade, exigindo conceito convencionado. Nesse sentido, não é possível descrever semanticamente qualquer entidade da língua, já que, cada cultura atribui a carga de significação consagrada no seu meio. Assim sendo, o semanticista acredita que a argumentação está na língua, e não no conteúdo factual.

As orientações da teoria polifônica e da teoria dos *Topoi* possibilitam trabalhar com uma semântica que não carece apelar às condições de verdade. Por um lado, a ADL descreve a frase contemplando o aspecto polifônico, por outro, especifica os ‘*topoi*’ que os enunciadores têm à sua disposição, referente ao aspecto argumentativo.

Após a constatação de que a Teoria dos *topoi* exige referência ao extralinguístico para validar ou justificar a passagem A (argumento) a C(conclusão) é abandonada pelos linguístas que compõem o grupo de Ducrot, pois esses acreditam que a língua argumenta não por fatores externos, mas porque tem blocos semânticos na sua estrutura.

A Teoria dos Blocos Semânticos, fase atual da ADL, apresenta reflexões de Carel, que conduzem as modificações profundas, como se poderá acompanhar na seção seguinte.

2.2.3 Teoria dos Blocos Semânticos

Na terceira e atual fase da ADL, é desenvolvida a Teoria dos Blocos Semânticos (TBS), apresentada por Marion Carel ⁴⁵. A ADL sofre uma série de alterações e evolui, mas mantém a convicção de que a argumentação está no contexto linguístico - na língua. O sentido de uma expressão qualquer quer seja uma palavra, quer um enunciado, está constituído pelos discursos que tal expressão evoca. “... a argumentação não se agrega ao sentido, senão que constitui o próprio sentido” (Carel & Ducrot, 2005, p.13).

⁴⁵ Teoria dos Blocos semânticos (TBS) elaborada por Marion Carel, em sua tese 1992.

A TBS elimina a noção dos *topoi* da fase anterior, pois a ideia de princípio argumentativo, ligando um argumento a uma conclusão é repudiada. É apresentada como unidade mínima de argumentação a relação entre dois segmentos e um conector. Como já visto, o argumento e a conclusão eram unidades ligadas por um *topos*, como em **o tempo está bom, vamos à praia** (A), vamos à praia (C), cujo princípio que garantiria a passagem e A a C seria tempo bom ir à praia. No entanto, ao se enunciar vamos a praia (A), vamos ficar em casa (C) percebemos que A tem sentido diferente nos exemplos acima: num o calor é bom para sair, já em outro, é bom para ficar em casa.

Nessa ótica, o sentido é construído na relação com a conclusão, formando um bloco, e não na passagem de A para C. Assim, O bloco semântico é o sentido resultante da interdependência entre os segmentos de um encadeamento argumentativo. Confirmam-se nas palavras de Delanoy sobre o assunto:

O *topos* foi abolido porque, ao ser concebido um elemento que garantiria a passagem do argumento à conclusão, ficaria pressuposto que argumento e conclusão teriam sentidos completos, o que é negado pela TAL. Além disso, esse terceiro elemento estava vinculado a fatores extralingüísticos. Ora, manter os *topoi* era ir contra o princípio estruturalista de estudar a língua por ela mesma, sem referências ao mundo. Portanto, deixa de haver espaço, no encadeamento argumentativo, para um terceiro elemento. Conjuntamente, argumento e conclusão são suficientes para a construção do sentido. (Delanoy, 2008, p.18).

Ducrot (1999) reconhece que houve um engano quanto ao alcance das suas pesquisas referente à ADL, como ele registra no trecho abaixo:

Pensávamos mostrar como e por que é possível “argumentar” com as palavras da língua. O que de fatos mostramos, a meu ver, é que é impossível argumentar com as palavras, que nossos discursos, mesmo que sejam comumente qualificados de “argumentativos”, não correspondem a nada do que se entende por argumentação (Ducrot 1999, p.1).

O autor constata que além de as palavras não permitirem a demonstração, muito menos, concedem essa forma degradada da ação que seria a argumentação. Concluindo que a teoria em pauta deveria ser chamada “teoria da não-argumentação”.

O linguista apresenta, no referido artigo, três razões para distinguir os encadeamentos e as conclusões, a partir da verificação acima citada. A primeira registra que o argumento e a conclusão de um encadeamento discursivo fundam-se reciprocamente. É possível conferir no exemplo a seguir, apresentado por Ducrot (1999).

(1) il est tard: lê train doit être lá.
É tarde: o trem deve estar aí.

Chegada do trem

(2) il est tot: lê train doit être lá.
É cedo: o trem deve estar aí.

Não-partida do trem

Considerando que a conclusão pode determinar semanticamente o argumento, nos enunciados acima, temos conclusões que orientam para argumentos opostos. Em (1) é tomado no sentido de chegada e, em (2) como uma não-partida.

A segunda razão apresentada por Ducrot é que o encadeamento argumentativo “produz uma representação da situação de que fala o enunciado, a qual, chamei de uma ‘apreensão argumentativa’ remete a um tipo de concatenação discursiva, e não a uma atividade de pseudo-demonstração” (p.8).

A terceira razão, para distinção dos encadeamentos argumentativos e das argumentações é baseado em um artigo de Carel (1995), a qual registra que um mesmo “bloco semântico” pode ser constituído tanto por encadeamentos com *donc* como com encadeamentos com *pourtant*, os quais, igualmente se constituem unidades semânticas básicas.

Assim, os constituintes são interdependentes semanticamente, ou seja, os sentidos do encadeamento dependem da relação que se estabelece entre seus segmentos, ou seja, através dos encadeamentos argumentativos que são do tipo X conector Y, “...o sentido de uma expressão qualquer, seja ela uma palavra ou um enunciado, está constituído por discursos que essa expressão evoca. A esses discursos chamamos de encadeamentos argumentativos” (CAREL e DUCROT,2005,p.29).⁴⁶

Para Carel, o sentido de uma entidade linguística é ou de evocar um conjunto de discursos ou, se ela tem função puramente combinatória, de modificar os conjuntos de discursos associados a outras entidades. “Só o discurso é, portanto, doador de sentido” (2002 p.07). A partir de uma determinada expressão, evocam-se os discursos argumentativos. Os constituintes são interdependentes semanticamente, ou seja, os sentidos dos encadeamentos dependem da relação que se estabelece entre seus segmentos. Nessa perspectiva, o linguístico oferece subsídios para atribuímos sentido aos enunciados.

Ducrot e Carel (2008), em seu artigo *Descrição argumentativa e polifônica: O caso da negação* apresentam modificações significativas em relação à noção de polifonia. Mantêm

⁴⁶ ...el sentido de una expresión cualquiera, sea ella una palabra o un enunciado, está constituído por los discursos que esa expresión evoca. A estos discursos los llamamos encadenamientos argumentativos (CAREL; DUCROT, 2005, p.29).

a significação de frase como abstrata e mostram que a polifonia se manifesta no enunciado, sendo os valores semânticos da frase e do enunciado, respectivamente, a significação e o sentido. Os autores retomam tanto a distinção entre as atitudes do locutor diante dos enunciadores, quanto à forma como o mesmo posiciona-se frente aos enunciadores e à determinada personagem do discurso.

Outro acréscimo é a atitude de assumir do locutor, pela qual este impõe o ponto de vista de um enunciador: “trata-se de uma noção de atitude que a distingue de uma tomada de posição frente a um conteúdo ou a uma proposição caracterizável em si mesmo.” (Ducrot e Carel, 2008, p.9).

Cabe salientarmos, uma considerável diferença entre a teoria polifônica “*standard*” e a “*ampliada*”, pois anteriormente havia três atitudes tomadas pelo locutor frente aos enunciadores: aceitar, rejeitar e identificar, sendo que o posicionamento de assumir implicava, necessariamente, a assimilação do locutor. Conforme Ducrot há um duplo erro nessa concepção: A assimilação ao locutor não é condição necessária para o assumir, porque pode acontecer que o locutor assuma um enunciador ao qual ele não é assimilado”(p.8), por exemplo, em “parece que p”, oposto a “disseram-me que p. Nesses casos, o enunciador de p é assimilado a outro que não o locutor.

De acordo com o linguista, o locutor desempenha duas atitudes frente ao enunciado; a primeira: concorda ou rejeita e assume o ponto de vista; a segunda: assimila os enunciadores a pessoas indivíduos/seres determinados. Assim, os três principais elementos que participam da construção do sentido do enunciado são a apresentação dos enunciadores e dos seus pontos de vista; as atitudes que o locutor pode tomar em relação aos enunciadores e a assimilação entre um enunciador e uma determinada pessoa (não enquanto ser no mundo, mas enquanto ser do discurso). Observemos, a partir dos enunciados “**eu me sinto cansado**” e “**segundo meu médico, eu estou cansado**”, a análise dos autores:

O enunciador do cansaço é aqui assimilado a “eu” – isto é, ao locutor que a teoria clássica da polifonia chama Lambda – e aponta para o que Lambda sente. O assumir pelo locutor consiste em tentar fazer admitir a idéia de um cansaço tal como ele se manifesta para quem o experimenta. É de outro cansaço que se trata se o enunciador assumido é assimilado a um médico: “segundo meu médico, eu estou cansado”, aqui, o cansaço que o locutor visa fazer admitir é aquele que um médico pode perceber nas observações “externas” que ele faz de seu paciente. (CAREL e DUCROT, 2008, p.9).

A partir da exemplificação, é possível percebermos a distinção entre a atitude, por exemplo, de assumir, e a assimilação. Aqui a atitude é diferente da tomada de posição frente

a um conteúdo ou proposição. Os pontos de vistas são construídos em relação ao enunciador que é o objeto da atitude. O cansaço assimilado ao “eu” difere do cansaço assimilado ao médico, como foi explicitado na análise acima.

Conforme esses autores há somente dois tipos de conectores: os normativos em DONC (DC= portanto)⁴⁷ e os transgressivos em POURTANT (PT=mesmo assim)⁴⁸. Esses conectores produzem uma interdependência semântica entre os predicados que os unem. Esses aspectos nos quatro ângulos de um “quadrado argumentativo” estabelecem três relações formais: recíprocas, conversas e transpostas representadas no seguinte esquema:

- A DC B / neg-A DC neg-B; A PT neg-B / neg-A PT B (recíprocos);
- A PT neg-B / A DC B; neg-A PT B/ neg-A DC neg-B (conversos);
- A PT neg-B / neg-A DC neg-B; A DC B; neg-A PT B (transpostos).

Às entidades linguísticas podem ser atribuídas duas argumentações. A argumentação interna (AI) é relativa aos encadeamentos que parafraseiam uma expressão. Exemplificando, a AI de inteligente pode ser representada por difícil PT compreende. A argumentação externa (AE) relaciona-se aos discursos que podem preceder ou seguir-se a uma entidade, fazendo ela mesma parte de um segmento do encadeamento. A AE de ter pressa pode ser traduzida por **ter pressa DC agir rapidamente**. Uma AE possível de **Pedro é prudente é Pedro é prudente DC não lhe ocorrerá nada de mal**. A AI de **Pedro é prudente** resulta em **perigo DC precaução**.

Nesse artigo, os autores discutem, também, a negação dita metalinguística, a qual corresponde, no tratamento argumentativo, àquilo que o tratamento habitual chama de “destruição dos pressupostos”; é que, o suporte do enunciado metalinguístico negativo é a negação daquele do enunciado positivo. Esse tipo de negação não transforma um aspecto em seu converso, mas em seu transposto; Logo: João parou de fumar.

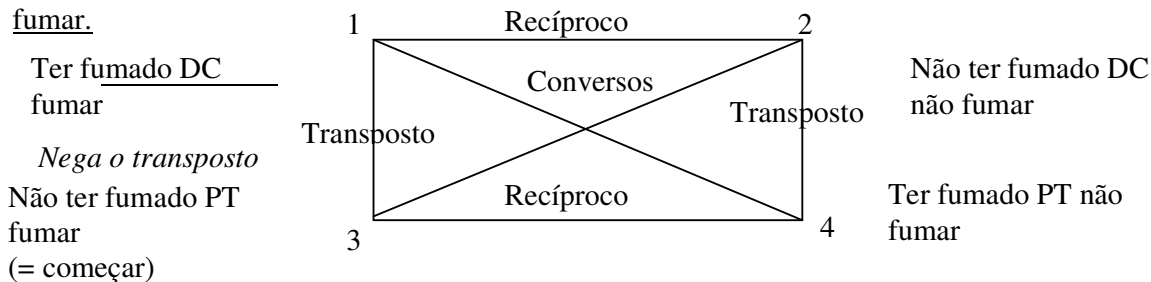
- Argumentação Interna: João não continua a fumar (ter fumado PT não fumar)
- Argumentação interna de começar: *Neg* ter fumado PT fumar.

João não continua a fumar, ele está apenas começando; assim, negando que ele fumava. Nesse sentido, distinguindo-a da comum e da polêmica. No exemplo, “Ele não continua a fumar, está apenas começando”, mostra que João não fumava.

⁴⁷ Correspondente ao conector normativo que une dois segmentos X e Y, estabelecendo uma interdependência semântica entre esses segmentos.

⁴⁸ Corresponde ao conector transgressivo que une dois segmentos X e Y, estabelecendo uma interdependência semântica entre esses segmentos.

Trata-se do transposto do aspecto expresso pelo enunciado positivo Ter fumado DC

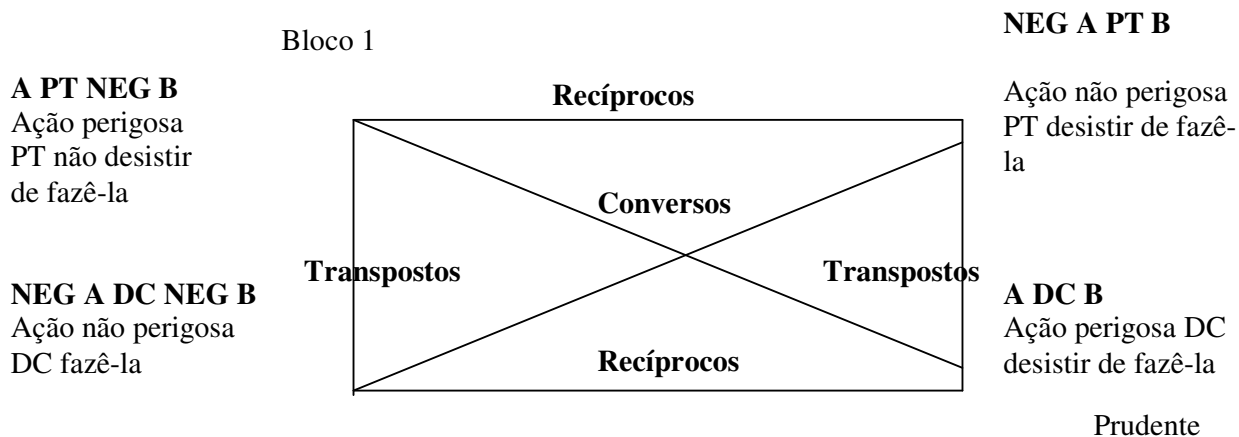


Percebemos que os encadeamentos argumentativos (1) e (4) são conversos, e (2) e (3), pois cada par corresponde ao encadeamento argumentativo normativo e transgressivo do mesmo bloco, tomado positivo ou negativamente; já os encadeamentos argumentativos (1) e (3), bem como (2) e (4) são transpostos, considerando que cada um deles também corresponde ao transgressivo e ao normativo do mesmo bloco.

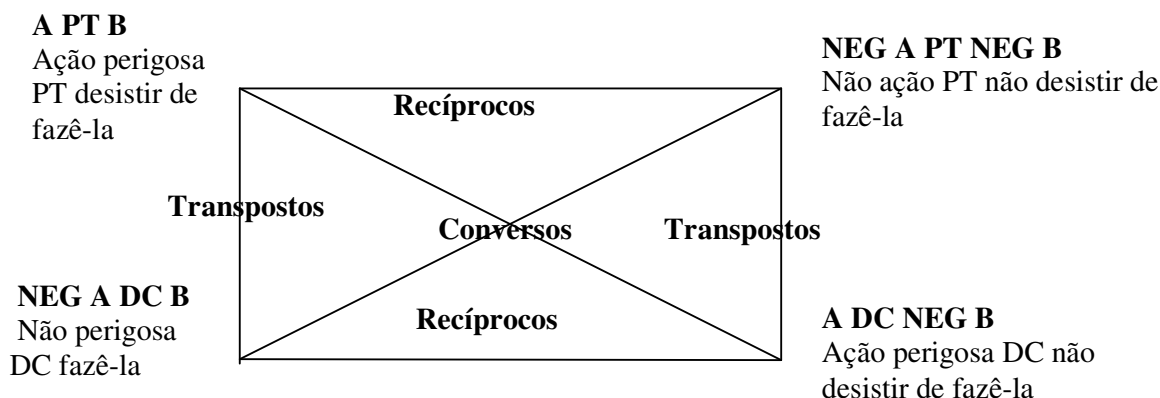
Entre os avanços nos estudos da ADL destacamos o que era chamado predicado (A e B), que constituía o sentido singular do bloco semântico, ou seja, a união de dois predicados por um dos conectores DC ou PT, agora é visto como suporte A e aporte B (ou, respectivamente, antecedente e conseqüente). É o que podemos conferir na citação que segue:

Uma argumentação é por definição uma seqüência de dois enunciados ligados por um conector: um desses enunciados é o suporte, o antecedente, o anterior, da conexão; o outro é o aporte, o conseqüente, o posterior (não é a posição geográfica do enunciado no encadeamento que define essa função; “está chovendo” é o suporte tanto em “está chovendo, no entanto vou sair” quanto em “vou sair, mesmo que chova”) (CAREL e DUCROT, 2005, p.9.).

Considerando, os encadeamentos transgressivos ou normativos constituídos a partir de dois predicados, o suporte A e o aporte B, os quais combinam eventualmente com a negação, é possível reagrupar esses encadeamentos em oito aspectos, eles próprios de dois blocos, ditos contrários, de quatro aspectos cada um. (ibid, p. 11).



Bloco 2



Temerário

A singularidade desses blocos é que a interdependência entre A e B é a mesma dentro dos quatro aspectos do mesmo bloco, sendo diferente nos aspectos do outro bloco; Essa diferença acontece por haver orientações argumentativas que remetem a aspectos do mesmo bloco, e outras que levam a um bloco diferente.

Cabe ressaltarmos, ainda, os avanços da teoria quanto às argumentações externa e interna de uma entidade linguística. “... toda a entidade linguística possui duas argumentações: uma interna e uma externa” (CAREL e DUCROT, 2005, p.62). A argumentação externa é o encadeamento, ou seguimento de uma entidade linguística. Se for suporte trata-se de argumentação à direita: **CON X**, se for aporte trata-se de argumentação à esquerda **X CON**. Observamos, na argumentação da palavra prudente, respectivamente: prudente DC segurança, bem como prudente DC não segurança, já a AE tem medo DC prudente, e não tem medo DC prudente. Essas argumentações apresentam-se em pares DC - normativo e PT – transgressivo. É possível comprovar essa ideia no trecho citado abaixo pelos linguístas:

É de fato fundamental, para nós, que uma expressão, por exemplo, uma palavra ou uma frase, consideradas como entidades da língua, não possam evocar, como seu segmento anterior ou posterior, um encadeamento normativo sem evocar ao mesmo tempo o encadeamento transgressivo correspondente – e inversamente. (CAREL e DUCROT, 2008, p. 10).

A argumentação interna caracteriza-se por parafrasear ou reformular encadeamentos. Essa se distingue da AE, pois seus aspectos não se apresentam necessariamente em pares. Carel e Ducrot (2005) afirmam que os aspectos da AI de uma entidade linguística poderiam

ser apenas recíprocos (A DC B, NEG-A DC NEG-B, OU NEG-A PT B, A PT NEG-B). Nessa ótica, apresentavam-se em pares positivos e negativos do mesmo bloco semântico. Entretanto, no artigo em pauta, percebemos progresso nesses conceitos, quando afirmam que AI pode apresentar aspectos recíprocos. A seguir uma descrição detalhada da frase positiva p que contém a matéria-prima para estabelecer os pontos de vistas dos enunciadores constituídos dos sentidos dos enunciados.

P= João foi prudente.

Argumentação externa:

AE à direita: Prudência DC segurança

★

(Conversos) Prudência PT neg. segurança

AE à esquerda: ser prevenido DC ser prudente

★

(transposto) Neg. ser prevenido PT ser prudente

Argumentação Interna – um aspecto sem que haja seu converso, nem seu transposto

perigo DC precaução

perigo DC desistir

Prudente = várias possibilidades de AI.

Introduz-se na significação de P → João foi prudente, apenas um dos aspectos perigo DC precaução. A esse aspecto é necessário juntar, como foi feito com a AE, certos encadeamentos que os particularizam e, essencialmente, que fazem alusão a João e a prudente.

Após a descrição sucinta da frase positiva P, é preciso ver agora como se constrói com ela o sentido de um enunciado negativo, e, principalmente, como são postos em cena os diferentes enunciadores ligados à negação. A concepção polifônica postula que o enunciado negativo faz ao menos alusão a um enunciador do enunciado positivo correspondente. Temos, portanto, de descrever primeiramente o enunciado positivo p “João foi prudente” (Evitamos ter de descrever a frase negativa p’: derivamos diretamente o sentido do enunciado negativo do sentido do enunciado positivo.) (CAREL e DUCROT, 2008, p. 16-17).

O enunciado p acima citado põe em cena três enunciadores ao mesmo tempo:

E₁ – exprime um dos dois aspectos conversos da AE à direita de p e evoca o encadeamento que o particulariza, o que significa que, no nível do enunciado, faz-se uma

escolha no interior da dupla de conversos que constitui a AE à direita da frase p. (escolhe-se entre João foi prudente DC não teve acidentes; João foi prudente PT teve acidentes).

E_2 – refere-se à argumentação à esquerda, fazem-se também escolhas. A diferença é que se faz entre transpostos e não entre conversos.

E_3 – (AI) exprime o aspecto e evoca o encadeamento presente do ponto de vista interno na frase P (se tivéssemos conservado vários aspectos na argumentação interna da frase p – seria necessário introduzir no enunciado p enunciadores para cada um desses aspectos).

A partir dessa descrição, fica nítida a singularidade entre AE e AI, como esclarecem os autores na citação abaixo:

Contudo, após essa descrição é possível identificar a diferença entre argumentação interna e externa. Os singulares aspectos da AI da frase corresponde, no enunciado, o mesmo número de enunciadores. Em compensação, uma escolha é feita, no nível do enunciado, no interior da AE da frase: só é mantido um dos dois aspectos conversos da AE à direita e um dos dois aspectos transpostos da AE à esquerda (ibid, p.17).

Contudo, a partir dessa descrição do enunciado afirmativo, podemos agora estabelecer a do enunciado negativo p'. Nele se encontram, de um lado, todos os enunciados presentes no enunciado afirmativo de p e, de outro, todos os enunciadores negativos, cujos pontos de vista resultam de transformações dos pontos de vistas dos enunciadores positivos. Assim:

E'_1 – o enunciado E'_1 tem por ponto de vista o aspecto do locutor positivo E_1 . Ex. João não foi prudente, portanto correu risco de um acidente.

E'_2 – seu ponto de vista é recíproco e do E_2 : se E_2 tem como ponto de vista “João não foi prevenido, mesmo assim foi prudente”, será atribuído a E'_2 o ponto de vista “João foi prevenido, mesmo assim não foi prudente”;

E'_3 – esse ponto de vista, no caso da negação polêmica, é transformado por conversão do ponto de vista de E_3 . Assim E'_3 pode exprimir o aspecto perigo PT neg. desistir e evocar encadeamentos que pertencem a esse aspecto, sendo conversos também eles em relação ao encadeamentos evocados por E_3 .

Assinalamos, na parte anterior, que, para a negação metalinguística, há transposição, e não conversão.

A essa lista mínima dos enunciadores do enunciado negativo, é preciso acrescentar a indicação das atitudes, em relação a eles, do locutor, do enunciador negativo positivo E_1 , E_2 ,

E_3 e que ele assume os enunciadores negativos E'_1 , E'_2 e E'_3 , ou ao menos lhes dá sua concordância.

De acordo com os autores, a descrição geral da negação utiliza diferentes traços da TBS, diferenciando os modos, externo e interno, cujas argumentações são ligadas às entidades linguísticas, o conceito de dois tipos de argumentação, em DC e em PT, as diferentes relações formais que existem entre os aspectos de um mesmo bloco, conversão, transposição, reciprocidade (essas relações correspondem aos diferentes modos pelos quais os aspectos expressos pela enunciação negativa são ligados aos das enunciações positivas).

Com a apresentação da união da polifonia e da teoria dos blocos semânticos na análise semântica de enunciados chegamos à fase atual da ADL, da qual tomaremos princípios e conceitos de bloco semântico, de encadeamento argumentativo, de relações entre encadeamentos de um mesmo bloco, de argumentação interna - AI, de argumentação externa - AE, de polifonia ente outros, para análise das três letras de rap: *Diário de um detento*, *Homem na estrada e Negro drama*. Após, o resultado das análises, ou seja, os conceitos construídos através do discurso serão realizados uma comparação entre os mesmos e apontados os que permanecem e os que oscilam durante as três fases das letras musicais. Fases essas que marcam o início da carreira do grupo Racionais's, ascensão e superação. É possível ter noção de cada uma dessas, conferindo a história das mesmas, nos breves registros de notas de rodapé neste trabalho.

No capítulo seguinte, abordaremos a metodologia, bem como o princípio de leitura que estará baseada a análise.

3 METODOLOGIA

Acreditamos que uma *práxis* de qualidade só é possível, se o educador apresentar práticas significativas para seus educandos. Nesta pesquisa, analisamos letras de *rap* com base na ADL e registramos considerações acerca dessa teoria; bem como, indicamos o *rap* como ferramenta das práticas pedagógicas, com base na ADL para trabalhos de leitura eficaz na escola.

O *rap* faz parte da vida de muitos jovens, principalmente de periferia⁴⁹. Considerando que as letras refletem a realidade dos mesmos, é compreensível o seu interesse por esse gênero musical.

Nessa ótica, a proposta deste trabalho é construir, a partir do linguístico, o conceito argumentativo de detento, de polícia, de droga, de mano, de estuprador, de tempo, de sociedade e do sistema, encontrados nas letras que constituem o “corpus” desta pesquisa. Essa escolha se fez considerando a primeira letra *Diário de um detento*. Na sequência, optamos por analisar essas mesmas palavras nas demais letras para conhecer o posicionamento do locutor nas diferentes letras musicais, que se referem a singulares fases do *rapper* Mano Brown.

Na seção que segue, apresentaremos o modo de seleção do “corpus” descrevendo a origem de cada letra selecionada. Em seguida, explicitaremos os procedimentos de análise, a fim de que se alcancem os objetivos da proposta. Para tanto, apresentamos, também uma visão de leitura com base na ADL.

3.1 SELEÇÃO DO “CORPUS”

As três letras de *rap* selecionadas para a realização das análises foram escolhidas, observando-se as diferentes fases da carreira do grupo Racionais MC's, todas de autoria do *rapper* Mano Brown.

A primeira, *Diário de um detento*⁵⁰, faz referência a um fato verídico, ocorrido em São Paulo, Penitenciária Carandiru, palco da tragédia de 2 de outubro de 1992, quando a

⁴⁹ Por ser um estilo desenvolvido nas comunidades periféricas e pelos seus jovens moradores, o *rap* absorveu a linguagem do seu próprio ambiente. Por conta da politização dos primeiros *rappers*, surgiu uma geração que começaria a levar suas experiências de vida na periferia para as letras de música. Munidos de maior consciência crítica em relação aos problemas de suas comunidades e, assim, explorando questões sociais em suas letras, os *rappers* tornavam-se “porta-vozes” da população da periferia. Documento em meio eletrônico. Disponível em: www.uepg.br/Juliano_radio_hip_hop.pdf.05 de julho de 2009.

invasão da Polícia Militar, no pavilhão 9 da cadeia, resultou na morte de 111 detentos. Essa letra transformou-se num minidocumentário sobre a chacina, na versão de um sobrevivente. A letra da música nasceu do relato de um preso identificado apenas como Jocenir. Brown tinha ido ao Carandiru participar de um jogo de futebol, quando o detento lhe entregou a letra, depois acrescida de outras histórias que o *rapper* recolheu de cartas enviadas por presos.

É no terceiro álbum do grupo, *Raio-X Brasil* que a música *Homem na Estrada*⁵¹ destaca-se, sendo recitada pelo Senador Eduardo Suplicy na época da absolvição dos jovens que assassinaram o índio Galdino⁵², da tribo Pataxó.

O álbum *Nada como um dia após o outro dia*⁵³ (2002), realização do grupo de *rap* Racionais MC's, é um disco de caráter violento e perturbador como os anteriores na carreira do quarteto, mas doloroso e tocante como nunca antes. A letra *Negro drama* retoma os temas recorrentes de suas letras: o cotidiano de violência da periferia, descrito em longas letras de caráter narrativo e tom de revolta; a denúncia do preconceito racial contra os negros; um forte apelo religioso que faz da palavra instrumento de iluminação, conforto; um sentimento arraigado de pertencimento a uma determinada região da cidade de São Paulo, onde nasceu e vive o líder da banda, Mano Brown: a Zona Sul e algumas de suas localidades, como o Capão Redondo e a Vila Fundão.

Conforme MARICATO (1995), os Racionais MC's são “testemunhas da cidade oculta”. As manifestações culturais que reúnem a massa de jovens pobres (especialmente negros) das periferias metropolitanas começam a merecer atenção da mídia e de estudiosos. Em São Paulo, o fenômeno do *rap*, a poesia musicada de origem norte-americana, se tornou muito popular entre os jovens negros da periferia. Entre os numerosos conjuntos que estão elaborando uma crítica social e buscando uma identidade própria, o mais prestigiado é grupo Racionais MC's. Seus componentes são oriundos da periferia da Zona Sul do município de São Paulo, onde os indicadores do número de homicídios são os mais altos.

⁵⁰ Trabalho que popularizou o *rap* em todo o país, abriu espaço nas rádios comerciais e gravadoras para os artistas do estilo, pela sua grande repercussão e rendeu ao grupo o prêmio de Melhor Videoclipe no Vídeo Music Brasil (VMB) da MTV, por “Diário de um Detento”. www.uepg.br/Juliano_radio_hop.pdf, 05 de julho de 2009.

⁵¹ Em 1994, eu ganhei (Mano Brown) o prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte, por *Homem na Estrada*. Foi a melhor música do ano. Só que isso não foi muito divulgado. **Entrevista com Mano Brown**. Disponível: <http://www.cefetsp.br/edu/eso/lourdes/entrevistabrown.html>, em 05 de julho de 2009.

⁵² Na madrugada do dia 20 de abril de 1997, índio Pataxó **Galdino Jesus dos Santos**, 44 anos, dormia sob um abrigo de usuários de ônibus da 703/704 - via W-3 Sul, em Brasília – DF, quando foi alvo de um dos crimes mais bárbaros e torpes de que se tem notícia na capital federal e no País. Disponível: http://members.tripod.com/arlindo_correia/101201.html, em 05 de julho de 2009.

⁵³ *Negro drama* É um rap de quase sete minutos, em que Edy Rock e Mano Brown revezam-se ao microfone. A voz grave e áspera do primeiro dá início à música registrando sua realidade, através da poesia. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n50/a20v1850.pdf>, em 05 de julho de 2009.

O *rap* é, portanto, um gênero singular, instigante, adequado para desenvolver o estudo proposto neste trabalho. Os registros apresentados até aqui são a título de situar o “corpus”, pois a proposta de leitura é pelo viés linguístico, isto é, pela análise dos encadeamentos evocados a partir do que o linguístico permite construir. É esse que impõem os limites dos contextos possíveis, como se esclarecerá na seção seguinte.

3.2 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

A semântica argumentativa de Oswald Ducrot tem como princípio que o sentido está na própria língua. O leitor não depende do mundo exterior para construção de sentido do texto. Nessa ótica, ele (o leitor) é um pesquisador, pois realiza uma leitura metalinguística, através da construção de sentido que o discurso permite, considerando os pontos de vistas apresentados no enunciado e a posição do locutor diante desses.

Sabemos que há diferentes concepções de leitura, dependendo da linha teórica que se assume. Há, contudo, um ponto em comum, em relação à temática, todas reconhecem a importância do ato de ler, por considerarem que é, através da leitura, que se constrói o conhecimento, que se adquirem valores, e se formam sujeitos autônomos, críticos, participativos e ativos.

A compreensão de textos exige competência dos leitores, porém há falhas nesse sentido, pois se pode verificar em pesquisas que um número significativo de “leitores” não entendem o que leem. Há muito tempo os professores questionam como ensinar a compreender e a produzir textos. Nessa ótica, metodologias vêm sendo criadas, apoiadas em diferentes fundamentos linguísticos, observando aspectos distintos da linguagem, propondo possibilidades de análise na tentativa de explicar o uso da linguagem de forma atraente e esclarecedora.

Há muitas concepções de leitura que orientam o leitor a recorrer ao extralinguístico, ou seja, a aspectos pragmáticos para compreender o texto, ou ainda, a “ler as entrelinhas do texto”. Confirmam-se, por exemplo, as palavras de Kleiman:

... o leitor eficiente faz predições baseadas no seu conhecimento de mundo. Na aula de leitura é possível criar condições para o aluno fazer predições, orientado pelo professor, que além de permitir-lhe utilizar seu próprio conhecimento, supre eventuais problemas de leitura do aluno, construindo suportes para o enriquecimento dessas predições e mobilizando seu maior conhecimento sobre o assunto. (2000, p. 52).

Essa abordagem apresenta dificuldades no trabalho com o texto em sala de aula, pois fica muito vago para o leitor saber se ativou o conhecimento adequado. Nesse caso, o linguístico deve ser observado, uma vez que é ele que impõe limites aos contextos possíveis. Essa problemática pode ser tratada pela Teoria da Argumentação da Língua como o exemplo, a seguir, mostra que o sentido depende do bloco semântico estabelecido e os encadeamentos selecionados pelo locutor:

Ex: O policial **comeu pouco**.

O policial comeu pouco DC não vai engordar. (positivo).

O policial comeu pouco DC ficará doente. (negativo).

O suporte comeu pouco é idêntico em ambos os enunciados, mas, como seu sentido é constituído na interdependência com o aporte, e esses são diferentes, logo, obtemos sentidos opostos. Ainda, há dependência do posicionamento do locutor diante desses pontos de vistas contidos no enunciado. No primeiro caso, conduz a ser magro; no segundo, comer pouco conduz a estar doente.

A teoria em evidência apresenta resultados relevantes para uma leitura competente. É através do bloco semântico e dos encadeamentos evocados nos segmentos que se obtêm subsídios para compreender as leituras efetuadas; tal ato contempla a função do locutor, que, ao tomar diferentes atitudes frente aos enunciados, também argumenta. Deste modo, argumentar é expor diferentes pontos de vistas.

Delanoy (2008) define o leitor, sob a ótica da ADL, como um sujeito que realiza a ação de ler de forma investigativa, estabelecendo o sentido vinculado à argumentação inerente ao discurso. A compreensão se dá a partir do que o linguístico oferece. Mais, precisamente, o leitor recorrerá à argumentação apresentada pelo eu/autor do discurso. “O eu, ao produzir o discurso, vai expressar seu ponto de vista a respeito de determinado tema” (p.28). Assim, reconstrói o sentido explicitado pela argumentação utilizada.

No artigo *O Papel do leitor pela Teoria da Argumentação na Língua* (2008), o referido autor analisa a fábula *O gato e o galo*. Através da descrição feita é possível verificar a segurança que a ADL proporciona para o leitor explicar o sentido evocado nos enunciados. Na sequência, uma descrição de sentido, a partir do enunciado exposto nesse artigo:

Enunciado 1: Um gato que tinha apanhado um galo buscava um pretexto para comê-lo. O enunciado revela que não bastava ao gato apanhar o galo e devorá-lo. Era preciso ainda uma razão, mesmo falsa, para justificar a ação. O encadeamento que condensa este sentido é **encontrar pretexto DC devorar a presa**. Essa argumentação expõe o ponto de vista do gato, ao dirigir-se ao galo: Havendo uma razão, a morte da ave seria justificada. (ibid, p.29).

Conforme Ducrot (1990), as palavras se apagam facilmente atrás das coisas, pois se não tem uma teoria que norteia os encadeamentos, não é possível ter clareza dos sentidos dos enunciados; assim, o autor acredita que o linguístico revela o que está “camuflado”. Tendo em vista que cada vocábulo admite múltiplos sentidos, dependendo o contexto enunciativo e sua interdependência semântica entre seus segmentos, os quais evocam argumentações específicas expressa no enunciado e o locutor posiciona-se frente aos pontos de vistas expresso no mesmo.

Conteratto (2008) realizou um trabalho de leitura e compreensão de provas testemunhais do contexto jurídico, baseada na teoria em pauta. Tal pesquisa é mais uma prova de que não são necessárias inferências do mundo para atribuir sentido ao enunciado. Ela assinala a forma de compreender o sentido das palavras, a partir da situação linguística. A seguir, transcrevemos um trecho do trabalho citado:

A partir da regra (1) *Quem não tem relação próxima com as partes e não tem interesse pessoal no processo judicial está apto a depor*; regra (2) *quem tem relação próxima com as partes e não tem interesse pessoal no processo judicial não está apto a depor*. A partir dessas regras, constroem-se os seguintes encadeamentos argumentativos:

A	Não ter relação próxima com as partes e não ter interesse pessoal no processo judicial DC estar apto a depor. (normativo)
B	Ter relação próxima com as partes e ter interesse pessoal no processo judicial DC não estar apto a depor. (normativo)
C	Ter relação próxima com as partes e ter interesse pessoal no processo judicial PT estar apto a depor. (transgressivo)
D	Ter relação próxima com as partes e ter interesse pessoal no processo judicial PT não estar apto a depor. (transgressivo)

Desse modo, a pesquisadora assinala a contribuição que a ADL oferece aos profissionais que precisam compreender de forma precisa situações complexas como a responsabilidade de um juiz ao deferir sentenças.

O ato de ler é ação necessária, continuamente na vida de todos os sujeitos. A compreensão dos diversos textos necessários à interação humana implica no êxito ou no fracasso de cada um. A próxima seção apresentamos as análises e resultados construídos, a partir das letras musicais.

As análises dessas letras terão, conforme esclarecemos antes, como referência teórica a ADL, mais especificamente a TBS e a Teoria Polifônica Ampliada. Como já especificado, pretendemos estabelecer concepções do locutor referente a múltiplas facetas da

vida. Essas questões serão analisadas em trechos das letras musicais selecionadas e as respostas a elas serão obtidas por meio da argumentação que o contexto linguístico autoriza estabelecer. Os fragmentos selecionados apresentam situações que permitem construir a visão de mundo do locutor em distintos aspectos da sociedade; como também, revelam oscilações de posicionamentos frente tais questões, considerando as fases dos *raps*.

A teoria escolhida para desenvolver tal processo propõe que o sentido de uma entidade linguística é um conjunto de relações entre essa entidade e outras entidades da língua. Tais relações se estabelecem, simultaneamente. Um encadeamento argumentativo apresenta X CONECTOR Y. Esses conectores podem ser normativos DONC (= DC=portanto) e POURTANT (=PT= mesmo assim), os quais produzem uma interdependência semântica entre os dois segmentos do enunciado, o que é possível conferir no exemplo: “detento DC culpado” (normativo) e “detento PT não é culpado” (transgressivo). Com essas entidades linguísticas construímos encadeamentos, estabelecendo aspectos de reciprocidade, conversão e transposição constituindo o quadrado argumentativo, como segue:

- | | |
|--------------------|----------------------------|
| (1) A DC B | detento DC culpado |
| (2) A PT neg – B | detento PT não é culpado |
| (3) Neg-A PT B | Não detento PT culpado |
| (4) Neg-A DC neg-B | Não detento DC não culpado |

Além dessas relações podem ser observadas as relações entre argumentação interna e externa, entre polifonia e argumentação. É com base em conceitos como esses que selecionamos os trechos e os procedimentos de análise:

(1) em cada trecho, a partir dos enunciados, explicitaremos o encadeamento argumentativo evocado;

(2) em seguida, à identificação do encadeamento, salientaremos o aspecto do bloco nele expresso;

(3) na sequência, construiremos o quadrado argumentativo que contém os aspectos normativos e transgressivos, com as relações de reciprocidade, conversão e transposições passíveis de estabelecer entre eles;

(4) a partir do que a língua mostrou, comentaremos, especialmente sobre a posição do locutor frente aos enunciadores: São duas atitudes: (1) concordar, opor-se ou assumir (02) assimilar.

4 ANÁLISE ARGUMENTATIVA E POLIFÔNICA DAS LETRAS MUSICAIS

4.1 ANÁLISE DA LETRA 1: DIÁRIO DE UM DETENTO

Ressaltamos que para a TBS o sentido é argumentativo, sendo construído somente no bloco semântico; passaremos a identificar os encadeamentos argumentativos possíveis nas letras musicais, bem como, quando possível, as argumentações externas e as internas e as atitudes do locutor frente aos aspectos argumentativos evocados nos enunciados das letras musicais *rap*, vistos sempre polifonicamente, no quadrado argumentativo. Os conceitos encontram-se numerados, na ordem de análise: 1º conceito de detento; 2º conceito de policial; 3º conceito de crença; 4º conceito de mano; 5º conceito de estuprador; 6º conceito de família; 7º conceito de tempo; 8º conceito de sociedade; 9ª conceito de sistema.

A primeira letra a ser analisada é *Diário de um detento*, lançada pelo grupo Racionais MC's⁵⁴, no terceiro álbum de trabalho dos cantores⁵⁵, do qual, foram vendidos mais de 200 mil cópias⁵⁶. As recorrências de vocábulos grosseiros caracterizam as letras de *rap* complexas e ofensivas. Os versos exigem do ouvinte/leitor competência de compreensão para atribuir sentido aos mesmos. Considerando tal intrincamento, há afirmações que, para entender a mensagem do *rap* é preciso conhecer a história da comunidade *hip hop*. Porém, queremos compreender e formular conceitos com base, apenas nos sentidos que o linguístico permite construir, como também, evidenciar que a teoria oferece bases para compreensão eficaz de qualquer gênero textual.

O título da letra 1: *Diário de Um Detento* apresenta o vocábulo **detento**, o qual permite múltiplos sentidos. Na AE à direita são possíveis os seguintes segmentos: é detento DC foi condenado; é detento DC é infrator; detento DC criminoso; detento DC vigiado constantemente; detento DC sofre; detento PT não condenado; detento PT não infrator; detento PT não criminoso. Já, na AE à esquerda, podemos constituir encadeamentos como: vive preso DC detento; sem liberdade DC detento; não vai onde quer DC detento; não

⁵⁴ - Racionais MC's é um grupo brasileiro de rap, que surgiu em 1988, na coletânea Consciência Black, com as músicas Pânico na Zona Sul e Tempos Difíceis. Formado por Mano Brown (Pedro Paulo Soares Pereira), Ice Blue (Paulo Eduardo Salvador), Edy Rock (Edivaldo Pereira Alves) e KL Jay (Kleber Geraldo Lelis Simões).

⁵⁵ A discografia oficial da banda é: Holocausto Urbano (1990), Escolha Seu Caminho (1992), Raio-X do Brasil (1993), Sobrevivendo no Inferno (1997) e Nada Como Um Dia Após O Outro (2002). O conjunto ainda tem um CD/DVD ao vivo chamada 1000 Trutas, 1000 Tretas, que conta com a participação especial de Jorge Ben Jor.

⁵⁶ A música faz parte do mais recente disco dos Racionais, "Sobrevivendo no Inferno" (mais de 200 mil cópias vendidas desde novembro do ano passado). <http://www.geocities.com/eureka/plaza/1704/carandi.htm>. Consultado, em 05 de julho de 2009.

condenado PT detento; não infrator PT detento; não criminoso PT detento. Já a AI de detento pode ser expressa por encadeamentos como: cometer infração DC sem liberdade; faz algum ato ilegal DC preso, infringiu as leis DC preso, etc.

A partir da AI de detento (praticante de algo ilícito DC preso), constituímos o seguinte quadrado argumentativo:

- | | |
|------------------------|----------------------------------------|
| (1) A DC B | prática ilícita DC estar preso |
| (2) A PT neg – B | prática ilícita PT não estar preso |
| (3) Neg – A PT B | Não prática ilícita PT estar preso |
| (4) Neg – A DC Neg – B | Não prática ilícita DC não estar preso |

Seguindo a análise, a partir dos predicados: ser detento/ ser condenado, podemos construir os quatro encadeamentos, evocando os aspectos normativo e transgressivo do bloco semântico: ser detento DC ser condenado/ ser detento PT não ser condenado/ não ser detento PT ser condenado/ não ser detento DC não ser condenado. Além desse, é possível constituir as seguintes argumentações: ser detento DC conhecer a realidade penitenciária. / ser detento PT não conhecer a realidade penitenciária / não detento PT conhecer a realidade penitenciária / não detento DC não conhecer a realidade penitenciária. A cada bloco semântico construído, podemos observar as argumentações estabelecidas e já se traçar ideia referente à visão de detento do locutor, pela sua relação com os pontos de vista expressos pelos enunciadores.

Trecho 1: conceito de detento

Nos Versos 2 e 3: *Aqui estou, mais um dia. /sob o olhar sanguinário de um vigia.* Nesses versos, o locutor assume e se assimila. Nesse sentido, a posição do locutor facilita a persuasão do interlocutor à situação de prisioneiro, ou seja, de como é seu cotidiano. O sentido dos versos pode ser expresso pelo encadeamento preso DC vigiado.

O verso 4 *Você não sabe como é caminhar com a cabeça na mira de uma HK.* O locutor assume que o alocutário de estar preso, ser vigiado, o que é reiterado nesse verso.

Os sentidos evocados pela argumentação interna-AI de penitenciária *Carandiru*, v₇₀, *Um dia... no Carandiru, não... ele é só mais um*, são: tensão v₁₂, *o dia tá chuvoso. O clima tá tenso* muralha; cadeia, v₄₃, *O relógio da cadeia anda em câmera lenta*; inferno, v₆₉, *Que veio do Inferno com moral.*

O verso 40 – *Aqui não tem santo.* O locutor rejeita que na penitenciária tenha alguém inocente; assimilando-se ao enunciador que manifesta o ponto de vista de que na

penitenciária só há *culpados/praticante de ilícitos*. É a polifonia presente, através da negação. Ainda, a partir desse enunciado é possível construir o quadrado argumentativo abaixo:

- | | |
|------------------------|-----------------------------------------------------------------|
| (1) A PT B | detento PT inocente |
| (2) A DC neg –B | detento DC não inocente |
| (3) Neg –A DC B | Não detento DC inocente |
| (4) Neg – A PT Neg – B | Não detento PT não inocente (referente ao policial militar-PM). |

Além da argumentação polifônica, no aspecto normativo, na relação de conversão é reforçada a persuasão da posição do locutor: *detento DC não inocente*. Já no aspecto transgressivo, relação de reciprocidade, a argumentação possibilita conceber a figura do policial: *Não detento PT não inocente*.

Além disso, destacamos o sentido transgressivo, ou contravenção em relação à opinião de quem pratica algo ilícito no trecho composto pelos versos 66 a 77: (...) / *moleque, me diz: então, cê qué o quê?/A vaga tá lá esperando você./Pega todos seus artigos importados./Seu currículo no crime e limpa o rabo./A vida bandida é sem futuro*.

Através desses versos, principalmente, os últimos, estabelecem os seguintes encadeamentos: vida bandida DC sem futuro/ não vida bandida DC futuro/ vida bandida PT futuro/ não vida bandida PT não futuro. Prevalecendo o aspecto normativo. Tais argumentações apresentam, também, a visão que o locutor tem da vida.

Apesar de admitir, nos versos 57 e 58, *Faltam só um ano, três meses e uns dias./Qual que foi? Quem sabe? Não conta / Ia tirar mais uns seis de ponta a ponta*, que cumpre pena pelas suas ações ilícitas, não acredita que o mundo do crime seja futuro para alguém, pois o encadeamento que segue permite essa compreensão usar droga DC não estar bem comigo, vida bandida DC sem futuro.

Confirmam-se nos versos 60-61: *Nada deixa um homem mais doente/que o abandono dos parentes*, abandono dos parentes DC homem doente; não abandono dos parentes DC não homem doente; abandono dos parentes PT homem não doente; não abandono dos parentes PT homem doente.

Na sequência, no mesmo trecho - versos 62 a 63: *moleque, me diz: então, cê qué o quê?/A vaga tá lá esperando você*, mano DC alertar; não mano DC não alertar; mano PT não alertar; não mano PT alertar. AI de moleque pode ser: parceiro, mano DC irmão; mano DC comparte, ou seja, da comunidade. O alerta é feito de forma agressiva, mas os enunciados permitem compreender certa preocupação, conforme a posição tomada pelo locutor.

Contudo, no trecho composto pelos versos 77 a 80: *Ladrão sangue bom tem moral na quebrada./Mas pro Estado é só um número, mais nada./Nove pavilhões, sete mil homens./Que custam trezentos reais por mês, cada.* A partir desses enunciados, construímos os encadeamentos: ladrão sangue bom DC aprovação na comunidade / ladrão não sangue bom DC não aprovação na comunidade/ ladrão não sangue bom PT aprovação na comunidade/ ladrão sangue bom PT não aprovação na comunidade. Nesse bloco, concebemos a visão dos integrantes da comunidade: ladrão sangue bom DC aprovação na comunidade. Ainda, nos versos 77 e 78, construímos os seguintes encadeamentos: ladrão sangue bom DC aprovação na sociedade / ladrão não sangue bom DC não aprovação na sociedade/ ladrão não sangue bom PT aprovação na sociedade/ ladrão sangue bom PT não aprovação na sociedade. A visão da sociedade em relação ao detento prevalece, no aspecto transgressivo, na relação de transposição: ladrão sangue bom PT não aprovação na sociedade. Nesse sentido, o conceito de detento oscila em relação aos argumentos constituídos acima. Aqui, nos segmentos evocados, já é possível perceber a visão da sociedade, além do conceito de ladrão, conseqüentemente de detento. Nessa ótica, ressaltamos o trecho dos Versos 82 a 100:

Na última visita, o neguinho veio aí./Trouxe umas frutas, Marlboro, Free.../Ligou que um pilantra lá da área voltou./Com Kadett vermelho, placa de Salvador./Pagando de gato, ele abusa/com uma nove milímetros embaixo da blusa./Brown: "Aí neguinho, vem cá, e os manos onde é que tá?/Lembra desse cururu que tentou me matar?"Blue: "Aquele puta ganoso, pilantra corno manso./Ficava muito doido e deixava a mina só./A mina era virgem e ainda era menor./Agora faz chupeta em troca de pó!"Brown: "Esses papos me incomoda./Se eu tô na rua é foda..."/Blue: "É, o mundo roda, ele pode vir pra cá."Brown: "Não, já, já, meu processo tá aí./Eu quero mudar, eu quero sair./Se eu trombo esse fulano, não tem pá, não tem pum./E eu vou ter que assinar um cento e vinte e um."

Esses versos permitem evocar outro sentido de ilícito, permitindo construir os encadeamentos: ilícito desumano DC condenar; ilícito não desumano DC não condenar/tolerar; desumano PT não condenar; não desumano PT condenar. Conforme, os encadeamentos evocados, a partir dos enunciados prevalecem neste bloco semântico os aspectos normativos, recíprocos: ilícito desumano DC condenar; ilícito não desumano DC não condenar.

Apesar da concepção formada, até então, em relação ao detento, nos versos 101 a 110:

Amanheceu com sol, dois de outubro./Tudo funcionando, limpeza, jumbo./De madrugada eu senti um calafrio./Não era do vento, não era do frio./Acertos de conta tem quase todo dia./Tem outra logo mais, eu sabia./Lealdade é o que todo preso tenta./Conseguir a paz, de forma violenta./Se um salafrário sacanear alguém, /leva ponto na cara igual Frankenstein.

É possível construir sentido de lealdade, mesmo de forma transgressiva. Preso PT leal; preso DC não leal; não preso PT não leal; não preso DC leal. Nesse sentido o vocábulo permite outros encadeamentos como: lealdade DC segurança; não lealdade DC não segurança; sendo que a AE à direita de não segurança é: insegurança DC morte. Notamos que essas argumentações mostram a existência de uma gradualidade de ilícito estabelecida pelo próprio detento.

Os versos seguintes orientam para o processo de construção do conceito de detento que é um dos objetivos da pesquisa. 135-137: *Morreu .../sem padre, sem repórter./sem arma, sem socorro*. A partir da leitura dos versos é possível constituir o bloco semântico que segue: Morte de detento DC indiferença; morte de detento PT não indiferença; não morte de detento DC não indiferença; não morte de detento PT indiferença. O bloco permite entender que, no sistema carcerário a morte de detento é ignorada, deve ser ignorada. Ninguém sabe ninguém viu, a lei do silêncio prevalece. Tal afirmação baseia-se no verso 63 - *Qual que foi? Quem sabe? Não conta*.

O sentido construído a partir dos versos 25 a 28: *Homem é homem, mulher é mulher./Estuprador é diferente, né?/Toma soco toda hora, ajoelha e beija os pés, /e sangra até morrer na rua 10*. Salientamos, o detento que praticou algo ilegal, o qual é punido pelos próprios presos, na penitenciária. Logo, estuprador = ilícito; Desumano DC rejeitado, punido pelos próprios presos.

Trecho 2: conceito de policial

A partir dos versos 7-8: *na muralha, em pé, mais um cidadão José./Servindo o Estado, um PM bom/*, construímos os seguintes segmentos: Cidadão José DC policial bom./cidadão José PT não é policial bom./Não cidadão José PT policial bom./ Não cidadão José DC não é policial bom. Também, Policial bom DC conhece a índole do detento/ Policial bom PT não conhece a índole do detento/ mau policial PT conhece a índole do detento/ mau policial DC não conhece a índole do detento. A expressão *cidadão José* permite construir encadeamentos como: cidadão José sofre PT cumpre a missão; o aspecto transgressivo visa à relação entre cidadão José e o povo de modo geral; mesmo com dificuldades as pessoas buscam desempenhar suas funções com dignidade. A visão do locutor em relação às pessoas nessa expressão é de humanidade, de cumplicidade de irmandade.

A partir do verso-2: *Policial com olhar sanguinário* é evocada argumentação contrária à descrita acima referente ao sentido do vocábulo *policial*. Logo, Policial com olhar sanguinário DC mau/ Não policial com olhar sanguinário DC bom, aspecto normativo; policial com olhar sanguinário PT não mau./não policial PT mau, aspecto transgressivo.

Segundo o “eu”- lambda, o quadrado é normativo, mas a argumentação externa à direita de policial contradiz tal posicionamento, pois policial DC protetor, policial DC segurança, policial DC cuidado. Nesse sentido, o quadrado é transgressivo. Já a AI de policial evoca: mantenedor da ordem DC guarda, mantenedor da ordem DC vigia, mantenedor da ordem DC vigia, etc. A argumentação interna-AI de sanguinário pode ser expressa pelo encadeamento – cruel DC raivoso, cruel DC mau, cruel DC ruim; já, a AE á direita constitui os seguintes argumentos: ser cruel DC matar, apreciar sangue DC matar, etc.

Podemos afirmar, então, que o locutor percebe a existência de dois tipos de policiais no presídio: o ético, o humano responsável, o desumano, o irresponsável e antiético.

Trecho 3: conceito de crença

Nos versos 15-16: *Será que Deus ouviu minha oração?/Será que o juiz aceitou a apelação?* São evocados os seguintes argumentos: Infrator PT crê em Deus/ Infrator DC não crê em Deus/ Não infrator DC crê em Deus/ Não infrator PT não crê em Deus. Notemos que o comum seria um infrator não crer em Deus, mas os encadeamentos apontam para o fato de que, apesar de ser detento, tem fé. Cabe referenciar que há cidadãos que não são infratores, mesmo assim não tem confiança em algo superior, Deus. A interrogação no verso 15 indica uma dúvida, ou seja, pressupõem, por polifonia, a possibilidade de uma negação e de uma afirmação:

E1: Deus houve todas as orações DC ouviu a minha.

E2: Deus houve todas as orações PT não ouviu a minha.

A forma interrogativa mostra que o locutor não assume nenhuma das possibilidades.

Os versos 29-30: Cada detento uma mãe, uma crença. /Cada crime uma sentença. Há uma relação nas palavras como: mãe = crença e crime = sentença. A partir dessa relação, podem ser constituídos os encadeamentos do bloco semântico: Crença da mãe DC filho aprumado; não crença da mãe PT filho aprumado; não crença da mãe DC não filho aprumado; crença da mãe PT não filho aprumado. A atitude do locutor nos dois versos é de assumir, ele visa a admitir que dependendo da crença da mãe será o futuro de seu filho. Relacionando esse sentido a prisão, conforme a gravidade de um determinado crime será a sentença.

As referências de crenças são citadas nos versos 57-58: *Graças a Deus e à Virgem Maria./Faltam só um ano, três meses e uns dias.* Fé DC solução dos problemas; fé PT não solução dos problemas; não fé DC não solução para os problemas; não fé PT solução dos problemas.

No trecho a seguir, versos 133 a 135: *O Senhor é meu pastor.../ perdoe o que seu filho fez./ Morreu de brucos no salmo 23.* É possível construirmos o seguinte quadrado argumentativo: detento PT lê a bíblia sagrada; detento DC não lê a bíblia sagrada; não detento DC lê a bíblia sagrada; não detento PT não lê a bíblia sagrada. Os aspectos transgressivos predominam neste bloco, ratificando o que já havia sido construído acima acerca da crença.

Trecho 4: conceito de mano

Na sequência, o trecho dos versos 17 a 20: *Mando um recado lá pro meu irmão: Se tiver usando droga, tá ruim na minha mão./Ele ainda tá com aquela mina./Pode crer, moleque é gente fina.* Esses possibilitam construir dois blocos semânticos a partir de A e B= predicado - X CON predicado - Y formando BS contrários. “A partir de A e B podem ser estabelecidos oito conjuntos de encadeamentos que são chamados aspectos argumentativos. Além disso, podem ser agrupados em dois blocos de quatro aspectos cada um”(Ducrot,1992,p.31). Tal afirmação comprovamos nos quadrados argumentativos abaixo, de blocos contrários:

BS₁

- | |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <ul style="list-style-type: none"> (1) usar droga DC estar bem comigo (2) usar droga PT não estar bem comigo (3) não usar droga DC não estar bem comigo (4) Não usar droga PT estar bem comigo |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

O bloco 1 possibilita compreendermos que os “manos” que usam drogas têm amigos, protetores na comunidade/favela. Por outro lado, se não forem usuários, não estão bem com “líderes desse povo”, logo são inimigos dos “chefes”.

BS₂

- | |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <ul style="list-style-type: none"> (5) usar droga PT estar bem comigo (6) usar droga DC não estar bem comigo (7) não usar droga PT não estar bem comigo (8) não usar droga DC estar bem comigo |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

Entretanto, o bloco 2 orienta para sentidos contrários. O “mano” que não usa droga está bem com os “líderes”; se contrariá-los será punido, afirmamos como base no verso *Se tiver usando droga, tá ruim na minha mão*. Nesse bloco, sobressai o aspecto normativo (usar droga DC não estar bem comigo), expressa no encadeamento 6.

Contudo, o sentido do bloco 1 é reiterado, a partir do verso 113: *Uma maioria de moleque primário./ “Traficantes, homicidas, estelionatários”.*(verso-114).O vocábulo primário expressa AI como: iniciante DC sem experiência; age por instinto DC paga o preço. Após esses sentidos evocados nos encadeamentos, antes descritos, é possível entendermos que apesar de cometer infração, os “manos” são protegidos, desde que não sejam na sua comunidade, o verso 40 *preciso evitar que um safado faça minha mãe chorar, confirma essa afirmação*.

<p>Ação contra mãe DC punição</p> <p>Não ação contra mãe DC não punição</p> <p>Não ação contra mãe PT punição</p> <p>Ação contra mãe PT não punição</p>

O sentido evocado no aspecto normativo do bloco permite compreendermos a proteção da mãe, extensiva aos manos da comunidade.

Trecho 6: conceito família

A visão do locutor, referente à família desestruturada e suas consequências, é registrada nos versos 29 a 33: *Cada detento uma mãe, uma crença. Cada crime uma sentença./Cada sentença um motivo, uma história de lágrima, /sangue, vidas e glórias, abandono, miséria, ódio, /sofrimento, desprezo, desilusão, ação do tempo*. Versos 60-61: *Nada deixa um homem mais doente/que o abandono dos parentes*. A partir desses é possível constituirmos o seguinte quadrado argumentativo, contemplando os aspectos normativos e transgressivos:

Bloco semântico 1

- | |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>(1) A DC B condenado DC sofrimento familiar</p> <p>(2) A PT neg –B condenado PT não sofrimento familiar</p> <p>(3) Neg –A PT B Não condenado PT sofrimento familiar</p> <p>(4) Neg – A DC Neg – B Não condenado DC não sofrimento familiar.</p> |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

O bloco 1 expressa a sensibilização da família, em relação à condenação de um de seus membros no aspecto normativo; porém prevalece o transgressivo, pois os versos 32 e 33 permitem apreendermos o sentido de que a família desiste dos seus, quando julgado e condenado pelos seus atos ilícitos.

Bloco semântico 2

- (1) Abandono familiar DC detento infrator
- (2) Abandono familiar PT não detento infrator
- (3) Não abandono familiar DC não detento infrator
- (4) Não Abandono familiar PT detento infrator

Entretanto, o bloco 2 evoca sentido contrário ao de 1, pois a desestrutura familiar é culpada pelo membro da mesma que cometeu infração. Esse desequilíbrio pode ser atribuído a adultos irresponsáveis, sem planejamento familiar. Logo, não oferecem qualidade de vida para seus sucessores e o processo leva ao crime e condenação.

Trecho 7: visão do tempo

O tempo é um grande vilão na prisão. É possível comprovar tal afirmação nos versos 21 a 24: *Tirei um dia a menos ou um dia a mais, sei lá.../Tanto faz, os dias são iguais./Acendo um cigarro, e vejo o dia passar.Mato o tempo pra ele não me matar.* Versos 43-44: *Tic, tac, ainda é 9h40./O relógio da cadeia anda em câmera lenta.* Versos 53-54: *Hoje, tá difícil, não saiu o sol /Hoje não tem visita, não tem futebol.* A partir desse trecho, construímos o seguinte quadrado argumentativo:

Tempo na prisão X inútil

- (1) tempo na prisão DC inútil
- (2) tempo na prisão PT não inútil
- (3) não tempo na prisão DC não inútil
- (4) não tempo na prisão PT inútil

Os enunciados construídos a partir dos predicados A e B no bloco acima comprovam que o tempo é uma grande preocupação para os detentos, considerando que há poucas alternativas de atividades. Eles têm de lutar contra o tempo que custa passar. Do contrário, tal cotidiano leva muitos a morte. Isso se pode conferir a partir dos versos 55-56: *Alguns*

companheiros têm a mente mais fraca. / Não suportam o tédio, arruma quiaca. Logo, construímos o quadrado argumentativo abaixo:

- | |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>(1) vida de tédio DC desistir da vida</p> <p>(2) vida de tédio PT não desistir da vida</p> <p>(3) vida não tédio DC não desistir da vida</p> <p>(4) vida não tédio PT desistir da vida</p> |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

Notamos que o encadeamento (1) vida de tédio DC desistir da vida, pode ser a AI de suicidar-se. Tendo em vista que todo ser humano é um ser social, interativo, participativo, no momento em que é aprisionado, tende ao desânimo, à desesperança, ao tédio, à falta de vontade de viver. Assim sendo, a morte é vista como a solução para tal situação.

Trecho 8: conceito de sociedade

Ratatatá, mais um metrô vai passar. /Com gente de bem, apressada, católica./Lendo jornal, satisfeita, hipócrita./Com raiva por dentro, a caminho do Centro./Olhando pra cá, curiosos, é lógico./Não, não é não, não é o zoológico/Minha vida não tem tanto valor/quanto seu celular, seu computador (versos 44 a 51).

O trecho acima permite construir, através do contexto linguístico, o sentido referente à visão dos enunciadores e o posicionamento do locutor frente aos pontos de vista, inerente nesses, no que se alude à sociedade, em que prevalece a argumentação transgressiva, pois ressalta pessoas de bem, religiosas – católicas, cultas, entretanto hipócritas e desumanas. O verso 51 possibilita a construção do bloco semântico, a seguir: vida humana DC sobressai aos valores materiais; não vida humana DC não sobressai aos valores materiais; vida humana PT não sobressai aos valores materiais; não vida humana PT sobressai aos valores materiais. Neste bloco se mantém o aspecto transgressivo. O locutor assume e assimila que sua vida não tem tanto valor quanto os bens materiais da sociedade.

Continuando o processo de encadeamentos e construção de sentido do trecho, acima registrado, constituímos o quadrado que segue: pessoas de bem DC leais, sinceras; pessoas más DC não leais, não sinceras; pessoas de bem PT não leais, não sinceras; pessoas más PT leais, sinceras; pessoas de bem PT hipócritas; pessoas de bem PT indiferentes; pessoas de bem PT capitalistas, etc. O aspecto transgressivo do bloco sobressai ao normativo.

Os versos 123 e 124: *O ser humano é descartável no Brasil./Como modess usado ou bombril. A AI de descartável pode ser:* sem valor DC jogar fora. Nesse sentido, pessoas carentes são ignoradas, essas não fazem nenhuma diferença na sociedade, não contam, não existem. Essa constatação se dá nos encadeamentos construídos no quadrado argumentativo abaixo:

- (1) A PT B sociedade PT hipócrita
- (2) A DC neg –B sociedade DC não hipócrita
- (3) Neg –A DC B Não sociedade DC hipócrita
- (4) Neg – A PT Neg – B Não sociedade PT não hipócrita.

Contudo, a AI de hipocrisia expressa os seguimentos na sequência: impostor DC falso; mentiroso DC não verdadeiro; cínico DC não confiável. O bloco construído a partir do trecho em análise prevalece o sentido dos seguimentos sociedade PT hipócrita.

Trecho 9: conceito de sistema

É retomado no verso 118 */Era a brecha que o sistema queria. /* o conceito de sociedade, precisamente, do sistema, em que são evocados os seguintes segmentos: conflito entre preso DC reprimir coletivamente; não conflito entre presos DC não reprimir coletivamente; conflitos entre presos PT não reprimir coletivamente; não conflito entre presos PT reprimir coletivamente, predominando o aspecto normativo do bloco. Continuando tal sentido, o verso - 127 *Ratatatá! Sangue jorra como água,* permite evocar os segmentos: conflito entre presos DC repressão justificada; não conflito entre presos DC repressão não justificada; conflito entre presos PT repressão não justificada; não conflitos entre presos PT repressão justificada. Nesses encadeamentos predomina o aspecto normativo do bloco.

A letra musical encerra com os versos 144-145: *Mas quem vai acreditar no meu depoimento?/ Dia 3 de outubro, diário de um detento.* O locutor assume e assimila o eu (lambda) nos enunciados, mas não concorda com tal argumento, pois considerando o sentido atribuído ao poder do sistema nos conceitos construídos, nesta análise, a partir do que os enunciados permitem o sujeito que já foi condenado, ex-presidiário não tem credibilidade na sociedade. Entretanto, quem faz parte do mesmo, como um policial, mesmo não falando a verdade terá mais crédito do que um presidiário. O bloco semântico, a seguir, expressa essa concepção:

- (1) A DC B Fala a verdade DC é acreditado
- (2) A PT neg –B Fala a verdade PT não é acreditado – referente ao detento
- (3) Neg –A PT B Não fala a verdade PT é acreditado – referente ao sistema
- (4) Neg – A DC Neg – B Não fala a verdade DC não é acreditado.

É necessário salientar que optamos por registrar considerações de alguns trechos da letra: *Diário de um detento*, pois essa apresenta um vasto conteúdo linguístico, ainda, a ser explorado, o que não cabe nos limites deste trabalho.

Após verificar os conceitos nas demais análises das letras previstas no *corpus* deste trabalho, será realizada uma comparação entre os resultados obtidos pelos encadeamentos e a polifonia argumentativa. Logo, apontar os conceitos em que se mantém os sentidos e os que oscilam, no decorrer das três fases, marcadas, sequencialmente pelas letras musicais, é o objetivo deste estudo.

4.1.1 Apresentação dos Resultados da Letra Musical: Diário de um Detento

Os encadeamentos evocados nos blocos semânticos, já possibilitam registrar algumas ideias sobre os conceitos propostos e analisados nesta letra de *rap*. O conceito de detento, nos primeiros versos, é de um ser humano sofrido, vigiado, coagido pelos guardas, indefeso. Porém, esse conceito oscila no decorrer da análise, atribuindo, a responsabilidade aos presos, porque cometeram infração ou outras atrocidades e devem pagar pelos seus atos. Os argumentos reforçam o sentido de que o crime não é futuro a ninguém. Mas, na sequência retoma o primeiro sentido de detento. Refere-se ao ladrão como gente boa, com moral; continua a argumentação, defendendo os detentos da comunidade, protegendo-os.

Os policiais são visto de duas maneiras, ou seja, não há uma ideia fixa sobre os mesmos. Em princípio, os PMs são profissionais éticos, boa índole, cumprindo seus deveres, como: zelar. Logo, já são vistos como pessoas más, cometem infração, ocultam os acontecimentos internos da prisão, inimigos dos presos.

A religiosidade, a crença está presente nas letras. Como já visto, o que os mantém vivos é a fé, a esperança. Ressaltamos que não houve oscilação nesta análise no que condiz à crença. Os “manos”, conforme o contexto linguístico, são irmãos, parceiros, moleques, quase como filhos dos “líderes” do movimento. Entretanto, devem obediência, satisfações de todas as suas ações, em alguns casos precisam da autorização dos “chefes”.

É rejeitada pelos membros da comunidade a prática de estupro, quem os comete está condenado à morte pelos mesmos. Nessa visão, estuprador é o verdadeiro assassino. A concepção de família varia, pois atribui ao núcleo familiar o êxito ou o fracasso do ser humano. A sensibilização pela falta dos familiares, o acompanhamento é comprovado nos versos deste *rap*. Entretanto, a revolta com a desestruturação familiar leva à mudança de opinião em relação à família.

O tempo é conceituado como a maior dificuldade a ser vencida, podendo levar ao suicídio. A visão de sociedade altera no decorrer dos versos. Os enunciados construídos permitem registrarmos que a sociedade na visão da cultura é hipócrita, desumana, egoísta, por prezar a aparência. No entanto, no verso sete, já analisado anteriormente, a partir da atitude do locutor, podemos dizer que ele percebe as pessoas com dignidade, irmandade e respeito.

O sistema, que impõe as regras, organiza, cobra, é um grande vilão, pois detém o poder. O sentido composto através dos encadeamentos indica a percepção de uma sociedade, desigual, hipócrita.

Assim sendo, como esperado, os conceitos já apresentaram oscilações, apesar de se estar tratando apenas da primeira letra em análise. A seguir, realizaremos a análise da letra musical *Homem na estrada*, salientando que essa faz parte de uma segunda fase dos trabalhos do grupo, Racionais MC's, essencialmente, o compositor Mano Brown. Pretendemos verificar se esses sentidos discursivos de detento, policial, família, sociedade, etc. se mantem ou se são alterados.

4.2 ANÁLISE LETRA MUSICAL 2: HOMEM NA ESTRADA

A letra musical de autoria de Mano Brown, *Homem na Estrada*, faz referência à trajetória de um ex-presidiário que tenta sua reinserção na sociedade, porém não é absorvido por essa⁵⁷. A análise dessa letra segue a mesma proposta, já exposta neste trabalho. Pretendemos mostrar os encadeamentos argumentativos constituídos do discurso e a relação entre eles, os quais construiremos a argumentação do locutor. Os conceitos encontram-se numerados, na ordem de análise: 1º conceito de detento; 2º conceito de policial; 3º conceito de crença; 4º conceito de mano; 5º conceito de estuprador; 6º conceito de família; 7º conceito de tempo; 8º conceito de sociedade; 9ª conceito de sistema.

⁵⁷ - MC Empada. Site.2007 Disponível em: <http://mcempada.wordpress.com/category/rap/page/2/>. Acesso em: 12 out.2009.

1º conceito de detento

O título da música apresenta argumentação normativa externa, relação de reciprocidade, homem na estrada DC andando; homem na estrada DC caminhando; homem na estrada DC recomeçando. Já a argumentação interna de estrada permite as seguintes argumentações: estrada DC caminho; estrada DC passagem; estrada DC carreira. O aspecto transgressivo autoriza os argumentos seguintes: homem na estrada PT não recomeça; Homem na estrada PT não anda. Homem na estrada PT não recomeça; homem na estrada PT não caminho; homem na estrada PT não passa; homem na estrada PT sem futuro.

E quer provar a si mesmo que realmente mudou que se recuperou e quer viver em paz, não olhar/para trás, dizer ao crime: nunca mais! (versos 1 a 5) possibilita construirmos os blocos abaixo:

<p>Ex - presidiário PT não livre do mundo do crime. Não ex-presidiário PT livre do mundo do crime Não ex-presidiário DC não livre do mundo do crime Ex-presidiário DC livre do mundo do crime</p>

<p>Ex - presidiário PT descrente em si mesmo. Não ex-presidiário PT não descrente em si mesmo. Presidiário DC não descrente; Não presidiário DC descrente.</p>

Já no verso 5: *não olhar para trás, dizer ao crime: nunca mais!* A presença de polifonia é apresentada duas vezes: na negação e na exclamação E1: ex-detento DC possibilidade de retroceder, a qual o locutor opõe-se; E2: ex-detento DC não olhar para trás, o Locutor assume e impõe essa argumentação reforçada com o vocábulo *nunca mais!*. Esses versos permitem construir os quadrados argumentativos abaixo:

Bloco 1 Homem na estrada = Homem preso

<p>Homem na estrada PT perdido; Homem preso DC sujeito a violência; Homem preso PT (sem) não futuro; Homem na estrada DC não sujeito ao crime;</p>

Bloco 2 Homem na estrada = Homem livre

<p>Homem na estrada DC não olhar para trás; homem preso DC olhar para trás; Não homem na estrada PT não olhar para trás; Homem na estrada PT olhar para trás.</p>

O bloco 1 constrói a seguinte argumentação, apesar de ter obtido liberdade não se encontrou, não foi acolhido, não teve base suficiente para recomeçar. Já no bloco 2, os encadeamentos argumentam a favor de um homem arrependido dos seus atos ilícitos, o qual

já pagou por esses. Além disso, reconhece que o crime não leva ninguém ao progresso, mas ao fracasso.

Na sequência, o verso 3: *Que foi perdida, subtraída*. A AI dos vocábulos em destaque, estar preso DC não vida; ainda também, no verso 31: *Viveu na detenção* reforça esse sentido, na AI desse verso como: viver na penitenciária DC habitar no presídio. A AE pode ser, vida roubada DC presidiário.

Os versos 72 e 73 permitem construir o bloco argumentativo que segue: *A noite chega e o clima estranho no ar, /e ele sem desconfiar de nada, vai dormir tranquilamente.*

<p>Noite na favela DC desconfiar; Não noite na favela DC não desconfiar; Não noite na favela PT desconfiar; Noite na favela PT não desconfiar.</p>

A argumentação construída no bloco acima permite compreender a favela, principalmente, à noite, a um espaço perigoso e traiçoeiro. Na continuação deste trecho... *mas na calada caguentaram seus antecedentes,/como se fosse uma doença incurável, no seu braço a tatuagem, DVC, uma passagem , 157 na lei.../No seu lado não tem mais ninguém.* (versos 75 a 77), construímos o bloco abaixo. Reiterando o conceito de presidiário, ou ex-presidiário, uma vez passagem pela polícia, será sempre infrator; mesmo já tendo pago pelos atos ilícitos.

<p>Passagem na polícia DC condenação eterna. Não passagem na polícia DC não condenação eterna. Não passagem na polícia PT condenação eterna. Passagem na polícia PT não condenação eterna.</p>

O sentido evocado nos segmentos apresenta o posicionamento da sociedade frente a um sujeito que cometeu transgressão das leis.

2º conceito de policial:

O consenso coletivo⁵⁸ acredita que a justiça, conseqüentemente os policiais têm o dever de manter a ordem e a paz de uma sociedade. Construiremos o sentido de policial, nesta letra de *rap*, através da argumentação evocada nos versos que fazem referência aos policiais.

A Justiça Criminal é implacável./Tiram sua liberdade, família e moral./Mesmo longe do sistema carcerário, te chamarão para sempre de ex-presidiário (versos 77 a 79).

Policial DC ético; não policial DC não ético; Policial PT não ético; Não policial PT ético. A AI de *implacável verso 77* neste enunciado evoca os segmentos como: Há infração DC pune. O locutor assume o sentido construído na AI, a partir dos versos acima e opõe-se ao segmento do aspecto normativo de policial implacável. Nessa ótica, presidiário livre PT condenado.

Não confio na polícia, raça do caralho./Se eles me acham baleado na calçada, chutam minha cara e cospem em mim é./eu sangraria até a morte.../Já era, um abraço!/Por isso a minha segurança eu mesmo faço (versos 80 a 85).

A negação no primeiro verso deste trecho apresenta polifonia, onde o E1: confia na polícia, o locutor se opõe; já o E2: não confio na polícia, o locutor assume e se assimila a ele. Sob a ótica geral, a polícia tem o dever de manter a ordem e garantir os direitos e deveres de uma comunidade. Ainda, é possível construir o seguinte quadrado argumentativo:

<p>Policial DC segurança, respeito e paz. Não policial DC não segurança, respeito e paz. Não policial PT segurança, respeito e paz. Policial PT não segurança, respeito e paz.</p>

Os três primeiros versos do trecho acima argumentam no sentido de justificar a atitude do locutor de não esperar pelos policiais, mas ele mesmo fazer sua segurança, mesmo de forma ilegal. O conceito de policial é construído no aspecto transgressivo, na relação de conversão à direita do bloco, Policial PT não segurança, não respeito e não paz, o que pode ser confirmado pela argumentação de “polícia” no trecho que segue:

Vão invadir o seu barraco, "é a polícia"!/Vieram pra arregaçar, cheios de ódio e malícia, filhos da puta, comedores de carniça!/Já deram minha sentença e eu nem tava na "treta", não são poucos e já vieram muito loucos./Matar na crocodilagem, não vão perder viagem, quinze caras lá fora, diversos calibres, e eu apenas/com uma "treze tiros" automática (versos 90 a 94).

⁵⁸ O culto aos Símbolos Nacionais: III - A probidade e a lealdade em todas as circunstâncias; IV - A disciplina e o respeito à hierarquia; V - O rigoroso cumprimento das obrigações e ordens; VI - A obrigação de tratar o subordinado dignamente e com urbanidade. **Estatuto Federal dos Policiais Militar.**

3º conceito de crença:

O verso 10: *Um lugar onde só tinham como atração, o bar, e o candomblé pra se tomar a benção.* A AI desse verso evoca segmento como: periferia sem atração PT crença e fé.

O verso 11: *Esse é o palco da história que por mim será contada.* O pronome oblíquo *mim* orienta a atitude do locutor de assumir e assimilar tal argumento. Assim como, no verso 95 *Sou eu mesmo e eu, meu deus e o meu orixá.* O locutor assimila uma crença em si mesmo e em algo superior, sobrenatural obtendo segurança em sua ideologia. Esse verso possibilita as argumentações a seguir que constituem o bloco semântico:

Tenho um deus DC não estou só;
 Não tenho um deus DC estou só;
 Tenho um deus PT estou só;
 Não tenho um deus PT não estou só.

No bloco acima prevalece o aspecto normativo, na relação de reciprocidade: Tenho um deus DC não estou só; o sentido evocado nessa relação permite compreendermos que há uma fé atribuída a algo superior, sobrenatural.

4º conceito de mano:

Um mano meu tava ganhando um dinheiro (verso 51)
 Foi fuzilado a queima roupa no colégio, abastecendo a playboyzada de farinha,
 (verso 55)
 Quero um futuro melhor, não quero morrer assim, (verso 64).

Mano meu DC familiar
 Não mano meu DC não familiar;
 Não manos meu PT familiar;
 Manos meu PT não familiar;

O sentido construído no bloco acima permite compreendermos, a partir do pronome possessivo *meu*, uma relação de proximidade, de intimidade com o mano citado na letra. Logo, no verso 51, o locutor assume tal afinidade de mano, reforçando a familiaridade. Já a AI do verso 54 *Foi fuzilado a queima roupa no colégio, abastecendo a playboyzada de farinha*, evoca o seguinte sentido: foi morto, cruelmente na escola, fornecendo aos meninos de classe economicamente privilegiada drogas. Além disso, o sentido de matar de forma

miserável, friamente. Nessa ótica, a argumentação permite atribuir sentido de compaixão por parte do locutor. A partir da argumentação interna desse verso construímos o quadrado argumentativo que segue:

Jovens de classe economicamente privilegiada PT usam drogas;
 Não jovens de classe economicamente privilegiada PT não usam drogas;
 Não jovens de classe economicamente privilegiada DC usam drogas;
 Jovens de classe economicamente privilegiada DC não usam drogas;

O bloco evidencia usuários de drogas não só da favela, mas das classes economicamente privilegiada. Entretanto, somente os jovens da favela são julgados e condenados. Os demais ficam ocultos,... *a playboyzada... (verso 55)*. Essa argumentação ganha persuasão, a partir dos versos 50 a 55: *Um mano meu tava ganhando um dinheiro,/tinha comprado um carro,até rolex tinha!/Foi fuzilado a queima roupa no colégio, abastecendo a playboyzada de farinha,/Ficou famoso, virou notícia, rendeu dinheiro aos jornais, hu!, cartaz à policia* que possibilita as seguintes relações: A AI de *mano* evoca argumentação como: jovem da favela DC adolescente; jovem da favela DC garoto; já a AE permite segmentos como segue: jovem da favela fuzilado a queima roupa no colégio, abastecendo a playboyzada DC ambos julgados pela lei; jovem da favela fuzilado a queima roupa no colégio, abastecendo a *playboyzada* PT somente o jovem da favela condenado. Nesse sentido prevalece o aspecto transgressivo do bloco.

O verso 64: *Quero um futuro melhor, não quero morrer assim* apresenta polifonia. O E1, o locutor se opõe e: quero morrer como meus manos; já o E2, o locutor se assimila e assume: não quero morrer como os meus manos. Apesar de fazer parte da violência da favela, ter consciência disso, há sentido de refutar tal realidade. Permite afirmarmos que o locutor 2 visa caminhos diferentes que levam a outros rumos não a morte.

5º conceito de estuprador:

O conceito de estuprador manteve-se o mesmo da primeira letra. Esse é rejeitado pelos membros da comunidade. Nessa visão, estuprador é o verdadeiro assassino.

6º conceito de lar e de família:

O verso 13: *Equilibrado num barraco incômodo, mal acabado e sujo, porém, seu único lar, seu bem e seu refúgio*. A AI de barraco incômodo evoca os seguintes argumentos:

casa feia, moradia com defeitos. O Nessa ótica, é possível construir o bloco semântico abaixo, como AI de lar:

Moradia desconfortável PT acolhedora;
 Não moradia desconfortável PT não acolhedora;
 Não moradia desconfortável DC acolhedora;
 Moradia desconfortável DC não acolhedora;

Nesse bloco, predomina o aspecto transgressivo do mesmo, pois leva a compreendermos que o barraco é sem estrutura básica de moradia, mas é o espaço em que vivem. Em busca de construir o conceito de família analisamos os versos 40 e 41: *Estourou a própria mãe, estava embriagado. /Mas bem antes da ressaca ele foi julgado. Evoca encadeamentos como: mãe DC não agredir; não mãe DC agredir; mãe PT agredir, não mãe PT não agredir.*

Porém, os versos 42 e 43: *Arrastado pela rua o pobre do elemento, o inevitável linchamento, imaginem só!/Ele ficou bem feio, não tiveram dó,* apresentam argumentações contraditórias confirmam a seguir, violência contra mãe DC condenado pela comunidade; não violência contra mãe DC não condenado pela comunidade; Não violência contra mãe PT condenado pela comunidade; Violência contra mãe PT não condenado pela comunidade Nesse bloco o aspecto normativo predomina. O locutor assume o aspecto normativo e opõe-se ao aspecto transgressivo do bloco. Notemos que ele é linchado, ainda bêbado “mas bem antes da ressaca”. Isso significa o sentido de mãe na comunidade – mãe DC respeito.

Contudo, nos mesmos versos, 42 e 43, a expressão *o pobre do elemento[]imaginem só!/Ele ficou bem feio, não tiveram dó.* A AI desses enunciados permite construir os seguintes encadeamentos: miserável homem DC ter piedade; humilde homem DC ter compaixão. A exclamação no final do verso 42, o locutor assume os pontos de vista explicitado nos encadeamentos normativos, especialmente pelo fato de o homem estar bêbado.

Quanto à infância, na família o locutor toma atitude diante da negação, opondo-se a E1 e assumindo o E2, a partir do **verso 6** *Pois sua infância não foi um mar de rosas, não.* E1: infância DC mar de rosas; E2 : infância PT não mar de rosas. O encadeamento mar de rosas evoca a AI bela, tranquila, divertida, prazerosa e equilibrada. Sendo que esses permitem construir o seguinte quadrado argumentativo:

Infância DC mar de rosas;
 Não infância PT mar de rosas
 Não infância DC não mar de rosas
 Infância PT não mar de rosas.

Dos sentidos evocados, prevalece o aspecto transgressivo do bloco que argumenta no conceito de infância triste, marcada por memórias doídas, como a passagem pela Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor. Essa é a AI do segmento *Na febem, lembranças dolorosas, então* (verso 7).

Pois sua infância não foi um mar de rosas, não/Na febem, lembranças dolorosas, então. Sim, ganhar dinheiro, ficar rico, enfim. /Muitos morreram sim, sonhando alto/assim, me digam quem é feliz, quem não se desespera, / vendo nascer seu filho no berço da miséria (versos 6 a 9).

Infância pobre DC sujeito ao crime; Infância pobre DC abandonado, à margem da sociedade. Infância pobre DC ilícito justificado. Não Infância pobre PT sujeito ao crime, Infância pobre PT não sujeito ao crime. Não infância pobre DC não abandonado, à margem da sociedade. Não infância pobre PT abandonado, à margem da sociedade. Infância pobre PT não abandonado, à margem da sociedade. Não infância pobre DC não ilícito justificado, Não infância pobre PT ilícito justificado, Infância pobre PT não ilícito justificado.

Muitos morreram sim, sonhando alto assim, me digam quem é feliz, quem não se desespera, vendo/nascer seu filho no berço da miséria (versos 8-9). As afirmações distanciam o locutor do sentido evocado e permite o bloco semântico que segue: vida de miséria DC crime justificado. Não vida de miséria DC não crime justificado; Não vida de miséria PT crime justificado; vida de miséria PT não crime justificado. A polifonia apresentada nos versos 8-9 evoca atitude do locutor, através da negação como: E1: vida de miséria DC desespero, o locutor assume; E2: vida de miséria DC não desespero, o locutor se opõe. É possível conceituar infância no sentido de desestrutura, violência, medo, quando deveria ser de alegria, ludicidade e amor.

7º conceito de tempo/cotidiano:

O verso 36 *Amanhece mais um dia e tudo é exatamente igual*, o trecho em destaque evoca amanhecer mais um dia DC boas novas; não amanhecer mais um dia DC não boas novas; amanhecer mais um dia PT não boas novas; não amanhecer mais um dia PT boas novas. Prevalece o aspecto transgressivo, mesmo amanhecendo mais um dia, não há nada de

novo; Tal sentido é a argumentação interna do verso. O tempo é visto como pesado e morto, sem expectativa.

Fortalecendo o sentido acima descrito, o verso *Calor insuportável, 28 graus* (verso 37). A palavra destacada evoca AI como: difícilimo, impossível, intolerável.

O tempo na prisão, ns versos 3 a 5: *Que foi perdida, subtraída; / e quer provar a si mesmo que realmente mudou, que se recuperou e quer viver em paz, / não olhar para trás, dizer ao crime: nunca mais!*

O segmento *Que foi perdido, subtraída* possui AI como: tempo na prisão DC tempo inútil. Sendo que a sequência: *Que foi perdida, subtraída;* palavra subtraída AI roubado DC arrancado. A AI do verso 4: *e quer provar a si mesmo que realmente mudou, que se recuperou e quer viver em paz*, o locutor-detento, distancia-se da afirmação de mudança e de recuperação não assimilando tal ideia.

A noite chega e o clima estranho no ar (verso 70). A AI desse verso permite os seguintes argumentos: noite DC mistério; noite DC perigo; já AE à direita pode evocar segmentos como: clima estranho DC cuidado; clima estranho DC atenção; clima estranho DC precaução. A partir dos sentidos evocados a noite é vilã na favela.

Na madrugada da favela não existem leis, talvez a lei do silêncio, a lei do cão talvez.(verso 87). Madrugada na favela DC silêncio; não madrugada na favela DC não silêncio; Madrugada na favela PT silêncio; não madrugada na favela PT silêncio. A polifonia se faz presente nesse verso: L1 opõe-se: na madrugada da favela existem leis; L2: assume e assimila na madrugada da favela não existem leis.

8º Conceito de Sociedade:

Versos 29 a 33: *Desempregado então. /Com má reputação./Viveu na detenção./Ninguém confia não./...e a vida desse homem para sempre foi danificada.*

Ex-presidiário DC credibilidade na sociedade;
 Não ex-presidiário DC não credibilidade na sociedade;
 Não ex-presidiário PT credibilidade na sociedade;
 Ex-presidiário PT não credibilidade na sociedade;

O sentido do bloco construído acima permite perceber rejeição da sociedade em relação às pessoas que tiveram passagem pela polícia, precisamente pela detenção. Logo,

prevalece o sentido evocado na relação conversa dos segmentos - aspecto transgressivo. Na sequência, o verso 33 possui a AI como: presidiário ou ex-presidiário DC condenado eternamente. No entanto, entre as pessoas que compõem essa sociedade há quem pratica atos ilícitos sem assumir tais erros. Esta afirmação confirma-se, nos versos 44-45 *ricos fazem campanha contra as drogas e falam sobre o poder destrutivo delas. /Por outro lado promovem e ganham muito dinheiro com o álcool que é vendido na favela*, através do bloco semântico abaixo:

Os ricos fazem campanha contra as drogas e falam sobre o poder destrutivo DC não comercializam drogas.
 Os ricos fazem campanha contra as drogas e falam sobre o poder destrutivo PT comercializam drogas.
 Não ricos fazem campanha contra as drogas e falam sobre o poder destrutivo PT não comercializam drogas.
 Não ricos fazem campanha contra as drogas e falam sobre o poder destrutivo DC comercializam drogas.

O bloco permite compreender que as pessoas de classe economicamente privilegiada criticam, condenam os de classe economicamente baixa, mas tiram benefícios comercializando drogas; além disso, muitos são usuários, como se percebe nos argumentos contidos nos versos abaixo:

Um mano meu tava ganhando um dinheiro, tinha comprado um carro, até rolex tinha! Foi fuzilado a queima roupa no colégio, abastecendo a playboyzada de farinha, Ficou famoso, virou notícia, rendeu dinheiro aos jornais, hu!, cartaz à policia Vinte anos de idade, alcançou os primeiros lugares... superstar do notícias populares!

Usuário de crack DC povão;
 Não usuário de crack DC não povão;
 Usuário de crack PT não povão;
 Não usuário de crack PT povão.

Os versos a seguir fazem referência à violência, a partir das relações dos segmentos, construiremos a visão de quem comete tal agressão. *Acharam uma mina morta e estuprada, deviam estar com muita raiva."/Mano, quanta paulada!"/Estava irreconhecível, o rosto desfigurado* (versos 19 a 21).

molestar sexualmente menina da favela DC pessoas desconhecidas da favela.
 Não molestar sexualmente menina da favela DC não pessoas desconhecidas da favela.
 Não molestar sexualmente menina da favela PT pessoas desconhecidas da favela.
 molestar sexualmente menina da favela PT não pessoas desconhecidas da favela.

O bloco construído acima permite, através das relações dos segmentos compreender o ato de violência sexual como algo refutado pelos integrantes *manos* da favela. Nesse sentido, prevalece o aspecto normativo – menina morta e estuprada DC ação de desconhecidos da favela. A exclamação, no verso 19 "*Mano, quanta paulada!*", exprime o choque da imagem do locutor, confirmado no verso seguinte: *Estava irreconhecível, o rosto desfigurado* (V.21).

Morte de favelado DC não ênfase para sua morte.
 Não morte de favelado PT não ênfase para sua morte.
 Morte de favelado PT ênfase para sua morte.
 Não morte de favelado PT ênfase para sua morte.

A argumentação interna de povão permite os seguintes sentidos: gente de classe baixa, pessoas da periferia, povo à margem da sociedade, entre outros. O sentido predominante no bloco acima é o aspecto transgressivo, relação de conversão. No mesmo trecho em pauta, até a morte do mano da favela rende ônus à sociedade, como para os meios de comunicação. Tal sentido é argumentado no bloco que segue:

Morte de favelado envolvido com playboy DC mídia;
 Não morte de favelado envolvido com playboy DC não mídia;
 Morte de favelado envolvido com playboy PT não mídia;
 Não morte de favelado envolvido com playboy PT mídia;

As argumentações obtidas apresentam uma sociedade desigual, em que a classe econômica detém o poder, apesar de muitos cometerem infrações são ocultados pelo poder econômico. A vida do favelado é descartável, mas, se rentável, é explorada em vida ou após a morte.

9ª Conceito de Sistema:

A visão de sistema será construída a partir do trecho abaixo:

Um cheiro horrível de esgoto no quintal, por cima ou por baixo, se chover será fatal. /Um pedaço do inferno, **aqui** é onde eu estou. / **Até** o IBGE passou aqui e nunca mais voltou. Numerou os barracos, fez uma pá de perguntas. /Acharam uma mina morta e estuprada, deviam estar com muita raiva. /"Mano, quanta paulada!"./Estava irreconhecível, o rosto desfigurado./Deu meia noite e o corpo **ainda** estava lá, coberto com lençol, ressecado pelo sol, jogado./O IML estava só dez horas atrasado.(versos 15 a 23).

Os versos acima permitem emitir as considerações que seguem:

<p>Sistema DC responsável pela democracia; Não sistema DC não responsável pela democracia; Sistema PT não responsável pela democracia; Não sistema PT responsável pela democracia.</p>

O vocábulo *aqui* tem como instrução: busque no enunciado, ou fora dele, o lugar em que o locutor está. Nesse caso, no trecho acima o locutor argumenta, a partir das características deste lugar *aqui*. Logo, essa relação autoriza sentido atribuído a espaço de periferia, de favela, lugar, onde vivem pessoas menos favorecidas economicamente. Logo, o verso 59 reforça esse sentido *Aqui, periferia, miséria de sobra*.

Os articuladores: *Até*, *ainda* e *só* instruem, linguisticamente, no sentido de desleixo, de indiferença em relação aos moradores da favela, através da relação entre os argumentos. A AI do segmento *Um pedaço do inferno*, poderia ser expresso por encadeamento como: lugar sem saneamento básico DC à margem da sociedade (difícil de suportar, sem condições de viver).

Ainda, a AI do verso 17: *Até o IBGE passou aqui e nunca mais voltou. Numerou os barracos, fez uma pá de perguntas. /Logo depois esqueceram, filhos da puta! Estabelece sentidos como: Instituto Brasileiro Geográfico de Estatísticas-IBGE realizar levantamento DC soluções de problemas; Não Instituto Brasileiro Geográfico de Estatísticas-IBGE realizar levantamento DC não soluções de problemas; Não Instituto Brasileiro Geográfico de Estatísticas - IBGE realizar levantamento PT soluções de problemas; Instituto Brasileiro Geográfico de Estatísticas - IBGE realizar levantamento PT não soluções de problemas. Neste discurso prevalece o aspecto transgressivo do bloco, o qual, o locutor assume rejeitando o aspecto normativo. Notamos que o sistema não funciona para a periferia.*

Os versos 38 a 39: *uma ambulância foi chamada com extrema urgência. /Loucura, violência exagerada. Estourou a própria mãe, estava embriagado. /Mas bem antes da ressaca ele foi julgado. Esses possibilitam os argumentos abaixo, formando os blocos:*

<p>Vida humana DC importante; Não vida humana DC não importante; Não vida humana PT importante; Vida humana PT não importante;</p>

<p>Saúde DC urgência; Não saúde DC não urgência; Saúde PT não urgência; Não saúde PT urgência;</p>

<p>Morte na periferia DC IML presta serviço; Não morte na periferia DC IML não presta serviço; Morte na periferia PT IML presta serviço; Não morte na periferia PT IML presta serviço.</p>

Os argumentos construídos nos blocos apresentam descaso com a vida, desrespeito, falta de ética, indiferença, especialmente tendo em vista que a vida humana deve estar acima de tudo. Logo, todo cidadão tem direito à prestação de serviços como saúde, educação, lazer, entre outros. Porém, não é nesse sentido que as argumentações constroem.

4.2.1 Apresentação dos Resultados da Letra da Música: Homem na Estrada

Os encadeamentos dos blocos semânticos e a polifonia encontrada nos enunciados permitiram construir os conceitos expressos nesta letra de *rap*. Assim, encontramos conceito de detento, no caso desta letra, ex-detento, pois trata de alguém que já cumpriu sua pena e conquista liberdade; no entanto, o que deveria ser algo feliz, recomeço, encontramos um homem perdido, infeliz, inseguro, revoltado e desajustado, para o qual recomeçar é difícil.

Os policiais são vistos como pessoas más: cometem infrações, não respeitam a comunidade da favela, transgridem às leis, tirando vidas sem piedade, não diferenciando pessoas de bem ou do mal. Para eles, moradores da favela são sempre suspeitos.

A espiritualidade está presente na letra. Como já visto, contam consigo e com sua crença. Não houve oscilação nesta análise no que condiz à crença. Já os “manos”, conforme o contexto linguístico, são irmãos, parceiros, moleques, quase como filhos dos “líderes” do movimento.

É rejeitada pelos membros da comunidade a prática de estupro, quem o comete está condenado à morte. Nessa visão, estuprador é o verdadeiro assassino. Inaceitável na favela.

O tempo é conceituado como o maior obstáculo a ser vencido. À noite é vista como perigosa, traiçoeira, onde tudo pode, tudo acontece, tempo sem lei ou a lei do silêncio, do mistério, da crueldade, dos que possuem o poder.

A sociedade oficial é hipócrita, desumana, egoísta. É rejeitada pela comunidade da favela.

O sistema é visto como um grande vilão, pois detém o poder. O sentido composto através dos encadeamentos indica a percepção de desleixo, falta de ética, irresponsabilidade, falta de saneamento básico, cultura e lazer.

Assim sendo, os conceitos constituídos nesta música não oscilaram, se mantiveram durante toda a letra. Notemos que na letra analisada antes, houve várias alterações de conceitos. Como por exemplo, o conceito de policial que ora é visto como um trabalhador cumprindo sua missão, ora é cínico e estrategista, de detento pagando pelos seus atos ilícito, para desprotegido e manipulado pelo sistema, entre outros.

A seguir, realizaremos a análise da letra musical *Negro drama*, salientamos que essa faz parte de uma terceira fase dos trabalhos do grupo, Racionais MC's, essencialmente do compositor Mano Brown. Pretendemos verificar se esses sentidos discursivos de detento, de policial, de família, de sociedade, de sistema; de mano; de crença; de tempo; de estuprador se mantêm ou se são alterados.

4.3 ANÁLISE DA LETRA MUSICAL 3: NEGRO DRAMA

A letra musical *Negro Drama* de autoria de Mano Brown é um *rap* de quase sete minutos apresenta o drama de viver entre o sucesso e a lama. A trajetória de um homem negro, morador da periferia que faz alusão aos obstáculos encontrados no decorrer de sua vida. Registramos a ideia de senso comum em relação ao sentido desta letra. Pretendemos, através dos encadeamentos argumentativos e as atitudes do locutor construir os conceitos abaixo. Esses se encontram numerados, na ordem de análise: 1º conceito de detento; 2º

conceito de policial; 3º conceito de sociedade; 4º conceito de sistema; 5º conceito de família; 6º conceito de mano; 7º conceito de crença; 8º conceito de tempo; 9º conceito de estuprador.

A terceira pessoa mantém o caráter generalizante da letra, mas logo assume e assimila um "eu", como se poderá confirmar pela análise polifônica, ao mesmo tempo, comunitário e pessoal, o que o posiciona dentro do contexto linguístico que descreve.

1º conceito de detento:

Eu sei quem trama,/E quem tá comigo,/O trauma que eu carrego,/Pra não ser mais um/Preto Fudido,/O drama da Cadeia e Favela, /Tumulo, sangue,/Sirene, choro e vela, (Versos 17 a 23).

<p>Cadeia e favela DC drama; Não cadeia e favela DC não drama; Não cadeia e favela PT drama; Cadeia e favela PT não drama;</p>

DRAMA X TRAUMA

<p>Drama constante DC trauma Não drama constante DC não trauma Não drama constante PT trauma Drama constante PT não trauma</p>

Os dois primeiros versos deste trecho: o locutor assume e assimila sua condição de negro da periferia, mas argumenta no sentido de não ser culpado das mazelas e confusões, ou seja, todo o drama da favela. Tais afirmações confirmam-se nas relações abaixo: Quem trama DC não está comigo. A partir desse segmento, o locutor rejeita a ideia de tramar algo e assume e assimila o sentido de saber quem trama, levando a conclusão de que não é ele nem alguém da comunidade dos *seus manos* que trama.

O vocábulo drama possui AI como: drama e trauma DC tumulto, sangue, sirene, choro e vela. Já, o segmento tumulto, sangue, sirene, choro e vela DC trauma. A polifonia, no

verso 20 *Pra não ser mais um Preto Fudido*, apresenta o E1: ser um preto fudido, o locutor se opõe; E2: não ser um preto fudido, o locutor assume e com o qual se assimila.

O bloco semântico, através das relações entre os segmentos permite compreendermos um estreito vínculo entre cadeia e favela. A AE à direita de favela aceita argumentos como: favela DC cadeia; favela DC negro drama; favela DC origem dos problemas sociais. *Me vê, Pobre, preso ou morto, /Já é cultural(verso 40-41)* Os versos permitem AE, à direita, segmentos como: negro DC pessoas sem futuro; negro DC à margem da sociedade.

Eu era a carne, /Agora sou a própria navalha, (versos 54-55). Esses versos evocam sentidos como: eu (negro drama) era a carne DC cortado; sou navalha DC sou perigo; risco DC indomado. As relações possibilitam argumentar no sentido que o negro drama já foi alguém que sofria agressão, mas as vivências o tornaram amargo, agindo na defensiva. *Um brinde pra mim, /Sou exemplo, de vitórias, /Trajetos e Glorias (versos 53-54)*. Tais versos permitem construir o seguinte bloco argumentativo:

Negro Drama PT êxito; Não negro Drama PT não êxito; Não negro Drama DC êxito; Negro Drama DC não êxito;

O aspecto transgressivo do bloco argumenta no sentido de ser negro, mas obter sucesso na vida. Logo, consegue ultrapassar os percalços encontrados, ao longo da existência. Nesse sentido, *eu não li, eu não assisti/eu vivo o negro drama, eu sou o negro /drama/eu sou o fruto do negro drama/ (versos 256 a 259)*. Nesses versos o locutor assume e assimila a identidade de negro drama. A AI de *fruto do negro drama* evoca segmentos como: descendente de negro DC vida de problemas. Porém, no último verso desse trecho, evoca encadeamentos que possibilitam construir outro sentido confirmam-se abaixo:

O fruto do negro drama DC não é o negro drama. Não fruto do negro drama DC é o negro drama. Fruto do negro drama PT é o negro drama. Não fruto do negro drama PT não é o negro drama.

O aspecto normativo do bloco *O fruto do negro drama DC não é o negro drama* permite compreender que ser fruto é diferente de ser o próprio negro drama, ou seja, possibilita negar sua origem.

Os versos 262 a 267: *mas ae se tiver q voltar pra favela/eu vou voltar de cabeça erguida/porque assim é que é/renascendo das cinzas/firme e forte, guerreiro de fé/vagabundo nato!*

O locutor argumenta que, apesar de não morar mais na favela, se precisar voltar para o gueto volta de cabeça erguida, não morar mais na favela PT pode voltar a morar; é da favela DC é persistente. O verso 264 possibilita a AI dos segmentos como: *renascendo das cinzas/firme e forte, guerreiro de fé é da favela* DC pode reiniciar do zero, com força de vontade, garra, persistência e crença. Já AE à direita, reiniciar do zero, com força de vontade, garra, persistente e crente DC mano da favela; reiniciar do zero, com força de vontade, garra, persistente e crente DC negro do gueto; reiniciar do zero, com força de vontade, garra, persistente e crente DC exemplo de vida.

Os versos 86-87: *Eu visto Preto, /Por dentro e por fora, a polifonia nesses versos possibilitam compreender que há quem não assuma a sua raça literalmente.*

2º conceito de policial:

O policial deve ser o profissional que mantém a ordem e a segurança de uma sociedade. Entretanto, será nos encadeamentos argumentativos que constituiremos o conceito do mesmo. Os versos 37 a 39, *Então veja você quem mata, /Recebe o mérito, a farda, /Que pratica o mal*, permitem construir a AI de *Usar farda* como: *Uniforme* DC policial e os blocos abaixo:

<p>Matar DC ser julgado; Não matar DC não ser julgado; Não matar PT ser julgado; Matar PT não ser julgado;</p>

<p>Policial mata PT recebe mérito; Não policial mata PT não recebe mérito; Não policial mata DC recebe mérito; Policial mata DC não recebe mérito;</p>

Nos blocos acima predominam o aspecto transgressivo, relacionado ao negro drama, bloco 1: Não matar PT ser julgado já , o aspecto transgressivo, referente ao homem de farda, o policial bloco 2: Policial mata PT recebe mérito. O conceito de policial apresenta-se de forma incoerente ao aspecto normativo da AE à direita, essa atribui ao policial os sentidos como: policial DC proteção à vida; policial DC ordem; policial DC ética. Logo, o aspecto

transgressivo permite conceituar o policial apresentado na letra em pauta como: policial PT insegurança e impunidade.

3º conceito de crença:

A espiritualidade pode ser compreendida a partir das relações estabelecidas nos segmentos que compõem os versos que seguem: *Que Deus me guarde, /Pois eu sei, Que ele não é neutro, /Vigia os ricos, /Mas ama os que vêm do Gueto (versos 86 a 90).*

<p>Negro do gueto DC amado por Deus;</p> <p>Não negro do gueto DC não amado por Deus;</p> <p>Não negro do gueto PT amado por Deus;</p> <p>Negro do gueto PT não amado por Deus;</p>	<p>Ricos PT vigiados por Deus;</p> <p>Não ricos PT não vigiados por Deus;</p> <p>Não ricos DC vigiados por Deus;</p> <p>Ricos DC não vigiados por Deus;</p>
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

O trecho acima, o locutor assume e assimila a atitude de fé em Deus, sendo que no verso 87, o E1, o locutor se opõe à neutralidade de Deus, afirmando que Deus não é neutro e ama os negros do gueto e apenas vigia os ricos. Logo, Deus vigia os ricos DC os ama; Não Deus vigia os ricos DC não os ama; Não Deus vigia os ricos PT ama-os; Deus vigia os ricos PT não os ama. A AI de vigia evoca segmentos como: tomar cuidado DC desconfia; fica de olho DC desaprova; julga DC condena e a AI de amar evoca: gostar DC cuidar; zela DC protege. As diferenças de sentidos evocados entre os vocábulos amar e vigiar permite compreender o olhar de Deus diferenciado, tendo mais zelo pelos negros do gueto, do que pelos ricos.

4º Conceito de mano:

Os versos 48 e 49: Eu sou irmão, /Dos meus truta de batalha, evocam segmentos como:

<p>Truta de batalha DC meu irmão;</p> <p>Não truta de batalha DC não meu irmão;</p> <p>Não truta de batalha PT meu irmão;</p> <p>Truta de batalha PT não meu irmão;</p>

O locutor assume e assimila a condição de irmão, mas apenas dos que estão com ele, nas horas mais complicadas, difíceis. Evocando a AI de truta de batalha DC irmão fiel; momentos tumultuosos DC irmão leal, companheiro de todas as horas DC irmão. Esse sentido é reforçado no argumento contido no verso: *Falo pro mano, /Que não morra, e também não mate (versos 94-95)*. Esse verso evoca AI como: orientar seu mano DC cuidar dele; orientar seu mano DC querer mudar seu futuro; orientar seu mano DC preocupar-se com ele.

Não foi sempre dito, /Que preto não tem vez. A polifonia apresenta-se nesses dois versos, através da negação. O E1, o locutor se opõe, foi sempre dito que preto tem vez; já o E2, o locutor assume que sempre houve racismo e se assimila à raça negra, Não foi sempre dito, que preto não tem vez. Nesse sentido, há um questionamento indireto por parte do locutor, pois na sequência dos versos há uma suposta resposta: *Então olha o castelo irmão, /Foi você quem fez Cuzão*. A partir desses versos confirmam-se os sentidos evocados nos argumentos que constituem o bloco:

Irmão DC respeito; Não irmão DC não respeito; Não irmão PT respeito; Irmão PT não respeito;

No bloco acima, oscila o sentido até então construído de irmão, pois se refere aos inimigos como irmão, os de classe diferenciada. Logo, prevalece o aspecto transgressivo, à esquerda do bloco **Irmão PT não respeito. Contudo**, os versos a seguir, *Do quem é quem, /Dos Manos e das Minas fraca, (versos 70-71), Eu sou o mano/ Homem duro, / Do gueto, Brown,/(versos 216 a 218)*, permitem os blocos abaixo:

Mano DC forte; Não mano DC não forte; Não mano PT forte; Mano PT não forte;

Mano PT forte; Não mano PT não forte; Não mano DC forte; Mano DC não forte;

O trecho acima apresenta sentidos diversos, conforme os quadrados argumentativos acima. O aspecto normativo prevalece, considerando os segmentos nos versos 216 a 218; já no verso 71 predomina o aspecto transgressivo do bloco, à direita, ou seja, apesar de ser mano do gueto, entres esses há os fracos.

5º Conceito de estuprador:

O conceito de violência sexual, ou seja, quem é e como é visto o estuprador manteve-se o mesmo construído na primeira letra *diário de um Detento*.

6º Conceito de família:

A não ser uma estrela, /Uma negra, /E uma criança nos braços, / Solitária na floresta, /De concreto e aço, /(versos 11-12). Nesses versos, a AI de estrela DC mãe; negra DC mãe; solitária na floresta DC mãe; floresta de concreto e aço DC sem saída; floresta de concreto e aço DC sem esperança; floresta de concreto e aço DC resistência. A argumentação evocada apresenta uma mulher sozinha em uma sociedade egocêntrica e desumana. Nesse sentido, o que prevalece são os dogmas cultivados e enraizados, não a vida, o ser humano.

Apesar da situação argumentada acima, os versos 260-261: *ÁÍ DONA ANA, SEM PALAVRA, A SENHORA É UMA /RAINHA, RAINHA*, as relações permitem construir o bloco que segue:

<p>Mãe DC rainha do lar; Não mãe DC não rainha do lar; Não mãe PT rainha do lar; Mãe PT não rainha do lar;</p>

As relações argumentam a favor de uma mãe guerreira, vencedora reconhecida pela sua persistência. Em continuação, os versos continuam salientando a situação da mãe. *Mãe solteira, /De um promissor, /Vagabundo, /Luz, /Câmera e Ação, /Gravando a cena vai, /O Bastardo, /Mais um filho pardo, /Sem Pai, (versos 41 a 49).*

<p>Mãe solteira DC filho sem pai. Não mãe solteira DC não filho sem pai. Não mãe solteira PT filho sem pai. Mãe solteira PT não filho sem pai.</p>

A AI do trecho acima evoca os seguintes segmentos: filho fora do matrimônio DC filho sem pai; A AE, à direita possibilita sequências como: filho fora do matrimônio DC possibilidades de problemas. Filho fora do matrimônio DC um bastardo.

Entretanto, há uma oscilação no sentido atribuído à mãe, porque, até então, a personalidade do filho, as vitórias eram méritos da mãe. A partir dos versos 241 a 246: *aí, o rap fez eu ser o que sou/ice blue, edy rock e klj, e toda a família/e toda geração que faz o rap/a geração que revolucionou/a geração que vai revolucionar/anos 90, século 21/*, é possível construir o bloco abaixo:

Rap da cultura hip hop DC discurso transformador;
Não rap da cultura hip hop DC não discurso transformador;
Não rap da cultura hip hop PT discurso transformador;
Rap da cultura hip hop PT não discurso transformador;

O sucesso do negro drama é atribuído ao *rap*, considerando as relações argumentativas acima. Porém, *E de onde vem, /Os diamantes, /Da lama, /Valeu mãe, NEGRO DRAMA* (versos 226 a 230), é retomado o sentido anterior no verso 229. Logo, graças ao esforço e perseverança da mãe o negro drama é um vencedor.

7º conceito de tempo:

Os versos 96 a 100: *O Tic Tac,/Não espera veja o ponteiro,/Essa estrada é venenosa,/E cheia de morteiro, Pesadelo*, consentem as relações que seguem formando o bloco:

Tempo na favela DC mistério;
 Tempo na favela DC desassossego;
 Tempo na favela DC perigo;
 Tempo na favela DC passagem;

O tempo é um grande vilão. A polifonia no verso 97 apresenta atitudes do locutor como: E1 o tempo espera, o locutor se opõe; já o E2 o tempo não espera, o locutor assume. A passagem do tempo é vista com devastadora, cada dia que passa menos vida. Os versos 104 a 107: *A PAZ /Nunca existiu, /Num clima quente, /A minha gente soa frio*, comprovam tal afirmação. A negação *nunca* possibilita compreender diferentes atitudes do locutor como: E1 a paz já existiu, o locutor se opõe; e o E2 a paz nunca existiu, o locutor assume. O verso 105

permite AE, á direita, clima quente DC agitado; barulhento DC possibilidade de confusão. Já, suar frio DC ter medo.

8º Conceito de sociedade:

Não foi sempre dito, /Que preto não tem vez, /Então olha o castelo irmão, /Foi você quem fez. Cuzão. Com já visto em bloco anterior o cenário social vigente é atribuído aos “irmãos”.

Os versos 60 a 63: dinheiro tira um homem da miséria, /Mais não pode arrancar, /De dentro dele, Favela. A polifonia apresenta atitudes diferentes dos locutores, a partir da negação. Logo, E1 - o dinheiro tira o homem da miséria e arranca de dentro dele a favela, o locutor se opõe. Já, o E2 - o dinheiro tira um homem da miséria, /Mais não pode arrancar, /De dentro dele, A Favela, o locutor assume e se assimila.

Ricos DC negócios ilícitos;
 Não ricos DC não negócios ilícitos;
 Não ricos PT negócios ilícitos;
 Ricos PT não negócios ilícitos;

AI de negro drama: pele escura, descendente de escravo, pobre, preto DC problema, tragédia. Nessa ótica, Dinheiro do negro drama DC problema; Dinheiro do negro drama DC inveja; Dinheiro do negro drama DC lama. A palavra lama evoca AI sujo, ilícito, desonesto. Dinheiro do negro drama PT luxo. Não Dinheiro do negro drama PT não luxo. Não Dinheiro do negro drama DC luxo; Dinheiro do negro drama DC não luxo. O aspecto transgressivo prevalece no bloco semântico acima.

Negro drama DC cobrado; negro drama DC paga o preço diferenciado, paga mais caro; Negro drama DC sujeito à vingança; *O trauma que eu carrego.* O locutor assimila e assume o “eu” lambda que a ADL menciona. Na sequência, *Pra não ser mais um Preto Fudido*, o verso permite construir o seguinte quadrado argumentativo:

Preto fudido DC fracassado;
 Não Preto fudido DC não fracassado;
 Preto fudido PT não fracassado;
 Não Preto fudido PT fracassado

A AI de “fudido” é fracassado DC perdedor, arruinado DC falido, arrasado, etc.

A multidão é um monstro (verso 131). A AI desse verso evoca sentido como: as pessoas são desumanas DC insensíveis; as pessoas são desumanas DC indiferentes; as pessoas são desumanas DC cruéis. A partir desses encadeamentos é possível construir o bloco argumentativo abaixo:

Pessoas DC humanas, solidárias, irmãs; Não pessoas DC não humanas, solidárias, irmãs; Não pessoas PT humanas, solidárias, irmãs; Pessoas PT não humanas, solidárias, irmãs;

O sentido que prevalece no bloco de acordo com o contexto linguístico desta letra, essencialmente os versos selecionados é o aspecto transgressivo: Pessoas PT não humanas, solidárias. Esse conceito é confirmado nos versos que seguem: *Hey,/ Senhor de engenho,/ Eu sei,/ Bem quem é você,/ Sozinho,/ E se num guenta,/ Sozinho,/ Se num guenta a pé,/ (151 a 157).*

O chamamento aproxima o locutor ao alocutário *hey*, através da AI do verso 152 que permite segmentos como: pessoa de posição social DC senhor de seus atos, independente; pessoa de posição social DC privilegiado economicamente; pessoa de posição social DC estruturada. Os sentidos permitem o bloco semântico que segue:

Pessoa de posição social DC senhor de seus atos, independente; Não pessoa de posição social DC não senhor de seus atos, não independente; Não pessoa de posição social PT senhor de seus atos, independente; Pessoa de posição social PT não senhor de seus atos, dependente;

Os segmentos, no aspecto transgressivo: pessoa de posição social PT não senhor de seus atos, dependente, permitem atribuir sentido de dependência entre as pessoas independente da classe social, credo e raça. Contudo, o aspecto normativo - pessoa de posição social DC senhor de seus atos, independente; apresenta sentido contrário a esse, autorizando argumentar que pessoas que têm posição social, conseqüentemente financeira não dependem do outro para viver em sociedade.

Contudo, os versos 192 a 200: Entrei pelo seu rádio,/ Tomei, /Se nem viu, /Mais é isso, aquilo, /Que,/ Senão dizia, /Seu filho quer ser Preto, /Rhá, /Que ironia, constroem, através das relações entre os predicados a invasão do rap em todas as classes:

<p>Rap cultura <i>hip hop</i> DC ritmo depravado; Não rap da cultura <i>hip hop</i> DC não ritmo depravado; Não rap da cultura <i>hip hop</i> PT ritmo depravado; Rap cultura <i>hip hop</i> PT não ritmo depravado;</p>

Nos versos que compõem o trecho acima, o locutor estabelece comunicação com o alocutário. Nessa ótica, ora é o locutor que assume a atitude de comunicação, ora é o alocutário, através dos pontos de vista apresentados pelos enunciadores. O *rap* é visto de modo geral como um estilo grotesco, imoral, pervertido como: *Cachorros assassinos, gás lacrimogêneo...*(Letra diário de um detento, verso 121); ... *filhos da puta, comedores de carniça!* ... (Letra homem na estrada, verso 91); Foi você quem fez Cuzão, ... (Letra negro drama, verso 46), porém, adentra a diferentes famílias, independente da classe social, através dos meios de comunicação. Logo, sendo aceitos por muitos. O encadeamento, aspecto transgressivo do bloco *rap* cultura *hip hop* PT não ritmo depravado, permite essa argumentação.

Os versos 166 a 172: E eu não sei faze,/ Internet, Video-cassete,/ Os carro loko,/ Atrasado,/ Eu to um pouco sim,/ To,/ Eu acho sim,/ Apesar de não acompanharem o progresso tecnológico estão junto, através do *rap* confirmam-se no bloco abaixo:

<p>Negro do gueto DC atrasado nos avanços tecnológicos. Não negro do gueto DC não atrasado nos avanços tecnológicos. Não negro do gueto PT atrasados nos avanços tecnológicos. Negro do gueto PT não atrasado nos avanços tecnológicos.</p>

No verso 166 a polifonia apresenta as atitudes do locutor como:

E1- eu sei fazer (tecnologia), o locutor opõe-se. E2- eu não sei fazer (tecnologia), o locutor assume e se assimila. Já, no verso 170 o locutor assume e assimila a condição de desatualizado em relação aos avanços tecnológicos, mas no verso 172 põe em dúvida esse argumento.

Aí, voce saí do gueto, /mas o gueto nunca saí de voce, morou irmão/voce tá dirigindo um carro/o mundo todo tá de olho ni você, morou/sabe por quê?/pela sua origem, morou irmão/ (versos 248 a 253). Esse trecho argumenta no sentido de que negro, mesmo

sendo emergente, não chama atenção pela classe econômica, mas pela sua origem, na favela, Tal argumento baseia-se nas relações abaixo:

Negro emergente PT favelado;
 Não negro emergente PT não favelado;
 Não negro emergente DC favelado;
 Negro emergente DC não favelado.

Os versos 125 a 127: *O rosto na multidão, A multidão é um monstro, Sem rosto e Coração*, permitem construir o seguinte bloco argumentativo: multidão DC humanidade; não multidão DC não humanidade; multidão PT não humanidade; não multidão PT humanidade. A AI do verso 126 adequou-se no segmento Multidão PT não humanidade. Já, do verso 127, a AI não humano DC frio e calculista; não humano DC egoísta.

Nessa ótica, segue os versos 213 a 215: *Você não,/Se não passa,/Quando o mar vermelho abrir,/* com o quadrado argumentativo: mar vermelho DC travessia; não mar vermelho DC não travessia; não mar vermelho PT travessia; mar vermelho PT não travessia. Considerando a polifonia nos dois primeiros versos: E1/ passagem, o locutor se opõe; já, o E2 assume e se assimila a não passagem.

Logo, a sociedade é conceituada como calculista e egoísta, a qual visa benefícios individuais e não coletivo.

9ª Conceito de sistema.

Os versos 207 a 211: Hey bacana, /Quem te fez tão bom assim, / O que se deu, /O que se faz, /O que se fez por mim/, permitem a AI Pessoas bacanas como: gente esperta DC base cultural, econômica e social, gente inteligente DC base cultural, econômica e social, gente classe economicamente alta DC base cultural, econômica e social. A AE do 2º segmento base cultural, econômica e social DC sistema democrático.

“Eu recebi seu Tic,/Quer dizer Kit,/De esgoto a céu aberto,/E parede madeirite,/ Passageiro do Brasil,/ São Paulo,/ Agonia que sobrevivem,/ Em meia zorra e covardias,/ Periferias,vielas e cortiços,/(versos 27 a 31)”.

O locutor assume e assimila o quadro que o sistema oferece aos moradores de favela. O bloco argumentativo salienta esse sentido: Kit oferecido pelo sistema DC saneamento básico; Não Kit oferecido pelo sistema DC não saneamento básico; Não Kit

oferecido pelo sistema PT saneamento básico; Kit oferecido pelo sistema PT não saneamento básico.

O locutor aproxima-se do alocutário, através dos questionamentos que seguem: *na época dos barraco de pau lá na pedreira /onde vocês tavam?/ o que vocês deram por mim ?/o que vocês fizeram por mim ?/agora tá de olho no dinheiro que eu ganho/agora tá de olho no carro que eu dirijo/(versos 233 a 238). Percebemos uma cobrança e revolta por parte do eu lambda, ressaltada no bloco que segue: falha no sistema DC não direito e deveres; não falha no sistema DC direito e deveres; falha no sistema PT direito e deveres; não falha no sistema PT não direito e deveres. Logo, se o sistema não ofereceu a base necessária para uma vida digna, não poderá cobrar do negro drama emergente.*

Contudo, o locutor continua assumindo e assimilando a atitude explícita nos versos 210 a 212: *De vergonha eu não morri, /To firmão, /Eis me aqui, /. Assim sendo, negro drama DC resiste à falta de assistência do sistema; não negro drama DC não resiste à falta de assistência do sistema; não negro drama PT resiste à falta de assistência do sistema; negro drama PT não resiste à falta de assistência do sistema. A argumentação evoca um negro com garra, força de vontade resistente aos obstáculos oferecido na sua vida. Os versos 172 a 174 seguem argumentando nessa perspectiva: Eu vim da selva, /Sô leão, /Sô demais pro seu quintal, /.*

Conseqüentemente, o sistema é visto como inimigo da favela, por não oferecer condições mínimas de sobrevivência, considerando os direitos humanos garantidos pela Constituição Federal.

4.3.1 Apresentação dos Resultados da Letra Musical: Negro Drama

Os encadeamentos evocados nos blocos semânticos e na polifonia encontrados nos enunciados permitiram traçar algumas argumentações que construíram os conceitos propostos nesta letra de *rap*. O conceito de detento, no caso desta letra, de negro drama, pois há uma estreita relação entre o negro drama da favela e o detento. No entanto, as argumentações apresentam um negro, morador da favela seguro, com êxito, que por ter sua origem na favela, vive um drama social.

O policial é visto como pessoa má infrator que não respeita a comunidade da favela, transgredindo as leis, tirando vidas sem piedade, não diferenciando pessoas de bem ou do mal.

A religiosidade, a crença está presente na letra. A crença em Deus é algo presente. Não houve oscilação nesta análise no que diz à crença. Os “manos”, os moradores da favela

em geral sentem-se privilegiados em relação aos ricos, pois favelado é amado por Deus, já o rico é vigiado por Deus.

Relativamente, à prática de estupro, ou estuprador o conceito é reiterado, ou seja, se mantém o mesmo evocado na primeira letra.

O tempo é conceituado como devorador, transição sem piedade, cada dia vivido menos um dia de vida. Esse na favela é perigo, traiçoeiro, onde tudo pode, tudo acontece, tempo sem lei.

A família é vista como sagrada, essencialmente à mãe, é figura venerada, sendo atribuído a ela todo o sucesso e êxito de vida do eu-lambda contido na letra. Porém, há uma oscilação, pois, em algumas argumentações, tal mérito é relacionado ao *rap*.

Encontramos oscilação no conceito de “mano”, ora é familiar, ora é inimigo.

A visão de sociedade é de um povo hipócrita, desumano, egoísta. São julgados e condenados pelos integrantes da favela.

O sistema é visto como um grande vilão, pois detém o poder. O sentido composto através dos encadeamentos indica a percepção de falta de ética, de irresponsabilidade, relativamente a saneamento básico, cultura e lazer.

Podemos perceber que alguns conceitos propostos neste trabalho mantiveram-se e outros oscilaram, no decorrer das letras.

Serão apresentados e cotejados os conceitos encontrados nas três letras, conforme a polifonia e a argumentação construída ao longo das análises de cada uma delas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste trabalho, com base na teoria da Argumentação na Língua, especificamente na Teoria da Polifonia e dos Blocos Semânticos, apresentou um resultado relevante para a compreensão das palavras selecionadas: detento; policial; crença; mano; estuprador; família; tempo; sociedade e sistema, nas letras de *rap*. Essa escolha se fez considerando a primeira letra *Diário de um detento*. Na sequência optamos por analisar essas mesmas palavras nas demais letras para conhecer o posicionamento do locutor nas diferentes letras musicais, que se referem a singulares fases do *rapper* Mano Bronw.

Salientamos a complexidade do conteúdo linguístico que constitui as letras de *rap* e o desafio assumido nesta pesquisa, ou seja, de construir o *ethos*⁵⁹ do locutor, baseado na argumentação linguística, fundamentada na ADL, em cada uma das letras.

Ducrot (2009), no artigo *Argumentação Retórica e Argumentação Lingüística*, constrói um percurso, a partir da afirmação de que a argumentação linguística não tem relação direta com a argumentação retórica. Ele conceitua a argumentação retórica como uma atividade verbal que objetiva fazer alguém acreditar em alguma coisa, ou seja, na veracidade dos fatos; já a argumentação linguística é concebida como segmentos do discurso constituídos pelo encadeamento de duas proposições, ligadas por um conector do tipo *donc* DC (portanto) e *pourtant* PT (mesmo assim).

Nessa concepção, o semanticista critica o papel da argumentação clássica, pois essa se embasa, especialmente no fato de que as argumentações são assertivas. Ducrot defendia a ideia de que a persuasão existe, mas não no sentido racional, e sim na argumentação estratégica. Nesse ponto de vista, os encadeamentos argumentativos qualificam uma coisa ou

⁵⁹ *Ethos* significa valores, ética, hábitos e harmonia. É o conjunto de hábitos e ações que visam o bem comum de determinada comunidade. Argumentação Retórica

uma situação, por ela servir de suporte a uma argumentação normativa ou transgressiva. Ducrot exemplifica no exemplo que segue:

Imaginemos a seguinte situação: X e Y devem ir juntos a um certo lugar E. Ambos sabem exatamente a que distância estão de E. X propõe a Y ir a pé até E. Se estiver de acordo, Y pode responder : sim, é perto. Ao contrário, se Y não concordar, ele poderá dizer: não, é longe. O que é que muda entre as qualificações perto e longe? Embora X e Y a conheçam, não é a distância o fator que determina uma ou outra qualificação. É somente a exploração argumentativa dessa distância. Ao dizermos perto, o apresentamos como que permitindo a caminhada. Ao contrário, ao dizermos longe, é como se colocássemos um obstáculo a essa caminhada. Em todos esses casos, não é possível haver por detrás do encadeamento do discurso um *logos* demonstrativo, pois o encadeamento já está dado pelo argumento. Esse encadeamento constitui o valor semântico do argumento. Se a expressão é longe autoriza a sequência portanto, não irei a pé, ela também torna possível encadear é longe, contudo irei a pé. (Letras de Hoje, Porto Alegre, v.44, n.1, p.23, jan./mar.2009).

A situação descrita acima não apresenta diferença factual, entre longe e perto. A única diferença entre essas duas expressões reside nos tipos de encadeamentos possíveis a partir delas mesmas. Posto isso, os conceitos encontrados nas letras de *rap* ratificaram a tese defendida por Ducrot, pois o *ethos* do locutor, nesta dissertação, analisado sob a ótica da argumentação linguística, só é possível percebemos nos encadeamentos argumentativos e nas atitudes do locutor frente aos pontos de vista apresentados nos enunciados, ou seja, é na argumentação subjetiva que constituímos possíveis posicionamentos do locutor (*ethos*).

As letras musicais analisadas possibilitaram construir um percurso dos conceitos, permitindo a compreensão da mudança de visão assumida pelo locutor. Na letra *Diário de um detento*, oscilam os sentidos evocados nos encadeamentos construídos referente a alguém que cometeu infração e foi condenado como: a partir da AI de detento (praticante de algo ilícito DC preso) prática ilícita DC estar preso e ilícito não desumano DC não condenar (tolerar se trata de um infrator); já na segunda letra, *Um homem na estrada*, encontramos o conceito de ex-detento prevalecendo o sentido transgressivo Ex - presidiário PT não livre do mundo do crime, assumido pelo locutor; e, na terceira letra, *Negro drama*, os encadeamentos permitem perceber um homem negro sofrido: cadeia e favela DC drama; drama constante DC trauma, sentido que o locutor assimila a si, mas, adiante, assume e assimila o conceito evocado no seguinte segmento - negro Drama PT êxito; logo, o sujeito supera os traumas causados pela cadeia e a favela, bem como a rejeição da sociedade a um ex-presidiário, passagem na polícia DC condenação eterna, e se constrói a identidade de um negro de família que alcança o sucesso na vida, tal perfil é assimilado e assumido pelo locutor.

O conceito de policial oscila na primeira letra de *rap*: primeiro, cidadão José DC policial bom; depois policial com olhar sanguinário DC mau. O último sentido evocado permanece nas demais letras analisadas como: policial mata PT recebe mérito, policial PT insegurança e impunidade; o locutor assume e assimila que não confia na polícia.

A visão de crença é construída nos encadeamentos sem oscilar, os sentidos apontam para o fato de que, apesar de ser detento, tem fé, conferidas nos segmentos: infrator PT crê em Deus; tenho um Deus DC não estou só; negro do gueto DC amado por Deus. O locutor assume e assimila a atitude de fé em Deus e se opõe à neutralidade de Deus, afirmando que Deus não é neutro e ama os negros do gueto e apenas vigia os ricos. Nessa visão, acredita que os de classe economicamente baixa são privilegiados, relativamente aos de classe economicamente alta, ricos PT vigiados por Deus, a AI de amados/negros do gueto e vigiados/ricos, respectivamente, evoca encadeamentos diferentes como: gostar DC cuidar; zela DC protege e tomar cuidado DC desconfia; fica de olho DC desaprova; julga DC condena.

Já o conceito de família que inclui lar, mãe, infância, “manos”, em princípio, se constrói com o perfil de um lar acolhedor, moradia desconfortável PT acolhedora; uma família sensível, apesar de ser sofrida, condenado DC sofrimento familiar; porém, oscila no seguinte sentido, condenado PT não sofrimento familiar; abandono familiar DC detento infrator. Quanto à infância, prevalece o sentido de abandono, desleixo, evocados nos encadeamentos que seguem: infância PT não mar de rosas, infância pobre DC sujeito ao crime. O conceito de infância permanece no sentido de desestrutura, violência, medo, quando deveria ser de alegria, ludicidade e amor. Nessa ótica, a desestrutura familiar é a origem das práticas ilícitas cometidas pelos seus membros. Os responsáveis são os adultos que constroem família sem planejamento; logo, não oferecem qualidade de vida para seus sucessores e o processo leva ao crime e condenação.

Entretanto, na última letra analisada são superados esses traumas e o perfil de mãe é traçado como: mãe DC rainha do lar; mãe DC não agredir, mãe DC protegida. O sentido de “manos” é extensivo aos parceiros da favela, não só os de laços de sangue. Tal cumplicidade se dá por interesses em comum, o que se pode conferir nos encadeamentos: usar droga DC estar bem com o chefe. Essa argumentação possibilita compreendermos que os “manos” que usam drogas têm amigos, protetores, na comunidade/favela, já em usar droga PT estar bem comigo, entendemos que mesmo usando droga, mas não cometendo atrocidades na sua comunidade, também são protegidos. Na letra *Negro drama*, há possibilidade de perceber dois tipos de mano, como: mano DC forte e mano PT não forte. Os considerados não forte são os

que fraquejam, não lutam pelos ideais coletivos, nem pelos seus. Posto isso, o conceito de *mano* é de alguém que precisa de apoio, “proteção” dos mais experientes.

O tempo nas letras é visto como lento, morto, sem expectativa, passagem. Confirmam-se nos encadeamentos que seguem: tempo na prisão DC inútil, noite DC perigo; clima quente DC agitado; barulhento DC possibilidade de confusão. O locutor assume tal sentido evocados nos encadeamentos, bem como confirma que a paz nunca existiu na favela.

A visão de sociedade altera no decorrer das análises. O primeiro perfil é de uma sociedade hipócrita, desumana, egoísta, por prezar a aparência, tal conceito é assumido pelo locutor, sociedade PT hipócrita. Em seguida, percebemos, através dos encadeamentos, outra visão como pessoas dignas, irmandade e respeito mútuo, pessoa de posição social PT não senhor de seus atos, dependente, permite atribuir sentido de carência, valorização entre as pessoas, independente da classe social, credo e raça. Contudo, prevalece à visão de uma sociedade desigual construída no primeiro momento, ou seja, em que a classe econômica detém o poder em que, apesar de muitos cometerem infrações, essas são ocultadas pelo poder econômico. A vida do favelado é descartável, mas, se rentável, é explorada em vida ou até mesmo após a morte. Pessoas PT não humanas, não solidárias, não irmãs.

A visão de sistema não oscila. Ele impõe as regras, organiza, cobra, pois detém o poder. No entanto, não proporciona assistência adequada à sociedade. O sentido composto através dos encadeamentos indica a percepção de um sistema PT não responsável pela democracia; lugar sem saneamento básico DC à margem da sociedade; negro drama DC resiste à falta de assistência do sistema. Logo, sistema PT não cumpre seus deveres. Esse conceito é assumido pelo locutor.

A posição do locutor oscila, essencialmente quando se trata do eu-lambda, que a teoria ADL apresenta, relativamente às questões familiares e da sua comunidade. Nessas situações, o discurso perde qualidade de persuasão. Conforme Ducrot (2009), a argumentatividade está ligada a uma estratégia persuasiva tida como eficaz: a concessão. A essa vantagem da concessão para a estratégia polêmica, acrescentamos o fato de que ela permite melhorar a imagem que o orador produz de si no seu discurso. Visto que a concessão manipula argumentações, implícitas ou explícitas, é preciso atribuir a elas toda a utilidade que se atribui à concessão, no que diz respeito à atividade persuasiva.

Por fim, os resultados confirmam que, em se tratando de argumentação linguística – ADL, não é possível trabalhar com conceitos estabelecidos, ideia de veracidade discursiva, mas com possibilidades de encadeamentos ligados pelos conectores DC e PT, já descritos neste trabalho. Todo predicado que admite argumentação normativa, também vai aceitar a

argumentação transgressiva. Nessas condições, toda fala, tenha ela ou não objetivos persuasivos, faz necessariamente alusão a argumentações. “O que mostra ao menos que não há relação privilegiada entre a argumentação retórica e a argumentação lingüística”. (DUCROT, 2009, p.23).

Os encadeamentos argumentativos revelam sua eficácia persuasiva, que não é em nada negligenciável. Expõem, no princípio, o efeito que eles têm sobre o *ethos*. Se há tempos, o *ethos* vem suprir as insuficiências do *logos*, é o *logos* (se por isso entendemos os encadeamentos com, portanto) que é explorado pelo *ethos* : é somente nisso que ele pode estar a serviço da argumentação, no sentido retórico desse último termo (DUCROT, Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 44, n. 1, p. 25, jan./mar. 2009).

A pesquisa nos leva a concluir que a aplicação da Teoria da Argumentação na Língua, essencialmente do conceito de polifonia, proposto por Ducrot, e de blocos semânticos, apresentados por Marion Carel, possibilitam, de forma eficaz, compreender os sentidos expressos nas letras ora analisadas e, conseqüentemente, sua aplicação a outros gêneros textuais, comprovando a tese de Ducrot (1983) de que semântica e pragmática não se separam, de que a argumentação está na língua, e da Teoria da Polifonia (1990) que rejeita a unicidade do sujeito, assim como o ponto de vista de Carel (1992), de que os sentidos são constituídos em blocos semânticos.

Acreditamos que ler é a principal ação para a aquisição do conhecimento e transformação de uma sociedade. O texto, através dos diferentes gêneros, é o principal mecanismo para o educador desencadear suas práticas de leitura e compreensão. Tendo em vista, que à escola é essencial, no que se refere à sensibilização e orientação dessa prática. O docente tem o dever de buscar base teórica que lhe dê sustentação a sua práxis. Nosso trabalho, através dos pressupostos teóricos, atingiu os objetivos traçados; Temos convicção que a ADL apresenta uma base confiável para conduzir o processo de interpretação e compreensão de textos, pois é alicerçada nas relações discursivas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRANCHES, Sérgio. **Retrato Falado do Brasil**. Revista *Veja*, p. 27, nov. 2003.

A HISTÓRIA DO HIP HOP, Dança de rua 2006. Disponível em: <<http://www.dancaderua.com.br/historia>. Acesso em: 10 de outubro 2009.

ANSCOMBRE, Jean-Claude; DUCROT, Oswald. **Argumentatividad e informatividad**. La argumentación em la lengua. Editorial Gredor: Madrid, 1994.

_____. **La argumentación en la lengua**. Madrid: Gredos, 1994.

ATHAYDE, Phidia de. **Brown, o mano Charada**. CartaCapital, São Paulo, Ano XI, N° 310, p. 10-17, set. 2004.

Biografia Johnny MC. Disponível em: <MySpace.com Blogs-Johnny MC MySpace Blog> Acesso em: 10 de junho 2009.

CAREL, Marion. **Argumentación interna aos enunciados**. Letras de Hoje. Porto Alegre, PUCRS, v. 37, n.3, pp. 27-43, set. 2002.

CAREL, Marion. **Argumentación normativa y argumentación exceptiva**. Signo & Sem., Fac. de Filosofia y Letras, UBA, n.9, jun.1988, pp. 255-279.

_____. **O que é argumentar?** Desenredo, Passo Fundo: Ed. UPF, v. 1, n. 2, p. 77-85, jul./dez. 2005.

CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. **Descrição argumentativa e descrição polifônica: o caso da negação**. Letras de Hoje. Porto alegre, v.43, n.1,p.7-18, jan./mar.2008.

_____. **La Semántica Argumentativa**. Una Introducción a la Teoría de los Bloques Semánticos: Edición literaria a cargo de María Marta Negroni y Alfredo M. Lescano. Buenos Aires: Colihue, 2005.

CHARLES, SECHEHAYE, Albert (Orgs).

CHIAVENATTO, José Túcio. **Que país é este?** As Revoluções Brasileiras. São Paulo, Edição Moderna, 1996.

CONTERATTO, Gabriela Betania Hinrichs. **Uma contribuição da semântica argumentativa para a produção e compreensão da prova testemunhal.** Letras de Hoje, Porto Alegre, v.43, n.1, p.33-40, jan./mar.2008.

Cultura Hip Hop. Identidade e Sociabilidade: Estudo de Caso do Movimento em Palmas. Disponível em < www.bocc.ubi.pt/pag/souza-rose-cultura-hip-hop.pdf. Acesso em: 09 de novembro de 2009.

DELANOY, Cláudio Primo. **UMA DEFINIÇÃO DE LEITURA PELA TEORIA DOS BLOCOS SEMÂNTICOS.** Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUCRS, 2008.

DUCROT, Oswald. **A pragmática e o estudo semântico da língua.** Letras de Hoje. Porto Alegre, v.40, n.º 1, p. 9-21, mar. 2005.

_____. **.La pragmatique et létude sémantique de la langue.** Letras de Hoje. Porto Alegre, v.40, nº 1, p.9-21, março 2005.

_____. **Léxico y gradualidad.** Signo & Seña, Buenos Aires:

_____. Os internalizadores. In: **A teoria da Argumentação na Língua:** estudos e aplicações.

_____. **Polifonía y Argumentación.** Cali: Universidad del Valle, 1990.

EDIPUCRS, vol. 37, nº 3, p.27-43, set. 2002.

_____. **Os topoi na teoria da Argumentação na Língua.** Revista Brasileira de Letras, v.1,n.1,p.1-11,1999.

ÉTICA E CIDADANIA NAS ESCOLAS. Disponível em <http://www.dhnet.org.br/dados/livros/a_pdf/livro_edh_etica_cid_escolas_naza.PDF> Acesso em 02 de novembro de 2009.

FAUSTO, Boris. **A Nação Brasileira.** São Paulo: Brasiliense, 1999.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e Diálogo:** as idéias do círculo de Bakhtin. 2ed.Curitiba: Paraná, 2006.

GORCZEVSKI, Deisimer (Org.). **Juventude hip-hop: da escassez tecnológica às redes de informação e comunicação.** Inclusão Digital: Tecendo Redes Afetivas/Cognitivas. Belo Horizonte / Porto Alegre, 2005.

GRAEFF, Telisa Furlaneto. **Resumo de Textos:** em busca dos blocos semânticos e das unidades semânticas básicas. Passo Fundo: UPF, 2001.

<http://dicionario.babylon.com/di%C3%A1spora%20africana>. Disponível em 17 de junho de 2009.

<http://vagalume.uol.com.br/racionais-mcs/diario-de-um-detento.html> Disponível 28 de junho de 2009.

http://www.bsblack.com/home/index.php?option=com_content&view=article&id=545:biografia-africa-bambaataa&catid=76:cantores&Itemid=3. Disponível 08 de maio de 2007.

<http://www.cliquemusic.com.br>. Disponível 20 de junho de 2009.

<http://www.geocities.com/eureka/plaza/1704/carandi.htm>. Disponível 10 de agosto de 2009.

http://www.allbrazilianmusic.com/br/acontecendo/acontecendo.asp?Nu_Materia=3990. Disponível 03 de agosto de 2009.

<http://www.mundohiphop.com/br>. Disponível 15 de setembro de 2009.

Jornal ZERO HORA. **Mais participação popular, menos cultura.** 23/03/2002, p. 37.

JUNIOR, José Arbex. **A Nação Brasileira.** Fatos & Mitos. São Paulo, p. 71, 72, 2002.

KLEIMAN, A. **Oficina de leitura:** teoria e prática. 7ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2000.

Letras de Hoje. Porto Alegre, v.37, n. ° 3, p. 7-26, set. 2002.

MAIO, Alexandre de. **Entrevista com Mano Brown.** RAP, São Paulo, Ano V, n° 26, p. 12-27, fev. 2004.

MARICATO, Ermínia. **Metrópole na Periferia do Capitalismo.** São Paulo, julho de 1995, p.58.

Rap gospel é aceito por cristo? Disponível em <<http://www.lideranca.org/cgi-bin/index.cgi?action=forum&board=atualidades&op=display&num=290>> Acesso em 02 de abril de 2006.

RAP. Edição n° 25, ano 2004.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral.** 24 ed. SP: Cultrix, 2000. BALLY, UBA, n. 9, jun. 1998.

ROSE, Tricia in HERSCHMAN, Micael. **Abalando os anos 90:** funk e *hip-hop*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.

SORIANO, Jamir Teixeira. **Revista Linguagem e Cidadania**, p.1 dez. 2001.

SLAVIERO, Barancelli Melânia Angelice. A Argumentação em letras de músicas compostas e /ou cantadas pelo MST na perspectiva da teoria da polifonia e dos blocos semânticos. Dissertação de Mestrado. Universidade de Passo Fundo-UPF, 2008.

VALE, Ismael do. Yo! Tá Tudo Dominado. Superinteressante, Edição Abril, p. 66-73, jan. 2005.

VALE, Ismael do; CASTRO, Célio. Graffiti. P.80, jan.2005.

VARIOS AUTORES. História do Rock Brasileiro. Superinteressante Especial de Colecionador, V. 04, Editora Abril/2004.

www.adorocinemabrasileiro.com.br . Disponível em 25 de junho de 2009.

www.batalhafinal.com.br . Disponível em 28 de junho de 2009.

www.b-boys.com . Disponível em 28 de junho de 2009.

www.bocaforte.com.br

www.djmarcelod12.com/index.php?option=com_content&task=view&id=35&Itemid=2
Acessado em: 17 de junho de 2009.

www.espacoacademico.com.br/036/36etavares.htm . Disponível em 25 de junho de 2009.

www.graffit.com.br . Disponível em 27 de junho de 2009.

www.mundodarua.com.br/br/ . Disponível em 21 de junho de 2009.

www.pcg.com.br/eblack/01.htm . Disponível em 23 de junho de 2009.

www.planet.hiphop.com . Disponível em 25 de junho de 2009.

www.rapnacional.com.br/destaque.asp?id=347 . Disponível em 25 de junho de 2009.

www.realhiphop.com.br . Disponível em 28 de junho de 2009.

RELAÇÃO DE MERCADO E TRABALHO SOCIAL NO *HIP-HOP*: horas, no Passeio Público, Campo Grande (Salvador). CEAS 223_Miolo, p.65. Disponível em: <www.ceas.com.br/cadernos/index.php/cadernos/article> [...]133/114.

ANEXOS

DIÁRIO DE UM DETENTO

- 1 "São Paulo, dia 1º de outubro de 1992, 8h da manhã.
 - 2 Aqui estou, mais um dia.
 - 3 Sob o olhar sanguinário do vigia.
- 4 Você não sabe como é caminhar com a cabeça na mira de uma HK.
 - 5 Metralhadora alemã ou de Israel.
 - 6 Estraçalha ladrão que nem papel.
- 7 Na muralha, em pé, mais um cidadão José.
 - 8 Servindo o Estado, um PM bom.
 - 9 Passa fome, metido a Charles Bronson.
 - 10 Ele sabe o que eu desejo.
 - 11 Sabe o que eu penso.
 - 12 O dia tá chuvoso. O clima tá tenso.
 - 13 Vários tentaram fugir, eu também quero.
 - 14 Mas de um a cem, a minha chance é zero.
 - 15 Será que Deus ouviu minha oração?
 - 16 Será que o juiz aceitou a apelação?
 - 17 Mando um recado lá pro meu irmão:
- 18 Se tiver usando droga, tá ruim na minha mão.
 - 19 Ele ainda tá com aquela mina.
 - 20 Pode crer, moleque é gente fina.
- 21 Tirei um dia a menos ou um dia a mais, sei lá...
 - 22 Tanto faz, os dias são iguais.
 - 23 Acendo um cigarro, e vejo o dia passar.
 - 24 Mato o tempo pra ele não me matar.
 - 25 Homem é homem, mulher é mulher.
 - 26 Estuprador é diferente, né?
- 27 Toma soco toda hora, ajoelha e beija os pés,
 - 28 e sangra até morrer na rua 10
 - 29 Cada detento uma mãe, uma crença.
 - 30 Cada crime uma sentença.
- 31 Cada sentença um motivo, uma história de lágrima,
 - 32 sangue, vidas e glórias, abandono, miséria, ódio,
 - 33 sofrimento, desprezo, desilusão, ação do tempo.
 - 34 Misture bem essa química.
 - 35 Pronto: eis um novo detento
 - 36 Lamentos no corredor, na cela, no pátio.
 - 37 Ao redor do campo, em todos os cantos.
- 38 Mas eu conheço o sistema, meu irmão, hã...
 - 39 Aqui não tem santo.
- 40 Rátátátá... preciso evitar que um safado faça minha mãe chorar.
- 41 Minha palavra de honra me protege pra viver no país das calças bege.
 - 42 Tic, tac, ainda é 9h40.
 - 43 O relógio da cadeia anda em câmera lenta.
 - 44 Ratatatá, mais um metrô vai passar.
 - 45 Com gente de bem, apressada, católica.
 - 46 Lendo jornal, satisfeita, hipócrita.
- 47 Com raiva por dentro, a caminho do Centro.
 - 48 Olhando pra cá, curiosos, é lógico.

- 49** Não, não é não, não é o zoológico
50 Minha vida não tem tanto valor
51 quanto seu celular, seu computador.
52 Hoje, tá difícil, não saiu o sol.
53 Hoje não tem visita, não tem futebol.
54 Alguns companheiros têm a mente mais fraca.
55 Não suportam o tédio, arruma quiaca.
56 Graças a Deus e à Virgem Maria.
57 Faltam só um ano, três meses e uns dias.
58 Qual que foi? Quem sabe? Não conta.
59 Ia tirar mais uns seis de ponta a ponta (...)
60 Nada deixa um homem mais doente
61 que o abandono dos parentes.
62 Aí moleque, me diz: então, cê qué o quê?
63 A vaga tá lá esperando você.
64 Pega todos seus artigos importados.
65 Seu currículo no crime e limpa o rabo.
66 A vida bandida é sem futuro.
67 Sua cara fica branca desse lado do muro.
68 Já ouviu falar de Lúcifer?
69 Que veio do Inferno com moral.
70 Um dia... no Carandiru, não... ele é só mais um.
71 Comendo rango azedo com pneumonia...
72 Aqui tem mano de Osasco, do Jardim D'Abril, Parelheiros, Mogi, Jardim Brasil,
73 Bela Vista, Jardim Angela, Heliópolis, Itapevi, Paraisópolis.
74 Ladrão sangue bom tem moral na quebrada.
75 Mas pro Estado é só um número, mais nada.
76 Nove pavilhões, sete mil homens.
77 Que custam trezentos reais por mês, cada.
78 Na última visita, o neguinho veio aí.
79 Trouxe umas frutas, Marlboro, Free...
80 Ligou que um pilantra lá da área voltou.
81 Com Kadett vermelho, placa de Salvador.
82 Pagando de gatão, ele xinga, ele abusa
83 com uma nove milímetros embaixo da blusa.
84 Brown: "Aí neguinho, vem cá, e os manos onde é que tá?
85 Lembra desse cururu que tentou me matar?"
86 Blue: "Aquele puta ganso, pilantra corno manso.
87 Ficava muito doido e deixava a mina só.
88 A mina era virgem e ainda era menor.
89 Agora faz chupeta em troca de pó!"
90 Brown: "Esses papos me incomoda.
91 Se eu tô na rua é foda..."
92 Blue: "É, o mundo roda, ele pode vir pra cá."
93 Brown: "Não, já, já, meu processo tá aí.
94 Eu quero mudar, eu quero sair.
95 Se eu trombo esse fulano, não tem pá, não tem pum.
96 E eu vou ter que assinar um cento e vinte e um."
97 Amanheceu com sol, dois de outubro.
98 Tudo funcionando, limpeza, jumbo.

- 99 De madrugada eu senti um calafrio.
100 Não era do vento, não era do frio.
101 Acertos de conta tem quase todo dia.
102 Tem outra logo mais, eu sabia.
103 Lealdade é o que todo preso tenta.
104 Conseguir a paz, de forma violenta.
105 Se um salafrário sacanear alguém,
106 leva ponto na cara igual Frankenstein
107 Fumaça na janela, tem fogo na cela.
108 Fudeu, foi além, se pã!, tem refém.
109 Na maioria, se deixou envolver
110 por uns cinco ou seis que não têm nada a perder.
111 Dois ladrões considerados passaram a discutir.
112 Mas não imaginavam o que estaria por vir.
113 Traficantes, homicidas, estelionatários.
114 Uma maioria de moleque primário.
115 Era a brecha que o sistema queria.
116 Avise o IML, chegou o grande dia.
117 Depende do sim ou não de um só homem.
118 Que prefere ser neutro pelo telefone.
119 Ratatátá, caviar e champanhe.
120 Fleury foi almoçar, que se foda a minha mãe!
121 Cachorros assassinos, gás lacrimogêneo...
122 quem mata mais ladrão ganha medalha de prêmio!
123 O ser humano é descartável no Brasil.
124 Como modess usado ou bombril.
125 Cadeia? Claro que o sistema não quis.
126 Esconde o que a novela não diz.
127 Ratatátá! sangue jorra como água.
128 Do ouvido, da boca e nariz.
129 O Senhor é meu pastor...
130 perdoe o que seu filho fez.
131 Morreu de bruços no salmo 23,
132 sem padre, sem repórter.
133 sem arma, sem socorro.
134 Vai pegar HIV na boca do cachorro.
135 Cadáveres no poço, no pátio interno.
136 Adolf Hitler sorri no inferno!
137 O Robocop do governo é frio, não sente pena.
138 Só ódio e ri como a hiena.
139 Ratatátá, Fleury e sua gangue
140 vão nadar numa piscina de sangue.
141 Mas quem vai acreditar no meu depoimento?
142 Dia 3 de outubro, diário de um detento."

UM HOMEM NA ESTRADA

1 Um homem na estrada recomeça sua vida.
2 Sua finalidade: a sua liberdade.
3 Que foi perdida, subtraída;
4 e quer provar a si mesmo que realmente mudou, que se recuperou e quer viver em paz, não olhar
5 para trás, dizer ao crime: nunca mais!
6 Pois sua infância não foi um mar de rosas, não.
7 Na febre, lembranças dolorosas, então. Sim, ganhar dinheiro, ficar rico, enfim.
8 Muitos morreram sim, sonhando alto assim, me digam quem é feliz, quem não se - desespera,
vendo
9 nascer seu filho no berço da miséria.
10 Um lugar onde só tinham como atração, o bar, e o candomblé pra se tomar à benção.
11 Esse é o palco da história que por mim será contada.
12 ...um homem na estrada.

13 Equilibrado num barraco incômodo, mal acabado e sujo, porém, seu único lar, seu bem e seu
14 refúgio.
15 Um cheiro horrível de esgoto no quintal, por cima ou por baixo, se chover será fatal.
16 Um pedaço do inferno, aqui é onde eu estou.
17 Até o IBGE passou aqui e nunca mais voltou. Numerou os barracos, fez uma pá de perguntas.
18 Logo depois esqueceram, filhos da puta!
19 Acharam uma mina morta e estuprada, deviam estar com muita raiva.
20 "Mano, quanta paulada!".
21 Estava irreconhecível, o rosto desfigurado.
22 Deu meia noite e o corpo ainda estava lá, coberto com lençol, ressecado pelo sol, jogado.
23 O IML estava só dez horas atrasado.
24 Sim, ganhar dinheiro, ficar rico, enfim, quero que meu filho nem se lembre daqui, tenha uma vida
25 segura.
26 Não quero que ele cresça com um "oitão" na cintura e uma "PT" na cabeça.
27 E o resto da madrugada sem dormir, ele pensa
28 o que fazer para sair dessa situação.
29 Desempregado então.
30 Com má reputação.
31 Viveu na detenção.
32 Ninguém confia não.
33 ...e a vida desse homem para sempre foi danificada.
34 Um homem na estrada...
35 Um homem na estrada..

36 Amanhece mais um dia e tudo é exatamente igual.
37 Calor insuportável, 28 graus.
38 Faltou água, já é rotina, monotonia, não tem prazo pra voltar, hã! já fazem cinco dias.
39 São dez horas, a rua está agitada, uma ambulância foi chamada com extrema urgência.
40 Loucura, violência exagerada. Estourou a própria mãe, estava embriagado.
41 Mas bem antes da ressaca ele foi julgado.
42 Arrastado pela rua o pobre do elemento, o inevitável linchamento, imaginem só!
43 Ele ficou bem feio, não tiveram dó.
44 Os ricos fazem campanha contra as drogas e falam sobre o poder destrutivo delas.
45 Por outro lado promovem e ganham muito dinheiro com o álcool que é vendido na favela.

46 Empapuçado ele sai, vai dar um rolê.
47 Não acredita no que vê, não daquela maneira,
48 crianças, gatos, cachorros disputam palmo a palmo seu café da manhã na lateral da feira,
49 Molecada sem futuro, eu já consigo ver, só vão na escola pra comer,
50 Apenas nada mais, como é que vão aprender sem incentivo de alguém, sem orgulho e sem respeito,
51 sem saúde e sem paz.
52 Um mano meu tava ganhando um dinheiro,
53 tinha comprado um carro,
54 até rolex tinha!
55 Foi fuzilado a queima roupa no colégio, abastecendo a playboyzada de farinha,
56 Ficou famoso, virou notícia, rendeu dinheiro aos jornais, hu!, cartaz à policia
57 Vinte anos de idade, alcançou os primeiros lugares... superstar do notícias populares!
58 Uma semana depois chegou o crack, gente rica por trás, diretoria.
59 Aqui, periferia, miséria de sobra.
60 Um salário por dia garante a mão-de-obra.
61 A clientela tem grana e compra bem, tudo em casa, costa quente de sócio.
62 A playboyzada muito louca até os ossos!
63 Vender droga por aqui, grande negócio.
64 Sim, ganhar dinheiro ficar rico enfim,
65 Quero um futuro melhor, não quero morrer assim,
66 num necrotério qualquer, como indigente, sem nome e sem nada,
67 o homem na estrada.

68 Assaltos na redondeza levantaram suspeitas,
69 logo acusaram a favela para variar,
70 E o boato que corre é que esse homem está, com o seu nome lá na lista dos suspeitos,
71 pregada na parede do bar.

72 A noite chega e o clima estranho no ar,
73 e ele sem desconfiar de nada, vai dormir tranqüilamente,
74 mas na calada caguentaram seus antecedentes,
75 como se fosse uma doença incurável, no seu braço a tatuagem, DVC, uma passagem , 157 na lei...
76 No seu lado não tem mais ninguém.

77 A Justiça Criminal é implacável.
78 Tiram sua liberdade, família e moral.
79 Mesmo longe do sistema carcerário, te chamarão para sempre de ex-presidiário.
80 Não confio na polícia, raça do caralho.
81 Se eles me acham baleado na calçada, chutam minha cara e cospem em mim é..
82 eu sangraria até a morte...
83 Já era, um abraço!.
84 Por isso a minha segurança eu mesmo faço.

85 É madrugada, parece estar tudo normal.
86 Mas esse homem desperta, pressentindo o mal, muito cachorro latindo.
87 Ele acorda ouvindo barulho de carro e passos no quintal.
88 A vizinhança está calada e insegura, premeditando o final que já conhecem bem.
89 Na madrugada da favela não existem leis, talvez a lei do silêncio, a lei do cão talvez.
90 Vão invadir o seu barraco, "é a polícia"!

- 91 Vieram pra arregaçar, cheios de ódio e malícia, filhos da puta, comedores de carniça!
92 Já deram minha sentença e eu nem tava na "treta", não são poucos e já vieram muito loucos.
93 Matar na crocodilagem, não vão perder viagem, quinze caras lá fora, diversos calibres, e eu apenas
94 com uma "treze tiros" automática.
95 Sou eu mesmo e eu, meu deus e o meu orixá.
96 No primeiro barulho, eu vou atirar.
97 Se eles me pegam, meu filho fica sem ninguém, e o que eles querem: mais um "pretinho" na febem.
98 Sim, ganhar dinheiro ficar rico enfim, a gente sonha a vida inteira e só acorda no fim, minha verdade
99 foi outra, não dá mais tempo pra nada... bang! bang! bang!
- 100 Homem mulato aparentando entre vinte e cinco e trinta anos é encontrado morto na estrada do
101 M'Boi Mirim sem número.
102Tudo indica ter sido acerto de contas entre quadrilhas rivais.
103 Segundo a polícia, a vitima tinha "vasta ficha criminal."

NEGRO DRAMA

- 1 Entre o sucesso, e a lama,
- 2 Dinheiro, problemas,
- 3 Inveja, luxo, fama,
- 4
- NEGRO DRAMA,
- 5 Cabelo crespo,
- 6 E a pele escura,
- 7 A ferida a chaga,
- 8 A procura da cura,

- 9 NEGRO DRAMA,
- 10 Tenta vê,
- 11 E não vê nada,
 A não ser uma estrela,
- 12 Longe meio ofuscada,

- 13 Sente o Drama,
- 14 O preço, a cobrança,
- 15 No amor, no ódio,
- 16 A insana vingança,

- 17 NEGRO DRAMA,
- 18 Eu sei quem trama,
- 19 E quem tá comigo,
 O trauma que eu carrego,
- 20 Pra não ser mais um Preto Fudido,

- 21 O drama da Cadeia e Favela,
- 22 Tumulo, sangue,
- 23 Sirene, choros e velas,

- 24 Passageiro do Brasil,
- 25 São Paulo,
- 26 Agonia que sobrevivem,
- 27 Em meia zorra e covardias,
- 28 Periferias, vielas e cortiços,

- 29 Você deve tá pensando,
- 30 O que você tem a ver com isso,
- 31 Desde o início,
- 32 Por ouro e prata,

- 33 Olha quem morre,
- 34 Então veja você quem mata,
- 35 Recebe o mérito, a farda,
- 36 Que pratica o mal,
 me vê, Pobre, preso ou morto,

37 Já é cultural,
38 Histórias, registros,
39 Escritos,
40 Não é conto,
41 Nem fabula,
42 Lenda ou mito,

43 Não foi sempre dito,
44 Que preto não tem vez,
45 Então olha o castelo e não,
46 Foi você quem fez Cuzão,

47 Eu sou irmão,
48 Dos meus truta de batalha,
49 Eu era a carne,
50 Agora sou a própria navalha,

51 Tim..Tim..

52 Um brinde pra mim,
53 Sou exemplo, de vitórias,
54 Trajetos e Glorias,

O dinheiro tira um homem da miséria,
55 Mas não pode arrancar,
56 De dentro dele,
57 A Favela,

58 São poucos,
59 Que entram em campo pra vencer,
60 A alma guarda,
61 O que a mente tenta esquecer,

62 Olho pra traz,
63 Vejo a estrada que eu trilhei,
64 Mococa,
65 Quem teve lado a lado,
66 E quem só fico na bota,
67 Entre as Frases,
68 Fases e varias etapas,

69 De quem é quem,
70 Dos Manos e das Minas fraca,

71 Hum.

72 NEGRO DRAMA de estilo,
73 Pra ser,
74 E se for,
75 Tem que ser,

- 76 Se temer é milho,
- 77 Entre o gatilho e a tempestade,
78 Sempre a provar,
79 Que sou homem e não um covarde,
80 Que Deus me guarde,
- 81 Pois eu sei,
82 Que ele não é neutro,
83 Vigia os rico,
84 Mais ama os que vem do Gueto,
- 85 Eu visto Preto,
86 Por dentro e por fora,
- 87 Guerreiro,
88 Poeta entre o tempo e a memória,
89 Hora,
90 Nessa história,
91 Vejo o dólar,
92 E vários quilates,
- 93 Falo pro mano,
94 Que não morra, e também não mate,
95 O Tic Tac,
96 Não espera veja o ponteiro,
97 Essa estrada é venenosa,
98 E cheia de morteiro,
- 99 Pesadelo,
100 Hum,
- 101 É um elogio,
102 Pra quem vive na guerra,
103 A PAZ
104 Nunca existiu,
105 No clima quente,
106 A minha gente soa frio,
- 107 tinha um Pretinho,
108 Seu caderno era um Fuzil,
- 109 Um Fuzil,
110 NEGRO DRAMA,
- 111 CRIME,FUTEBOL, MUSICA, CARAlhO,
112 EU TAMBEM, VO CONSEGUI FUGI DISSO Ai,
113 EU SO MAIS UM,
114 FOREST CAMP é MATO,
115 EU PREFIRO CONTAR UMA HISTORIA REAL,

116 Vou CONTA A MINHA....

117 Dai um filme,
118 Uma negra,
119 E uma criança nos braços,
120 Solitária na floresta,
121 De concreto e aço,

122 Veja,
123 Olha outra vez,
124 O rosto na multidão,
125 A multidão é um monstro,

126 Sem rosto e Coração,

127 Hey,
128 São Paulo,
129 Terra de arranha-céu,
130 A garoa rasga a carne,
131 É a Torre de Babel,

132 Família Brasileira,
133 2 contra o mundo,
134 Mãe solteira,
135 De um promissor,
136 Vagabundo,

137 Luz,
138 Câmera e Ação,

139 Gravando a cena vai,
140 O Bastardo,
141 Mais um filho pardo,
142 Sem Pai,

143 Hey,

144 Senhor de engenho,
145 Eu sei,
146 Bem quem é você,
147 Sozinho, se num guenta,

148 Sozinho,
149 Se num guenta a peste,

150 e disse que era bom,
151 E a favela ouviu, la
152 também tem
153 Whiski, e Red Bull,

- 154 Tênis Nike,
155 Fuzil,
- 156 Admito,
- 157 Seus carro é bonito,
158 Hé,
159 E eu não sei fazer,
160 Internet, Videocassete,
161 Os carro loko,
- 162 Atrasado,
163 Eu to um pouco se,
164 To,
165 Eu acho sim,
- 166 Só que tem que,
- 167 Seu jogo é sujo,
168 E eu não me encaixo,
169 Eu so problema de montão,
170 De carnaval a carnaval,
171 Eu vim da selva,
172 So leão,
173 So demais pro seu quintal,
- 174 Problema com escola,
175 Eu tenho mil,
176 Mil fita,
177 Inacreditável, mas seu filho me imita,
178 No meio de vocês,
179 Ele é o mais esperto,
180 Ginga e fala gíria,
181 Gira não dialeto,
- 182 Esse não é mais seu,
183 Hó,
184 Subiu,
185 Entrei pelo seu rádio,
186 Tomei,
187 Se nem viu,
188 Mais é isso ou aquilo,
- 189 O Que,
190 Senão dizia,
191 Seu filho quer ser Preto,
192 Rhá,
193 Que ironia,
- 194 Cola o pôster do 2 Pac ai,

195 Que tal,
196 Que se diz,
197 Sente o NEGRO DRAMA,
198 Vai,
199 Tenta ser feliz,

200 Hey bacana,
201 Quem te fez tão bom assim,
202 O que se deu,
203 O que se faz,
204 O que se fez por mim,

205 Eu recebi seu Tic,
206 Quer dizer Kit,
207 De esgoto a céu aberto,
208 E parede madeirite,

209 De vergonha eu não morri,
210 To firmão,
211 Eis-me aqui,

212 Voce não,
213 Se não passa,
214 Quando o mar vermelho abrir,

215 Eu sou o mano
216 Homem duro,
217 Do gueto, Brown,

218 Obá,

219 Aquele loko,
220 Que não pode errar,
221 Aquele que você odeia,
222 ama nesse instante,
223 Pele parda,
224 Ouço Funk,

225 E de onde vem,
226 Os diamante,
227 Da lama,

228 Valeu mãe,

229 NEGRO DRAMA,
230 DRAMA, DRAMA.

231 AE,

232 NA ÉPOCA DOS BARRACO DE PAU LÁ NA PEDREIRA
233 ONDE VOCÊS TAVAM?
234 O QUE VOCÊS DERAM POR MIM ?
235 O QUE VOCÊS FIZERAM POR MIM ?
236 AGORA TÁ DE OLHO NO DINHEIRO QUE EU GANHO
237 AGORA TÁ DE OLHO NO CARRO QUE EU DIRIJO
238 DEMOROU, EU QUERO É MAIS
239 EU QUERO É TER SUA ALMA
240 AÍ, O RAP FEZ EU SER O QUE SOU
241 ICE BLUE, EDY ROCK E KLJ, E TODA A FAMÍLIA
242 E TODA GERAÇÃO QUE FAZ O RAP
243 A GERAÇÃO QUE REVOLUCIONOU
244 A GERAÇÃO QUE VAI REVOLUCIONAR
245 ANOS 90, SÉCULO 21
246 É DESSE JEITO
247 AÍ, VOCE SAÍ DO GUETO,
248 MAS O GUETO NUNCA SAÍ DE VOCE, MOROU IRMÃO
249 VOCE TÁ DIRIGINDO UM CARRO
250 O MUNDO TODO TÁ DE OLHO NI VOCÊ, MOROU
251 SABE POR QUÊ?
252 PELA SUA ORIGEM, MOROU IRMÃO
253 É DESSE JEITO QUE VOCÊ VIVE
254 É O NEGRO DRAMA
255 EU NÃO LI, EU NÃO ASSISTI
256 EU VIVO O NEGRO DRAMA, EU SOU O NEGRO
257 DRAMA
258 EU SOU O FRUTO DO NEGRO DRAMA
259 AÍ DONA ANA, SEM PALAVRA, A SENHORA É UMA
260 RAINHA, RAINHA
261 MAS AE SE TIVER Q VOLTAR PRA FAVELA
262 EU VOU VOLTAR DE CABEÇA ERGUIDA
263 PORQUE ASSIM É QUE É
264 RENASCENDO DAS CINZAS
265 FIRME E FORTE, GUERREIRO DE FÉ
266 VAGABUNDO NATO!

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)